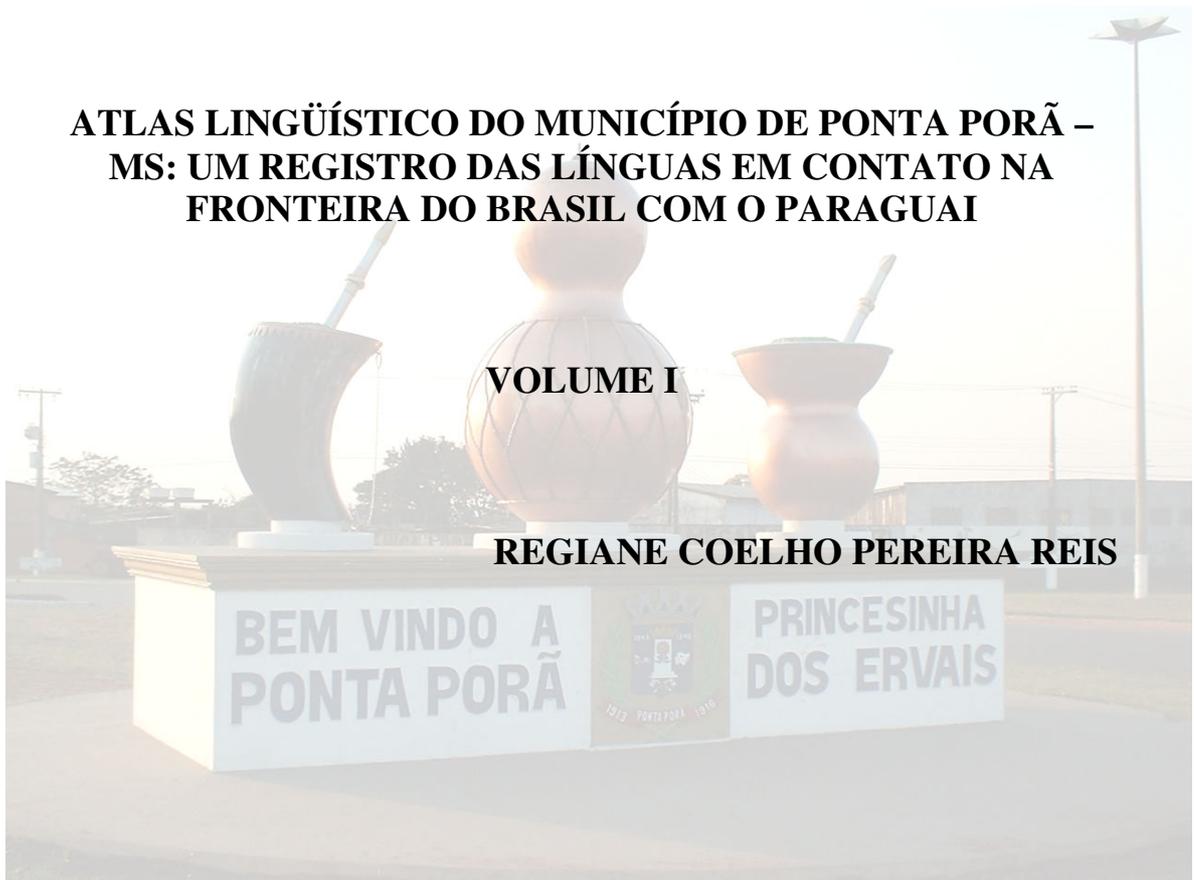


**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

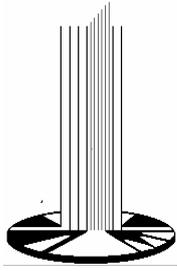
**ATLAS LINGÜÍSTICO DO MUNICÍPIO DE PONTA PORÃ –
MS: UM REGISTRO DAS LÍNGUAS EM CONTATO NA
FRONTEIRA DO BRASIL COM O PARAGUAI**

VOLUME I

REGIANE COELHO PEREIRA REIS



**Três Lagoas – MS
2006**

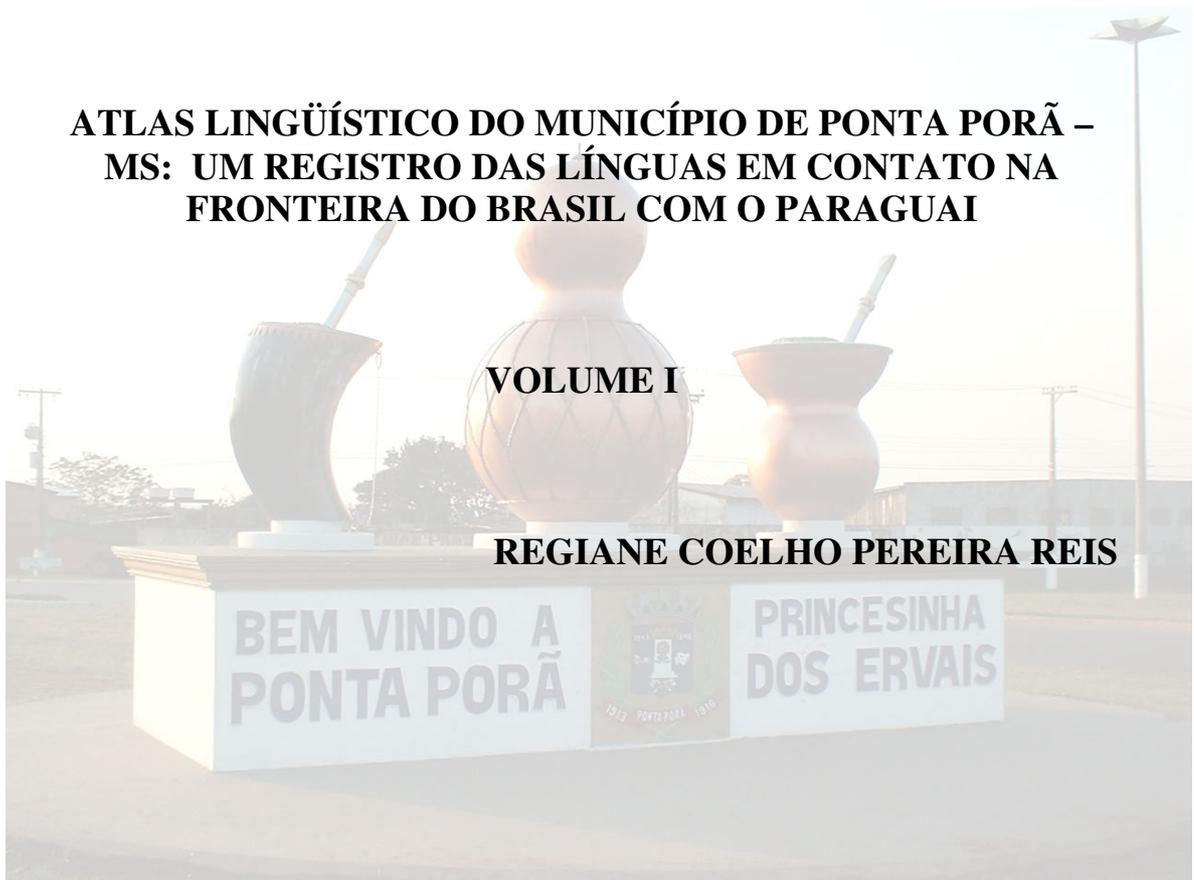


**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**ATLAS LINGÜÍSTICO DO MUNICÍPIO DE PONTA PORÃ –
MS: UM REGISTRO DAS LÍNGUAS EM CONTATO NA
FRONTEIRA DO BRASIL COM O PARAGUAI**

VOLUME I

REGIANE COELHO PEREIRA REIS



**Três Lagoas – MS
2006**

FOLHA DE APROVAÇÃO

REGIANE COELHO PEREIRA REIS

**ATLAS LINGÜÍSTICO DO MUNICÍPIO DE PONTA PORÃ – MS: UM
REGISTRO DAS LÍNGUAS EM CONTATO NA FRONTEIRA DO BRASIL
COM O PARAGUAI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, nível de Mestrado, área de concentração em Estudos Lingüísticos, como requisito parcial para obtenção do título de mestre, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Aprovada em _____ de 2006

Banca examinadora

Prof^ª. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Dercir Pedro de Oliveira
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof^ª. Dra. Aparecida Negri Isquerdo
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Orientadora

Um Atlas lingüístico vale, assim, como registro documental da língua viva e como produto de uma reflexão sobre ela. Porém, como instrumento de trabalho, ele pode ser ponto de partida para novas investigações, multiplicando-se, assim, o seu valor.

(FERREIRA et al, 1996, p. 488)

Dedicatória

Ao mestre dos mestres – Jesus Cristo, acerca de quem Augusto Cury escreveu:

“Sinceramente, os recursos lingüísticos para descrevê-lo são restritos”.

(CURY, 2001, p. 182)

AGRADECIMENTO ESPECIAL

À minha orientadora, Profa. Dra. Aparecida Negri Isquendo, que me conduziu desde o germinar deste trabalho até o final de sua elaboração, por ter colhido ao meu lado, durante esta caminhada, as flores e os espinhos que permeiam as trilhas do trabalho Geolingüístico. A ela devo, nos primeiros passos dados nesta longa jornada, as palavras de encorajamento para decidir-me pela Dialetoлогия, já que notava a afinidade que eu nutria por esse ramo do saber lingüístico, semente plantada por ela durante os anos de estudos dedicados à Iniciação Científica. Não poderia deixar de agradecer as horas a fio, as insônias e as madrugadas sem fim dedicadas à orientação deste trabalho, ocasiões em que apontava os próximos passos a serem dados, os caminhos a serem seguidos. Sei que, além da contribuição profissional doada a esta pesquisa, a orientadora vislumbrou as *pepitas de ouro* quando eu só enxergava cascalhos. Sinalizou um *pare ou continue*, em muitos momentos, orientando o caminhar das minhas idéias. Nas ocasiões de impasse, nas situações que exigiam as tomadas de decisões importantes para o andamento da pesquisa, veio a palavra adequada, às vezes dura, mas precisa. Após o que, trilhávamos com maior segurança as milhas que ainda restavam percorrer.

Há vários caminhos que nos conduzem à investigação dialetal, entretanto, nenhum deles é tão seguro que nos isente dos deslizos e das rotas equivocadas. Nas incertezas, nos riscos, a orientadora fez-me muitas vezes parar, repensar o trabalho e tomar novas direções, quando necessário. Em quase todos os instantes foi o único diálogo possível na solidão do fazer dialetológico. Obrigada é muito pouco, porém, na infinidade de termos que formam o vocabulário da Língua Portuguesa foi a palavra que mais se adequou para expressar a minha gratidão.

AGRADECIMENTOS

A Deus, acima de tudo, pela vida, saúde, paz, força e ânimo que a mim foram concedidos a cada dia. Sem ele, jamais venceria os obstáculos enfrentados no caminho.

A todos os informantes e intermediários pela contribuição prestada a esta pesquisa e por me concederem a honra de ter participado ao lado de cada um deles do melhor curso de Dialetolegia que existe – a pesquisa *in loco*.

Ao meu amado esposo, Drucimar Marinho Reis, pelo constante apoio, companheirismo e paciência; por ter estado ao meu lado nas horas alegres e, mais ainda, nas horas tristes, nos sorrisos e nas lágrimas.

Ao meu querido e amado filho, Igor Coelho Marinho Reis, por ter suportado as longas ausências, pela paciência, carinho e amor a mim dedicados.

À filha do coração, Andréia Barbosa da Silva, amiga de todas as horas, pela contribuição prestada a este trabalho, dedicando-se horas a fio aos cuidados do Igor e, pelo carinho, palavras de incentivo e de ânimo sempre presentes.

A minha mãe, pelo constante apoio, pelo incentivo e por ter sempre acreditado que conseguiria triunfar no final desta jornada.

Ao meu pai, por desde a infância, ter plantado em meu coração a perseverança no lutar por objetivos desejados.

As minhas irmãs, Andréia Coelho Pereira Leite e Rosana Coelho Pereira, pelas orações, pelo incentivo e pelo amor a mim dedicados.

Ao meu cunhado, Jéferson Augusto Novaes Leite, pelo apoio prestado.

Ao meu sogro, Pr. Aparecido Reis, pelas orações e por ter contribuído de diferentes formas pela realização deste trabalho.

A todos os demais membros da minha família, especialmente aqueles que de alguma forma me apoiaram na realização da pesquisa.

À FUNDECT, pela concessão da bolsa e de recursos financeiros que deram suporte financeiro à pesquisa, de março de 2005 a março de 2006.

À orientadora, Prof. Dra. Aparecida Negri Isquierdo, pela paciência e pela perseverança. Aos professores Dercir Pedro de Oliveira e Marlene Durigan pelas observações feitas por ocasião do Exame de Qualificação.

À professora Vanderci de Andrade Aguilera, pela contribuição teórica fornecida por ocasião da consultoria ao projeto de pesquisa, e pela disponibilidade de leitura do Relatório de Qualificação.

À querida amiga Gleidy Aparecida Milani, pela digitalização dos dados geolinguísticos e auxílio técnico na organização das cartas linguísticas e, sobretudo, por ter dedicado muitos dias, noites e madrugadas, debruçada sobre a digitalização dos dados e pelos conselhos, pelo carinho e amizade a mim dispensados.

À Professora Ana Maria Rabelo e ao Professor Ricardo Huber, da Universidade Estadual de Londrina, pela amizade e contribuição no abstract da dissertação.

Aos docentes do Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pelos valiosos ensinamentos, especialmente à Professora Marlene Durigan, pela sua dedicação e atenção aos alunos.

A Mônica Maria Pessoa Corpa Tambelini, pessoa incomum que será sempre lembrada, pois em muito contribuiu para facilitar a nossa vida acadêmica nos trâmites burocráticos, quando era secretária do Mestrado.

A Maria Inês pela acolhida em Três Lagoas-MS, pois no seu lar encontrávamos aconchego e repouso depois de horas de estudo.

À professora e pesquisadora Roseli Áurea Soares Sanches, querida amiga, pela grande contribuição fornecida no decorrer desta pesquisa, especialmente, no que diz respeito aos contatos realizados com os moradores das localidades onde realizamos inquéritos e pela disponibilização de mapas que serviram de base para a confecção das cartas do ALiPP.

À professora e pesquisadora Carla Regina de Souza e família por compartilharem comigo os momentos bons e os ruins durante quase todo o desenrolar da pesquisa, por terem colhido ao meu lado as lágrimas e os sorrisos em muitos momentos.

À amiga Rosângela Pessoa, pelas orações, conselhos e pelas palavras de estímulo em momentos de dificuldades.

A todos os queridos amigos que me ouviram, aconselharam e me suportaram nas horas difíceis.

A Fabiane Altino, pelas contribuições e sugestões.

Ao professor Cléo Vilson Altenhofen, pela contribuição teórica dada à pesquisa.

A professora Priscila Batista de Souza, pelo auxílio na correção dos termos do espanhol e ao professor Cajetano Vera pelo auxílio na correção dos termos do guarani para o Relatório de Qualificação.

Ao professor Horácio dos Santos Braga, pelo auxílio na correção dos termos do guarani e à professora Rosana Coelho Pereira pela colaboração na correção dos termos do espanhol na fase final de elaboração das cartas do ALiPP.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

Deus abençoe a todos!

SUMÁRIO

VOLUME I

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	i
LISTA DE FIGURAS	iii
INTRODUÇÃO	18
CAPITULO I - Descortinando caminhos: aspectos metodológicos	24
CAPITULO II - A Princesinha dos Ervais no Contexto Histórico	57
CAPITULO III - Navegando por correntes lingüísticas: o espaço da Dialetoлогия.	73
CAPITULO IV - Descobrimdo e revelando dados geolingüísticos: análise das cartas lingüísticas.	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	160
REFERÊNCIAS	164
ANEXO: Ficha do Informante	173
ANEXO: Quadro II – Estrutura Geral do Questionário Lingüístico do ALiPP.	176
APÊNDICE:	184
1. Questionário lingüístico	

VOLUME II

Atlas Lingüístico de Ponta Porã - MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai.	211
Apresentação	213
1. Rede de Pontos	213

2. Os Informantes	214
3. O Questionário Lingüístico	215
4. As Cartas	215
5. Índice de Cartas	217
5.1. Cartas Introdutórias	217
5.2. Cartas Lingüísticas	227
5.2.1. Cartas Lexicais	227

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ADDU** – Atlas Diatópico e Diastrático del Uruguay.
- AIS** – Atlas Lingüístico e Etnográfico da Itália e da Suíça Meridional.
- ALA** - Atlas Lingüístico de Andorra
- ALC** - Atlas Lingüístico da Catalunha
- ALC** - Atlas Lingüístico da Córsega.
- ALCE** - Atlas Lingüístico do Ceará.
- ALEANR** - Atlas Lingüístico- Etnográfico Italiano da Córsega.
- ALEIcan** - Atlas Lingüístico y Etnográfico de las Islãs Canarias.
- ALERS** – Atlas Lingüístico Etnográfico da Região Sul do Brasil.
- ALESP** - Atlas Lingüístico do estado de São Paulo.
- ALG** - Atlas Linguistique Etnographique du Leonnais.
- ALI** – Atlante Lingüístico Italiano.
- ALiB** - Atlas Lingüístico do Brasil.
- ALiR** - Atlas Linguistique Roman.
- ALiPP** - Atlas Lingüístico do Município de Ponta Porã.
- ALMS** - Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul.
- ALPR** - Atlas Lingüístico do Paraná.
- ALPB** - Atlas Lingüístico da Paraíba.
- ALR** - Atlas Lingüístico Romeno.
- ALRM** – Micul atlas linguistic român.
- ALS** - Atlas Lingüístico do Sergipe.
- AMFFI** – Associação de Moradores e Ex-funcionários da Fazenda Itamarati.
- APERJ** - Atlas dos Pescadores do estado do Rio de Janeiro.
- APFB** - Atlas Prévios dos Falares Baianos.
- CUT** – Central Única dos Trabalhadores.
- DFG** – Conselho Alemão de Investigação Científica.
- E** – Espanhol.
- EALMG** – Esboço do Atlas Lingüístico de Minas Gerais.

EQ – Extrato de Questionário.

F - Feminino.

FAFI – Federação da Agricultura Familiar.

FETAGRE – Federação dos Trabalhadores da Agricultura.

G – Guarani.

H – Formas Híbridas.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária de Mato Grosso do Sul.

M – Masculino.

MS – Mato Grosso do Sul.

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terras.

NALF – Novo Atlas Lingüístico da França.

O – Origem obscura.

P.1, P.2 – Ponto 1. 2...

PR – Paraná.

QFF – Questionário Fonético-Fonológico.

QMS – Questionário Morfossintático.

QSL – Questionário Semântico-Lexical.

UEL – Universidade Estadual de Londrina.

UFBA – Universidade Federal da Bahia.

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

LISTA DE FIGURAS

Mapa do estado de Mato Grosso do Sul.	66
Mapa de Ponta Porã no estado de Mato Grosso do Sul.	68
Mapa Antigo de Ponta Porã.	70
Mapa Moderno de Ponta Porã.	71
Mapa Dialetal do Brasil proposto por Antenor Nascentes	79
Quadro I – Rede de Pontos do ALiPP.	27
Quadro II – Estrutura do Questionário Lingüístico do Atlas Lingüístico de Ponta Porã – ALiPP.	43
Quadro III – Perfil dos Informantes do ALiPP.	108
Quadro IV – Designações relativas a acidentes geográficos – ALiPP.	110
Quadro V – Designações relativas a fenômenos atmosféricos – ALiPP.	112
Quadro VI – Designações relativas à flora – ALiPP.	119
Quadro VII – Designações relativas a elementos da fauna – ALiPP.	122
Quadro VIII – Designações relativas ao corpo humano – ALiPP.	127
Quadro IX – Designações para doenças comuns – ALiPP.	127
QUADRO X – Designações relativas a características físicas do homem – ALiPP	134
QUADRO XI – Designações relativas à cultura e ao convívio – ALiPP	136
QUADRO XII – Designações relativas a ciclos da vida – ALiPP	139
QUADRO XIII – Designações relativas a religiões e a crenças – ALiPP	142
QUADRO XIV – Designações relativas à alimentação e a utensílios – ALiPP	145
QUADRO XV – Designações relativas à habitação – ALiPP	150
QUADRO XVI – Designações relativas a tipos de trabalho e a atividades agropastoris – ALiPP	152

RESUMO

Dentre as ciências que se ocupam do estudo da variação lingüística situa-se a Dialectologia que centra seus estudos na descrição das diferenças regionais da modalidade oral da língua. A par da Dialectologia situa-se a Geolingüística, enquanto método de cartografiação das variedades lingüísticas colhidas na oralidade. Este trabalho teve como objetivo o registro da modalidade oral da variante sul-mato-grossense da língua portuguesa – município de Ponta Porã –, por meio de um atlas lingüístico e, além da documentação de possíveis mudanças lingüísticas na língua falada e do registro de marcas de conservadorismo e de bilingüismo nas línguas em contato (português, espanhol e guarani) na fronteira. A escolha da localidade considerou a importância histórica e geográfica de Ponta Porã, município situado na fronteira seca entre Brasil e Paraguai que foi cenário da Guerra do Paraguai (1864-1870), fator que gera intensas trocas culturais e lingüísticas nessa faixa de território dando-lhe, especialmente na língua falada, fisionomia própria, distinta de outras regiões do estado de Mato Grosso do Sul. Além disso, a localidade é ponto de inquérito de dois outros projetos: Atlas lingüístico do Brasil e Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul. A base teórico-metodológica da pesquisa centrou-se nos fundamentos da Dialectologia e da Geolingüística. A rede de pontos reuniu oito localidades – sete no interior do município e a sede, distribuídas de norte a sul e de leste a oeste. Para a definição da rede de pontos foram considerados os seguintes critérios: i) a densidade demográfica do município; ii) a importância histórica e geográfica da localidade; iii) a situação de línguas em contato que se manifesta na fronteira. As entrevistas foram realizadas com o auxílio do questionário lingüístico semântico-lexical que contém 260 perguntas e 02 narrativas, com dois informantes em cada localidade – um masculino e um feminino –, de faixa etária entre 45 e 70 anos, analfabetos ou com baixa escolaridade, com ascendência paraguaia, falante bilíngüe e residente na localidade há mais de vinte anos. O produto final da pesquisa resultou no Atlas Lingüístico de Ponta Porã- MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai – ALiPP, que contém 232 cartas léxicas. A pesquisa documentou a forte influência do guarani, como língua nativa usual na fronteira, que suplantou ao uso do espanhol, língua transplantada; o entrelaçamento do português com os idiomas da fronteira, gerando grande incidência de termos híbridos de base portuguesa, guarani e espanhola, como *estrella guia* (espanhol/português), *arroyo yembe'y* (margem do rio/espanhol/guarani), além de termos regionais e arcaísmos *ikoe*, *ikôm*, *mellizo* e *gêmeas* (bananas grudadas em guarani/espanhol/português, respectivamente). Esses idiomas se entrelaçam e se confundem dando à fala dessa faixa fronteira características peculiares, cujo registro revela um mundo multicultural e refletem o bilingüismo que advém dos contatos lingüísticos que ultrapassam a divisão político-administrativa.

Palavras-chave: Atlas lingüístico; Ponta Porã; Geolingüística; língua em contato.

ABSTRACT

Among the sciences that deal with the study of linguistic variation there is Dialectology, centred in the description of regional differences in speech. With Dialectology comes Geolinguistics as a method of cartographic registration of linguistic varieties collected in speech. This study aimed at the registry of the oral form in the variant found in the Portuguese of Mato Grosso do Sul state - in the municipality of Ponta Porã - through a linguistic atlas, besides the documentation of possible linguistic changes in the spoken language and the registration of conservative marks and of bilingualism in the languages in contact (Portuguese, Spanish and Guarani) on the border. The choice of such location considered both the historical and geographical importance of Ponta Porã, municipality situated on the dry border between Brazil and Paraguay, being part of the set where the War of Paraguay (1864-1870) took place, a factor that generates intense cultural and linguistic exchange in this strip of territory, giving it typical features, specially in spoken language, distinct from other regions in the state of Mato Grosso do Sul. Besides that, the location is a point of enquiry for two other projects: the Linguistic Atlas of Brazil and the Linguistic Atlas of Mato Grosso do Sul. The theoretical-methodological basis for the research is centred in the fundamentals of Dialectology and Geolinguistics. The network gathered eight locations - seven in the interior of the municipality and the headquarters, distributed from north to south and from east to west. For defining such network the following criteria were considered: i) the demographic density of the municipality; ii) its historical and geographical importance; iii) the situation of languages in contact manifested on the border. The interviews were performed with the help of a semantic-lexical linguistic questionnaire that contains 260 questions and 2 narratives, with two informants in each locality - one male and one female - in the age group of 45-70 years old, illiterate or exposed to very little formal education, with Paraguayan ancestry, bilingual and living in such location for over twenty years. The final product of such research resulted in the Linguistic Atlas of Ponta Porã – MS: a register of languages in contact on the border of Brazil and Paraguai - ALiPP, that contains 232 lexical cartographic sheets. The research documented a strong influence of Guarani as the native tongue on the border, which supplanted to the use of Spanish, the transplanted language; the intertwining of Portuguese with the languages from the border generating a high incidence of hybrid terms based on Portuguese, Guarani and Spanish, such as *estrella guia* (= *guiding star*: Spanish/Portuguese) or *arroyo yrembe'y* (= *river bank*: Spanish/Guarani), besides regionalisms and archaisms such as *ikoe*, *ikôm*, *melizzo* and *gêmeas* (= *twins*, for bananas stuck together in Guarani, Guarani, Spanish and Portuguese, respectively). These languages are strongly intertwined, thus giving peculiar characteristics to the local speech employed in this area, its registration reveals a multicultural world and reflects the bilingualism that comes from linguistic contacts that certainly exceed political-administrative boundaries.

Keywords: Linguistic Atlas; Ponta Porã; Geolinguistics; Languages in contact.

*Chega mais perto e contempla as palavras
Cada uma
Tem mil faces secretas sob a face neutra...
Trouxeste a chave?*
Carlos Drummond de Andrade.

INTRODUÇÃO

O poeta revela, na epígrafe, a aura metafórica que envolve a *palavra*. Denota, num primeiro momento, sua face neutra, incerta como o olhar dos ébrios. No entanto o poeta continua cantando em versos o inevitável questionamento: *trouxeste a chave?* A pergunta nos remete à profundidade do ser em busca da materialidade das “coisas” por meio do signo lingüístico que não permite nem admite apenas um significado, mas sim vários sentidos, dependendo da circunstância, do contexto ou do lugar de onde se fala, haja vista que a palavra tem mil faces e está longe de ser neutra.

É sabido que a linguagem, metaforicamente, é reconhecida como uma roupagem que, por vezes, camufla o verdadeiro sentido, o verdadeiro conteúdo do objeto. Assim, na análise do vocabulário de um grupo humano, especialmente num recorte regional, que podemos recolher formas lingüísticas que denotem as influências socioculturais sofridas por esse grupo. É por isso que, ao pesquisador, como ao garimpeiro, a busca por fatos de língua que desnudem, pelo menos, uma das faces da linguagem de uma sociedade, se configura como achados de intenso valor - as jóias lingüísticas.

Na análise da língua em uso pode-se, ainda, recuperar representações humanas e ideológicas que dotam a palavra de uma força transcendental e mítica, subjacente ao acervo cultural de uma comunidade. Podemos falar da força criadora da linguagem que, por vezes, atravessa fronteiras, infiltra-se, de forma sutil, em culturas e em sociedades diversas, como é o caso da influência cultural paraguaia no cotidiano dos habitantes do município de Ponta Porã – MS, localizado na fronteira do Brasil com o Paraguai. É fato inegável, pois, que a

língua não é estática – ela varia, entre outros aspectos, de acordo com a época, com a localização geográfica e com a situação social do falante, decorrendo daí diversidades e mudanças. A comunidade de falantes é que atua sobre a língua de forma criativa, renovando-a e não a deixando morrer. A língua pode ser entendida também como sistema, código que possibilita ao falante comunicar-se, identificando-o como sujeito num mundo histórica e geograficamente situado. Embora as línguas se alterem com mais lentidão que as culturas, a língua exerce papel fundamental na identificação do homem e de sua cultura: indivíduos de línguas e culturas diferentes terão também concepções de mundo distintas (ELIA, 1987, p.61- 63).

Nesse contexto, os estudos dialetológicos, por exemplo, podem “fotografar” a realidade lingüística de grupos de falantes, descrevendo e até mapeando variedades lingüísticas regionais. No Brasil há redutos de comunidades bastante diversificadas, no que tange às marcas regionais impressas no uso da língua, em decorrência de influências indígenas, africanas, européias, asiáticas, que se configuram como efervescentes pontos de investigação lingüística para pesquisadores interessados nessas questões.

Dentre as ciências que se ocupam do estudo da variação, situa-se a Dialectologia que não se configura como ciência de gabinete, antes está voltada para a investigação da linguagem oral, nas suas várias faces significativas, nas suas marcas culturais e regionais. À ciência dialetológica cabe, pois, a tarefa de descrever as diferenças de fala em cada região. Trata-se de uma área de investigação anterior à Lingüística moderna e sua importância dentre as ciências da linguagem se faz sentir desde a publicação dos primeiros atlas lingüísticos europeus, no fim do século XIX e início do XX.

Em relação aos estudos dialetológicos no Brasil, pesquisadores de quase todo o território brasileiro têm atendido ao chamado de Nascentes (1953) quanto à necessidade de elaboração de um atlas nacional, propósito ora concretizado com o projeto Atlas Lingüístico do Brasil (Projeto ALIB), já em andamento.

Referência em pesquisa dialetológica no Brasil, Antenor Nascentes foi o primeiro pesquisador a delimitar as regiões brasileiras quanto a seus falares e subfalares. Dentre as localidades propostas pelo dialetólogo em 1953, como pontos de inquérito para o Atlas Lingüístico do Brasil, inclui-se, no estado de Mato Grosso do Sul, o município de Ponta Porã, localidade que, atualmente, integra as redes de pontos tanto do Projeto ALIB quanto do projeto do Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul (Projeto ALMS). Isso já demonstra a relevância dessa localidade como fonte de pesquisas dialetais e sociolingüísticas, o que

por si só justificaria a realização de uma investigação mais detalhada da realidade lingüística dessa faixa de fronteira.

Em estudo anterior (REIS, 2004)¹, tivemos contato com o perfil sócio-lingüístico-cultural dessa localidade e sua respectiva influência em designações mágico-religiosas, recolhidas da fala de treze habitantes da cidade de Ponta Porã. O recorte do vocabulário analisado demonstrou aspectos relevantes acerca das trocas culturais e lingüísticas que se processam no convívio diário entre brasileiros e paraguaios nessa faixa de fronteira. Assim, designações como enterro (assombração), ãña (nome em guarani para o referente diabo) e pombeiro (bugre considerado ser mitológico no Paraguai e em Ponta Porã) instigaram-nos a “mergulhar mais fundo” na investigação dessa riqueza cultural e lingüística. Nessa região culturas se mesclam e são partilhadas pelos habitantes de Ponta Porã (Brasil) e de Pedro Juan Caballero (Paraguai), o que se traduz numa linguagem em que se amalgamam três idiomas: o guarani, o espanhol e o português.

Acresce-se ainda o fato de o guarani ter sido oficializado² como língua materna e de cultura no Paraguai. Esse fator poderá desencadear mudanças lingüísticas que se refletirão na língua da fronteira, particularmente no lado brasileiro, a médio e a longo prazo, podendo inclusive, alterar a realidade lingüística atual, dado o prestígio conferido ao guarani como idioma oficial, fator que poderá contribuir para minimizar o preconceito ainda existente com relação a essa língua na fronteira, já que ainda é vista, pelos próprios falantes como uma língua estigmatizada. Daí a importância de pesquisas voltadas para a descrição do momento atual da realidade lingüística desse reduto brasileiro.

Somada aos motivos apresentados, há que se registrar que a nossa experiência como inquiridora dos projetos Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul e Atlas Lingüístico do Brasil em municípios fronteiriços tem-nos propiciado o contato direto com a realidade lingüística da região e mostrado a necessidade de estudos mais pontuais sobre essa variante do português do Brasil. Foi pensando nessa realidade lingüística com múltiplas e variadas faces e com o intuito de “fotografar” essa riqueza lingüística e cultural que nos propusemos investigá-la, procurando demonstrar a importância desse falar regional para a descrição da variante sul-mato-grossense e brasileira da língua portuguesa, sobretudo no que diz respeito

¹ Referimo-nos à monografia produzida como atividade de avaliação da disciplina “Fundamentos de Dialetolegia”, ministrada no primeiro semestre de 2004, no Programa de Mestrado em Letras da UFMS, pela Profa. Dra. Aparecida Negri Isquero, sobre o tema “Estudo diatópico e sócio-cultural de designações mágico-religiosas na fronteira do Brasil com o Paraguai”.

² Em agosto de 1995 o Guarani recebeu *status* de língua histórica pelos países membros da comunidade econômica do Mercosul. Fonte: tp.wikipedia.org/wiki/Língua_guarani.

a marcas de conservadorismo lingüístico e de bilingüismo³. Como bem atesta Brandão (1991, p. 11), na realidade lingüística brasileira, *ressaltam-se regiões conservadoras e inovadoras, centros de irradiação cultural, zonas de transição, o que permite que se estabeleçam, com base em combinações de traços lingüísticos comuns, de isoglossas, os limites entre falares.*

O estudo justifica-se ainda pelo fato de seus resultados poderem futuramente subsidiar outras pesquisas nessa área, uma vez que registrou e mapeou fatos de língua de uma comunidade de falantes com características históricas e geográficas particulares, destacando, no nível lexical, influências das línguas em contato que convivem na localidade investigada.

A opção pelo nível lexical pauta-se no fato de o léxico de uma língua natural representar o complexo inventário de uma sociedade, no decorrer das diferentes épocas da sua história, podendo-se por meio dele visualizar hábitos, ideologias, vivências, religiões, enfim, a cultura de um povo. Isto porque ... *no exame de um léxico regional analisa-se e caracteriza-se não apenas a língua, mas também o fato cultural que nela deixa transparecer. Esta perspectiva de análise favorece uma melhor compreensão do próprio homem e da sua maneira de ver e representar o mundo* (ISQUERDO, 1998, p.89). É nesse tipo de definição que nos apoiamos para priorizar o viés do léxico nesta pesquisa, para fins de cartografia dos dados geolingüísticos.

Com a descrição do nível lexical pretendemos, pois, registrar as variações de uso da língua nas comunidades selecionadas para a rede de pontos da pesquisa, por entendermos, com Aguilera (1998, p.145), que a tarefa primordial *dos atlas lingüísticos é justamente investigar variações de usos da língua em diferentes espaços geográficos, dando-se especial atenção aos contextos culturais e situações informais em que se concretizam as atividades lingüísticas, que se evidenciam principalmente nos planos lexical e fonético/fonológico.* A opção pelo nível lexical levou em conta, além da identificação e da experiência da pesquisadora com estudos acerca do léxico regional⁴ e do fato de ser o nível lexical o que melhor reflete marcas de conservadorismo ou mudanças na fala de uma

³ Neste trabalho, estamos considerando o seguinte conceito de bilingüismo: *...a situação lingüística na qual os falantes são levados a utilizar alternativamente, segundo os meios ou as situações, duas línguas diferentes. É o caso mais corrente de plurilingüismo* (DUBOIS, 1973, p.87).

⁴ Durante a graduação desenvolvemos como bolsista do PIBIC/CNPq/UFMS, sob orientação da Profa Dra Aparecida Negri Isquerdo, dois projetos de Pesquisa: “Vocabulário da Alimentação: um estudo léxico-semântico na linguagem falada no Pantanal da Nhecolândia-MS” (2000-2001) e “Vocabulário da Alimentação: um estudo léxico-semântico na linguagem falada no Estado de Mato Grosso do Sul” (2001-2002). Parte dos resultados da primeira pesquisa foi publicada em artigo científico. Cf. Reis; Isquerdo (2000, p. 16-24).

comunidade, os prazos estabelecidos pelo Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMS, para a conclusão da dissertação.

Para a construção do referencial teórico, buscamos respaldo nos fundamentos da Dialetoлогия e da Geolingüística contemporâneas. Ressalte-se que a Dialetoлогия tradicional estava mais voltada para a descrição de fatos lingüísticos do falar rural, visto que se entendia ser esse contexto o espaço em que pululavam os conservadorismos, de formas lingüísticas mais usuais, dadas as características das comunidades rurais.

A Dialetoлогия contemporânea, por sua vez, ocupa-se do estudo dos falares rurais ou urbanos, adotando para tanto uma metodologia mais apurada para a recolha de dados, já que a ciência dialetológica tem se apropriado de contribuições da Sociolingüística e revisto alguns de seus princípios, particularmente no que se refere à escolha dos informantes, à seleção de variáveis, como faixa etária, sexo, escolaridade na definição do perfil dos sujeitos da pesquisa (OLIVEIRA, 1998, p.238). Entende-se, na atualidade, que não se pode separar a questão espacial da social, no estudo da língua. Assim, fatores internos que implicam o aproveitamento satisfatório ou não da entrevista devem ser considerados numa pesquisa dialetológica, dentre estes, a cooperação do informante, o profissionalismo do inquiridor, sobretudo tomando-se o cuidado para que haja entre inquiridor e informante um relacionamento *solidário, no sentido que devem confiar um no outro* (ALTINO, 2003, p. 516). Dessa forma, a Dialetoлогия contemporânea se ocupa do estudo do uso da língua dentro de uma comunidade de falantes, registrando, para tanto, a fala rural e a urbana.

Já na Geolingüística, enquanto método de cartografiação e mapeamento das variedades lingüísticas colhidas na oralidade, buscamos respaldo técnico-científico para a elaboração do atlas que registrou a norma regional do falar do homem do município de Ponta Porã-MS.

Propusemos as seguintes hipóteses para orientar a pesquisa:

1. o estudo da diversidade lingüística na fronteira do Brasil com o Paraguai pode documentar não só situações de mudança em curso, como também traços de conservadorismo lingüístico nas línguas em contato nessa área de fronteira;

2. o vocabulário do habitante da fronteira evidencia marcas de bilingüismo em virtude da interinfluência das línguas em contato na região;

3. um atlas lingüístico do município de Ponta Porã pode registrar o uso de uma variante lingüística fortemente marcada pelo conservadorismo lingüístico e traços de ruralidade.

Com vistas a perseguir a confirmação dessas hipóteses, como objetivo geral da pesquisa, buscamos documentar a modalidade oral do homem do município da fronteira de Ponta Porã com Pedro Juan Caballero, no nível lexical, por meio de um Atlas lingüístico da faixa de fronteira. Já como objetivos específicos nos propusemos registrar a variedade diatópica da fala do município de Ponta Porã; identificar marcas de conservadorismo e de bilingüismo no vocabulário do homem do município investigado, e registrar possíveis influências das línguas em contato na região pesquisada no vocabulário do homem da fronteira.

Considerando os objetivos expostos, delimitamos a seguinte rede de pontos para a pesquisa: Ponta Porã (a sede do município), os distritos e respectivos bairros rurais, a saber: Cabeceira do Apá (Norte/Oeste), Fazenda Paquetá-Cedro (Norte/Leste), Fazenda Santa Virgínia (Centro), Sanga Puitã divisa com a República do Paraguai (Sul/Oeste), Lagunita (Sul/Leste), e, por fim, na outra extremidade sul, a leste, Posto Guaíba.

Os dados foram recolhidos com o auxílio de um questionário lingüístico que resultou da adaptação do Questionário do Projeto Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul às necessidades e objetivos desta pesquisa.

Como já foi exposto, Ponta Porã se configura como região fronteira, fato que denota, à linguagem e aos hábitos culturais impressos na sua trama sócio-físico-cultural, peculiaridades das mais diversas. Assim, percorremos um caminho teórico-metodológico em consonância ao modelo padrão na definição da metodologia, especialmente, no que diz respeito ao perfil dos informantes, ao instrumento de coleta e à estruturação do trabalho. Na seleção de informantes, por exemplo, as variáveis “bilíngüe” e “ascendência paraguaia” foram consideradas tendo em vista que um dos objetivos da pesquisa voltou-se para a recolha de traços de bilingüismo na fala dos habitantes da localidade.

Como conseqüência dessas opções metodológicas e buscando uma coordenação entre as partes e o todo da dissertação, especialmente em decorrência do grande volume de dados, optamos por dividir o trabalho em dois volumes, o primeiro destinado aos dados relativos às várias etapas da pesquisa e o segundo, ao atlas que foi produto da pesquisa.

Assim, o Volume I inicia com a descrição da metodologia adotada para a pesquisa – Capítulo I. Na seqüência, apresentamos aspectos históricos e geográficos da região investigada – Capítulo II. Em seguida, incluímos a revisão da bibliografia que orientou a pesquisa – Capítulo III – e uma reflexão sobre os fatos lingüísticos mapeados – Capítulo IV, seguidos das considerações finais, das referências e da seção de anexo e apêndice.

O Volume II, por sua vez, apresenta o produto final da pesquisa, ou seja, o Atlas Lingüístico do Município de Ponta Porã –MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai. Esse volume contém, além da Apresentação, as cartas lingüísticas que compõem o Atlas.

CAPITULO I

DESCORTINANDO CAMINHOS: ASPECTOS METODOLÓGICOS

Desde que nos propusemos fazer o Atlas Lingüístico de Ponta Porã-MS (ALiPP) temos buscado fontes teóricas sobre a Dialectologia e encontrado a base metodológica nos seus clássicos e os parâmetros de recolha de dados na sua contemporaneidade, em especial, nos teóricos portugueses e brasileiros.

Considerando, assim, os objetivos e as hipóteses estabelecidos para a pesquisa e as bases teóricas definidas para ancorar a execução de atlas lingüísticos modernos, ativemo-nos aos pressupostos teóricos tanto da Dialectologia moderna quanto da tradicional, no que se refere aos critérios de escolha da localidade e dos informantes e na definição do questionário lingüístico. Essas opções são evidenciadas na seqüência deste Capítulo.

1. A área geográfica investigada

É sabido que o estado de Mato Grosso do Sul é privilegiado geograficamente por situar-se na fronteira seca com países como Paraguai e Bolívia, fato que redundando em trocas culturais e lingüísticas que enriquecem consideravelmente os hábitos e os falares nas fronteiras brasileiras desse Estado. Eis o que nos levou até Ponta Porã, área de fronteira seca, em busca de dados geolingüísticos.

Nosso interesse pela localidade de Ponta Porã foi motivado pela importância geográfica e histórica do município, já que foi palco da guerra do Paraguai e, sobretudo, pela situação de contatos lingüísticos que caracteriza o falar da região, uma mescla de falares que resulta numa rica diversidade lingüística. Acresce-se a isso o fato de, durante muito tempo, o espanhol ter sido a língua oficial do Paraguai, razão pela qual os próprios falantes paraguaios têm certo preconceito contra a língua guarani, vendo-a como língua

estigmatizada, exposta na fala do dia-a-dia, no uso entre paraguaios, brasileiros e brasiguaios⁵ na fronteira.

Como já foi assinalado, a preferência por essa área de pesquisa foi pautada, também, no fato de a cidade de Ponta Porã ser ponto de inquérito de dois grandes projetos: o Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul (ALMS) e o Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB), o primeiro, um projeto da UFMS; o segundo, nacional de natureza interinstitucional, sediado da Universidade Federal da Bahia.

Além disso, esse novo atlas lingüístico poderá posteriormente permitir um estudo contrastivo e/ou comparativo entre a fala rural e urbana, dos habitantes pontaporanenses, visto que até o presente momento não há trabalhos geolingüísticos voltados para os falares rurais da localidade aqui investigada.

Assim, a seleção dos *pontos lingüísticos* foi realizada com base nos critérios adotados por Nascentes (1953; 1958), pelo projeto Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul e pela equipe do Projeto ALiB (2001; 2004), segundo os quais se levam em conta fatores de ordem geográfica, cultural e histórica, para a seleção das localidades a serem pesquisadas. Seguindo essas orientações, selecionamos pontos que recobrissem toda a área de Ponta Porã, contornando-o nos sentidos leste/oeste/norte/centro e leste/oeste/sul/centro.

Para tanto, num primeiro momento, consultamos um mapa do Brasil, situando o município; em seguida, entramos em contato via telefone com funcionários da Prefeitura Municipal de Ponta Porã (MS) e obtivemos informações sobre os bairros rurais existentes no município e sua respectiva localização geográfica. Pautada nos critérios estabelecidos e nas informações fornecidas pela Prefeitura, definimos, num primeiro momento, uma rede de seis (06) pontos: Cabeceira do Apá (norte), Santa Virgínia (Centro/Oeste), Porto Torraca (oeste), Sanga Puitã, divisa com a república do Paraguai (sul), Posto Guaíba (ao centro) e, na outra extremidade sul, Capão Bonito.

Num segundo momento, em visita à Prefeitura de Ponta Porã, ao contarmos profissionais da área de desenho e de mapeamento, constatamos que muitas das localidades anteriormente selecionadas não se configuravam como bairros rurais⁶. Em face disso, já de posse do mapa do município e sob a orientação dos funcionários da Prefeitura Ramão

⁵ Cognome dado a paraguaios residentes no Brasil ou brasileiros residentes no Paraguai. Ou ainda nomeia os moradores da fronteira que têm dupla nacionalidade (registros paraguaios e brasileiros).

⁶ O termo “bairro rural”, nesse contexto, nomeia comunidades sediadas em fazendas e/ou distritos, que tenham de certa forma um ambiente organizado socialmente com escola, igreja, mercado, correio, hospital ou posto de saúde, etc.

Adiles Jasin⁷ e Américo Eduardo Riquelme, redefinimos a rede de pontos do projeto que passou a ter a seguinte configuração: Cabeceira do Apá (Norte/Oeste), Fazenda Paquetá-Cedro (Norte/Leste), Santa Virgínia (Oeste/Sul/Centro), Fazenda São Vicente (Leste/Norte), Sanga Puitã divisa com a República do Paraguai (Sul/Oeste), Lagunita (Sul/Leste/Centro), e por fim, na outra extremidade, Fazenda Paquetá II (Sul/Oeste).

Todavia, como a maioria dos projetos de dissertação, este também sofreu ajustes ao longo da execução da pesquisa, já que os dados é que direcionam alguns passos no caminhar da pesquisa lingüística. Assim, de posse de novas informações histórico-geográficas, tivemos que fazer novas alterações nas localidades anteriormente escolhidas.

Desta forma, num terceiro momento e já em campo, após conseguirmos o terceiro mapa do município com uma melhor qualidade de visualização das fazendas e distritos⁸ de Ponta Porã, descobrimos uma informação equivocada acerca da localização da Fazenda Paquetá-Cedro, que se situa perto da Fazenda São Vicente, também ponto de inquérito desta pesquisa. Assim, por já se ter aplicado questionários na Fazenda Paquetá-Cedro, decidimos excluir a Fazenda São Vicente da rede de pontos. Neste caso, ficaria a região central da parte norte descoberta e, para preencher essa lacuna, incluímos, entre os pontos lingüísticos, a localidade de Lagoinha, por estar estrategicamente próxima à área que precisava ser coberta, ficando, assim, sanada a falta de uma localidade rural na região centro/norte do município de Ponta Porã.

Num quarto momento, quando concluíamos a aplicação dos inquéritos, descobrimos por intermédio do funcionário da Prefeitura Municipal, Senhor Nilson Martins Peixoto, proprietário de uma fazenda próxima à Lagoinha, que o bairro rural ali existente estava desativado, por isso a excluimos da rede de pontos justificando-se, com isso, a ausência de um ponto lingüístico na região Oeste/Norte do município, justamente por não haver nessa região bairros rurais.

Por ocasião da coleta de dados na Fazenda Paquetá-II, após exaustiva tentativa de encontrar informantes que se encaixassem no perfil da pesquisa, descobrimos não haver ali pessoas que pudessem ser entrevistadas. Dali nos dirigimos, então, para a localidade de Posto Guaíba, a dez quilômetros da Fazenda Paquetá II, situada na mesma região da anterior, em virtude de termos conseguido informação segura quanto à existência de moradores que se encaixavam no perfil estabelecido para a pesquisa, haja vista que um

⁷ Esse funcionário trabalhou como pesquisador do IBGE em Ponta Porã (MS), razão por que pôde nos fornecer informações mais precisas sobre os bairros rurais.

⁸ O termo Distrito designa a divisão administrativa de um município ou cidade, que pode compreender um ou mais bairros (Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, HOUAISS, 2001).

funcionário da Fazenda Paquetá II, Prof. Eronides Vital de Barros, tinha contatos com os moradores dessa localidade. Dessa forma, a localidade Posto Guaíba foi reintegrada à rede de pontos do ALiPP, apesar dos desvios das informações obtidas ao longo da pesquisa.

Vale esclarecer também que a Fazenda Itamarati estava fora da rede de pontos, visto que, na Prefeitura, tínhamos obtido a informação de que todas as comunidades rurais dessa localidade eram recentes⁹, o que impediria a pesquisa nessa região. Conversando com pesquisadores e professores de Ponta Porã, em especial com o professor Aparecido Lázaro Justiniano, tomamos conhecimento da existência de antigos empregados fixados na Fazenda, o que nos levou a acrescentar mais essa localidade à rede de pontos desta pesquisa, e com isso contemplar a região central do município. Por ocasião da qualificação deste trabalho foi-nos sugerido pela banca avaliadora, constituída pelos professores Dr. Dercir Pedro de Oliveira e Dra. Marlene Durigan, o acréscimo da sede do município de Ponta Porã à rede de pontos, uma vez que num primeiro momento o projeto contemplava apenas localidades da área rural, considerando-se, ainda, que a sede do município integra as redes de pontos dos projetos ALMS e ALIB.

Assim, a rede de pontos final do ALiPP reuniu oito (08) localidades, segundo a localização e o número dos pontos, assim organizados, de oeste para leste e do norte para ao sul, ou da esquerda para a direita e de cima para baixo. Vejamos o Quadro I, a seguir com a distribuição final da rede de pontos:

QUADRO I - REDE DE PONTOS DO ALiPP

Número do Ponto	Nome da Localidade	Localização
1	Fazenda Paquetá-Cedro (Antiga fazenda Cedro)	Norte/Leste
2	Distrito da Cabeceira do Apá	Norte/Oeste
3	Fazenda Itamarati	Centro
4	Posto Guaíba	Sul/Leste
5	Fazenda Santa Virgínia	Centro/Oeste
6	Sede do município de Ponta Porã	Sul/Oeste
7	Distrito de Lagunita	Sul/Leste

⁹ Essa localidade foi objeto de reforma agrária por parte do governo federal, beneficiando os moradores com doações de terras.

8	Distrito de Sanga Puitã divisa com a República do Paraguai	Sul/Oeste
---	--	-----------

A definição do número de pontos pautou-se também na densidade demográfica do município - 11.83 hab/ km², de acordo com dados do IBGE (2001), fator que justifica o número relativamente baixo de pontos.

1.1 – Uma visão geral da rede de pontos

Apresentamos, a seguir, um esboço histórico dos pontos onde foram coletados os dados lingüísticos.

- Fazenda Paquetá-Cedro (Ponto 1) – Propriedade rural de difícil acesso, situada a 103 km² de Ponta Porã, no sentido Norte/Leste. A população conta com apenas um horário de ônibus que sai da Fazenda para Cabeceira do Apá, às 17h20min. e retorna a essa localidade só na manhã seguinte, às 7h40min. Na fazenda, há um número bastante elevado de funcionários, alguns com residência fixa e outros que dormem em alojamento durante a semana e nos finais de semana retornam para a sede do município; um refeitório destinado aos funcionários que não têm residência fixa na propriedade, e atendimento médico com primeiros socorros. Há uma igreja evangélica sem denominação, a que todos os que querem participar das reuniões cristãs têm acesso. Como não há escola na fazenda, o proprietário disponibiliza um ônibus escolar para transporte dos filhos dos empregados até Cabeceira do Apá para cursarem o ensino básico e o médio. A Fazenda Paquetá possui ainda vários retiros¹⁰, onde residem funcionários novos, pois os mais antigos residem na sede da fazenda (apenas três famílias).

Notamos nessa localidade acentuada influência gaúcha, por serem os donos da propriedade, naturais do Rio Grande do Sul e, conseqüentemente, de lá importarem mão-de-obra para a fazenda.

- Cabeceira do Apá (Ponto 2) – Distrito de Ponta Porã, situado no sentido norte/oeste da sede do município. Conta com uma escola municipal que se responsabiliza pelo Ensino Fundamental e o Ensino Médio é o oferecido em parceria com o governo estadual. Os professores que lecionam nessa localidade, em sua grande maioria, vêm de Ponta Porã e, em virtude do difícil acesso e da carência de meios de transportes, hospedam-

¹⁰ Comunidades em pontos estratégicos, afastados da sede da fazenda onde residem empregados (Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, HOAISS, 2001).

se durante a semana no alojamento de professores localizado ao lado da escola. Essa localidade tem três igrejas - Assembléia de Deus, Católica e Adventista; uma indústria de secagem de soja – Sperafico; dois mercados de pequeno porte com açougue; um salão de festas pertencente à Igreja Católica; um posto de saúde; o correio; quatro bares; uma loja de roupas; uma sorveteira e uma máquina de industrialização e comércio de arroz. A base da economia de Cabeceira do Apá é a agricultura e o que movimenta o distrito, em termos de lazer, são as raras festas promovidas pela Igreja Católica. Segundo os moradores do lugar, antigamente havia ali muita corrida de cavalo, diversão que está praticamente extinta.

- Fazenda Itamarati (Ponto 3) – Propriedade rural com extensão de cinquenta mil hectares e uma população de aproximadamente oito mil pessoas, espalhadas por toda a sua extensão. É localizada na região central do município, a 50 km de Ponta Porã. A sede da fazenda possui uma escola estadual, uma Igreja Católica e uma evangélica, uma marcenaria, casas de comércio como mercearias e bares, uma farmácia, um hospital (no momento se encontra desativado, mas com promessa de reativamento por parte da Prefeitura Municipal). A sede tem já o formato de vila, com rede de energia elétrica popular, um açougue, um posto de saúde, e também, uma oficina mecânica. Possui um aeroporto com uma pista de pouso e decolagem com dois mil metros de comprimento, que se transformou no orgulho local depois da visita à localidade do atual presidente da República brasileira Luiz Inácio Lula da Silva¹¹. Existe a formação de recentes comunidades rurais na fazenda, em decorrência do processo de distribuição de terras efetuadas pelo INCRA¹², pois essa propriedade, antes uma grande fazenda produtora de soja, foi comprada pelo governo federal para projetos de Reforma Agrária.

Calcula-se que possam vir a estabelecer-se na Fazenda Itamarati cerca de quatro mil e duzentas famílias oriundas de cinco movimentos: CUT (Central Única dos Trabalhadores); FETAGRE (Federação dos Trabalhadores da Agricultura); MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terras); FAFI (Federação da Agricultura Familiar) e AMFFI (Associação dos Moradores e Ex-funcionários da Fazenda Itamarati). Ainda segundo moradores da região, os outros retiros ou assentamentos¹³ da Fazenda Itamarati estão também estruturados com características de bairro rural e a Prefeitura Municipal de Ponta Porã teria cinquenta hectares já doados pelo INCRA para uma futura instalação da prefeitura na fazenda com vias a facilitar a administração local. Há a

¹¹ Disponível em: <www.douradosnews.com.br>. Acesso em: 02 fev. 2006.

¹² Instituto Nacional Colonização e Reforma Agrária de Mato Grosso do Sul.

¹³ Termo que designa, nesse contexto, um núcleo de povoamento constituído por trabalhadores rurais sem-terra.

perspectiva de um loteamento para classificação dos assentamentos como bairros. Convém esclarecer que, pelo fato de os assentamentos serem comunidades rurais recentes, só pudemos instaurar um ponto de inquérito na sede dessa fazenda por só lá residirem empregados antigos da propriedade.

- Posto Guaíba (Ponto 4) – A localidade constitui-se ponto de parada de caminhões e de carros que trafegam da sede do município de Ponta Porã em direção ao município de Dourados e vice-versa, ou ainda, em direção a outros pontos do estado de Mato Grosso do Sul. Apesar do número reduzido de famílias residentes no local, é considerado um bairro rural por se tratar de ponto central com várias propriedades rurais nas redondezas, é estratégico local de abastecimento de carros, tanto para aos fazendeiros que moram nas proximidades quanto para os viajantes que transitam pela BR 463. No Posto Guaíba, propriamente dito, residem apenas duas famílias, os demais moradores estão espalhados pelas fazendas circunvizinhas à região, o que contabiliza um total aproximado de 25 famílias, de acordo com moradores do lugar. A localidade situa-se na região sul/leste de Ponta Porã, na divisa com o município de Dourados e localiza-se a 92 km² da sede do município de Ponta Porã. Possui uma Igreja Católica, um posto de gasolina, uma borracharia e um restaurante que funciona também como terminal rodoviário. No Posto Guaíba não há instituição de ensino e os filhos dos moradores da região deslocam-se até Dourados para cursarem o Ensino Fundamental e níveis subseqüentes. A localidade não dispõe de postos de saúde e em casos de necessidade de atendimento médico ou primeiros socorros, os moradores vão até Dourados, por ser essa cidade mais acessível, em termos de distância, do que a sede de Ponta Porã.

- Fazenda Santa Virginia (Ponto 5) – Propriedade com extensão de quarenta e sete mil hectares, que abriga 36 famílias residentes na sede da fazenda e cerca de 160 famílias moradoras em retiros da propriedade, o que totaliza quase 200 famílias. A localidade situa-se na região central, na direção sul/oeste a 25 km² do município de Ponta Porã. Conta com uma escola de 1^a a 4^a série e o proprietário disponibiliza um ônibus escolar para o transporte de alunos até Ponta Porã para cursarem as séries e níveis subseqüentes. A propriedade dispõe também de um açougue; um ambiente de primeiros socorros, onde recebe a visita de um médico uma vez por semana para atender à população local. Possui, também, um refeitório para os funcionários que não residem na fazenda.

- Sede do município de Ponta Porã (Ponto 6) – O município localiza-se a sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul, tem seus limites territoriais estabelecidos com as cidades de Antônio João, Bela Vista, Jardim, Guia Lopes da Laguna, Maracaju, Dourados, Laguna

Carapã, Aral Moreira e situa-se na fronteira seca com a República do Paraguai. Conta com uma extensão territorial total de 5.328,62 km² e com uma população equivalente a 64.001 habitantes¹⁴. A população da cidade de Ponta Porã é formada fundamentalmente por habitantes descendentes das etnias paraguaia, indígena e brasileira. O comércio e a indústria são as atividades econômicas predominantes; conta com um enorme contingente de escolas públicas e particulares (42 unidades escolares), 04 instituições de ensino superior; indústrias, hospitais, etc. O que mais atrai visitantes para a localidade é a facilidade de locomoção para o lado paraguaio, para fins de intensas trocas comerciais.

- Distrito de Lagunita (Ponto 7) – O Distrito situa-se a 46 km da sede do município na região sul/leste de Ponta Porã, acesso pela BR 463. Nessa localidade mora um total aproximado de 50 famílias, não há escolas, por isso os filhos dos moradores da região deslocam-se até a localidade conhecida como *Graça de Deus* situada a 6 km de Lagunita para cursarem o ensino fundamental e níveis subsequentes, essa comunidade é considerada pelos moradores da região uma extensão de Lagunita. Em Lagunita não há postos de saúde e em casos de necessidade de atendimento médico ou primeiros socorros, os moradores vão até a sede do município. Há na localidade uma indústria da Comércio Agrícola Sperafico de armazenamento e secagem de soja; dois bares, a Igreja Católica e o Clube pertencente também à Igreja Católica; um posto telefônico. As raras festas ficam a cargo da Igreja Católica, como é de costume em localidades rurais.

- Sanga Puitã (Ponto 8) – distrito de Ponta Porã, localizado no sentido sul/oeste a 12 km do Município de Ponta Porã. Essa localidade conta com uma escola estadual de ensino fundamental e médio; com uma Igreja Católica, algumas Igrejas Evangélicas; um bar; um mercado; uma lanchonete; um motel; uma prestadora de serviços especializada em lavagem de carros; uma madeireira; uma borracharia; um posto da polícia militar, posto de saúde e um hospital; duas cerealistas Bom Fim Ltda. e Agrobam Comércio de Cereais; um estabelecimento Comercial de Produtos Agropecuários. O lazer da localidade fica a cargo das poucas festas (bailes e quermesses) promovidas pela Igreja Católica.

2 – O instrumento de coleta de dados geolingüísticos

O fazer acontecer da pesquisa dialetológica tem suas principais bases metodológicas em quatro elementos: a localidade, o questionário lingüístico, o inquiridor e o informante.

¹⁴ Dados do IBGE de 2003. Fonte: <www.guiadoleitor.com.br>.

Em questões geolingüísticas, a recolha de dados deve obedecer rigorosamente a parâmetros científicos, pois isso influenciará de forma direta a análise dos materiais coletados.

Para a seleção da localidade é necessário ter conhecimento prévio da região a ser investigada; levantar dados que denotem se o local tem importância geográfica, histórica e cultural; observar a densidade demográfica, pois, quanto maior a densidade, maior o número de pontos da localidade, e considerar a data de criação/povoamento do local, pois comunidades de formação recente não abrigam informantes com o perfil indicado para pesquisas dialetológicas¹⁵.

É fato que o questionário lingüístico é considerado, entre geolingüistas¹⁶, como um dos fatores mais importantes da pesquisa *in loco* e, por isso, deve ser criteriosamente observado numa investigação. É essencial ao pesquisador o conhecimento de referentes próprios da área a ser investigada para não perder informações valiosas ao realizar os inquéritos, sob pena de o produto final da pesquisa ser prejudicado de forma considerável. O instrumento de coleta de dados deve estar estruturado e adequado à realidade da região pesquisada, daí a necessidade de conhecer a fundo os referentes inseridos no contexto sócio-físico-cultural da comunidade.

Desde os primeiros atlas lingüísticos publicados, como o da França, por exemplo, se faz sentir cada vez mais a necessidade de se estruturar questionários lingüísticos que garantam uma recolha de dados o mais homogênea possível em todos os pontos de inquérito, garantindo-se, dessa forma, o rigor científico da pesquisa dialetal. Para assegurar um instrumento de coleta que alcance os objetivos da pesquisa a valorização de inquéritos experimentais é um imperativo, pois esse recurso permitirá ao pesquisador visualizar possíveis problemas nas formulações das perguntas do questionário que somente são detectados em campo, no contato com o informante.

Reportando-nos aos primeiros estudiosos da Dialetologia brasileira, encontramos várias contribuições teóricas que têm orientado as pesquisas dialetológicas no Brasil. Serafim da Silva Neto (1957, p. 27-35), por exemplo, propôs bases teóricas para a recolha de dados, estruturação de questionários, escolha de informantes, perfil do inquiridor, e ainda, sugeriu a utilização de questionários lingüísticos como forma de uniformidade e confiabilidade nos dados obtidos com a pesquisa dialetal, divididos por áreas semânticas. O autor classifica os questionários lingüísticos em dois tipos: o questionário por correspondência e o questionário com pesquisa de campo. Sugere ser mais proveitoso o

¹⁵ Ver item 3, deste capítulo, “Perfil dos Informantes”, p. 43-44.

¹⁶Cf. RAMOS et al. (2005, p. 276); RODRIGUES (2005, p.328); CARUSO (2005, p.379); IMAGUIRE (2005, p.437).

segundo tipo de inquérito lingüístico. O mesmo dialetólogo pondera ainda que o instrumento de inquérito deva ser estruturado em torno de várias “esferas semânticas”, com um número elevado de perguntas que abranjam as mais diversas atividades da vida humana. Para o autor, o questionário tem papel fundamental nas investigações dialetais e representa a *pedra angular* da pesquisa, já que *o emprego do questionário oferece resultado mais proveitoso e materiais mais dignos de confiança* (SILVA NETO, 1957, p. 27-28).

O mesmo autor argumenta ainda que o tamanho do questionário lingüístico não deva exceder o número de duas mil perguntas e propõe um esquema de divisão das perguntas por áreas semânticas: a terra, os animais e as partes do corpo e respectivas funções. A primeira área – a terra – agruparia os subcampos natureza (fenômenos atmosféricos, astros, tempos, vento, céus e constelações) e flora (plantas, florestas e suas árvores, árvores frutíferas, frutos, árvores ornamentais, jardinagens); a segunda – os animais – contemplaria nomes de diferentes tipos de animais e nomes de objetos a elas relacionados (pássaros, animais domésticos, animais selvagens, répteis, insetos, caça, aves domésticas, peixes e técnicas relacionadas com a pesca) e a terceira – partes do corpo e funções – reuniria os subcampos doenças e seus remédios; feridas; qualidades e defeitos (físicos e morais); nascimento, casamento, morte; termos de parentesco; termos e modo de saudação; a casa e seus anexos; objetos da casa; higiene; instrumentos agrícolas, preparação das terras, e de alguns dos seus produtos (moinho, rebanho, vida dos pastores, o carro e suas peças, arado e suas peças, preparação do pão, etc); ofícios, profissões e atividades diversas; indústrias caseiras (femininas e masculinas); artes de fiação (renda de bilro, as medidas, pesos e moedas); alimentação; vestuários e calçados masculinos e femininos; religião e crenças (magia); festas populares, diversões, jogos e brincadeiras, músicas e cores; assuntos diversos, lendas e narrativas (SILVA NETO, 1957, p.29-30).

Outro esboço de proposta de questionário lingüístico veio de Nascentes (1958, p.08), elaborada em 1954, com as seguintes áreas semânticas: a terra (natureza, fenômenos atmosféricos, ventos, astros, tempo, etc.); o homem (partes do corpo); a família (relações de parentesco); tratamentos (formas de tratamentos); nascimento; indústrias; várias (palavras relativas a coisas gerais como peças do vestuário, roupas de cama, etc.); religião; festas e divertimentos populares; animais; plantas; casamento; morte; fórmulas de saudação e habitação. A proposta foi complementada, com questões morfossintáticas e de vocabulário geral, em 1961. O esboço de questionário elaborado por Nascentes propunha campos semânticos e palavras ligadas a cada campo, mas não havia ainda um questionário

de perguntas definidas, objetivando o levantamento homogêneo de variedades lingüísticas brasileiras, que orientasse o pesquisador no caminhar de um inquérito, enquanto modelo teórico. Acerca disso, o próprio Nascentes (1961, p.10), referindo-se ao seu esboço de questionário, acrescenta que *pela primeira vez se faz em nosso país trabalho de tal natureza... é natural que tenha falhas e lacunas, que só a crítica construtiva irá reconhecer.*

Nascentes (1958, p.8; 1961, p.10) classifica o esboço de questionário proposto como *um questionário típico de caráter geral.* Com o mérito do pioneirismo e *as naturais falhas e lacunas*, o autor merece o reconhecimento dos pesquisadores brasileiros, pela elaboração do esboço inicial de questionário lingüístico para estudos geolingüísticos, legado que deixou às posteriores gerações.

Com base nesse esboço de questionário, os pesquisadores dedicados às pesquisas dialetológicas têm elaborado os questionários lingüísticos que têm servido de instrumento para a coleta de dados geolingüísticos. A equipe baiana, por exemplo, elaborou o questionário do Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), o primeiro Atlas Lingüístico de uma região brasileira, seguindo as orientações de Nascentes (1958), com as adaptações à realidade baiana. A metodologia consistiu na aplicação de questionários de mais de três mil perguntas (1958-1959), divididos em quatro áreas semânticas: terra, vegetais, homem e animais. Nessa primeira etapa, foram aplicados o questionário lingüístico em quatro localidades baianas (Bom Despacho, 1958; São José das Itaporocas, Tanquinho e São Vicente, 1959) com finalidade de testagens e sondagens preliminares. Essa pesquisa direta subsidiou a confecção do Extrato do Questionário (EQ), que é basicamente léxico-semântico e que serviu de instrumento para o *Atlas Prévio dos Falares Baianos – 1963* (FERREIRA, 1998, p. 17).

O extrato do questionário baiano é composto de 182 perguntas, algumas delas subdivididas e enumeradas em A, B, C, D, distribuídas em áreas semânticas próximas. O EQ foi aplicado por meio do método de formulação indireta, numa época que oferecia dificuldades ainda maiores do que as atuais, como, problemas de locomoção, de vias de comunicação, de falta de tecnologias (FERREIRA, 1998, p.17-18).

Na seqüência, temos o questionário do Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS) concluído em 1973 e publicado somente em 1987. Depois de três versões de questionários testados junto a informantes sergipanos, o questionário definitivo contou com um total de seiscentas e oitenta e seis perguntas, cento e oitenta e uma delas retiradas do Extrato do

Questionário aplicado na Bahia e quinhentas e cinco aprovadas nas testagens, contemplando áreas semânticas como terra, vegetais, homem e animais.

Vale ressaltar que, antes da aplicação do questionário definitivo, foram realizados inquéritos com fins de sondagens, e que os inquiridores inovaram a aplicação do questionário final com a formulação direta de perguntas, cujas respostas tinham sido ouvidas na localidade na fase de testagem e inquiriram sobre o seu significado e utilização (MOTA, 1998, p. 82-83).

O Atlas Lingüístico de Sergipe II (ALS-II), concluído em 2002 e publicado em 2005, valeu-se do enorme banco de dados disponibilizados aos pesquisadores, com o acervo dos inquéritos realizados entre 1966 e 1967, com auxílio do questionário já mencionado. Foi produto da tese de doutorado da Profa. Suzana Alice Marcelino Cardoso (UFBA).

Já o Atlas Lingüístico de Minas Gerais (EALMG), publicado em 1977, abarca, no seu questionário, campos semânticos como a água, o homem, as aves, os animais, a religião, o universo lingüístico e mítico do pescador e também do carreiro do carro-de-bois. E ainda objetivou levantar influências de línguas em contato com formulações específicas para descrever a língua do grupo bantu, presente de forma restrita em algumas regiões mineiras. Também foi utilizado, na confecção do questionário, um tipo de código-número para levantar questões acerca da fala nos seus aspectos político-sócio-culturais. Esse questionário também foi aplicado e testado várias vezes antes da definição da sua versão final (ZÁGARI, 1998, p.41-44).

Foi publicada em 1980, a versão do questionário aplicado com vistas à confecção do Atlas Lingüístico da Paraíba (ALPB), após ter sido testado em seis municípios, com doze informantes diferentes, e reformulado em três versões sucessivas. Dividido em duas partes, o instrumento de coleta do ALPB contém uma parte geral com 289 questões, que abrangem os campos semânticos terra, homem, família, habitação e utensílios domésticos, aves e animais, plantação e atividades sociais, e uma parte específica, com 588 questões que abrangem a área semântica de cinco produtos agrícolas que se destacam na economia da Paraíba: mandioca, cana -de- açúcar, agave, algodão e abacaxi. Vale esclarecer que, para a redação final do questionário específico, também houve várias testagens e sondagens em campo. Os inquéritos foram aplicados de forma direta, com o auxílio do questionário (ARAGÃO, 1998, p.58).

Outro questionário lingüístico importante e que tem servido de base para a elaboração do instrumento de coleta de outros projetos de atlas lingüísticos brasileiros é o

Projeto Atlas Lingüístico do estado de São Paulo (ALESP), que foi elaborado pelo professor Pedro Caruso e publicado em 1983. A exemplo de outros, está estruturado com base nos seguintes campos semânticos: a terra (natureza, fenômenos atmosféricos, astros, tempo, etc.), flora (árvores, frutos, etc.), plantas medicinais, fauna (aves, pássaros, animais, etc.); homem (partes do corpo, funções, doenças, vestuário, calçados, agricultura, instrumentos agrícolas, brinquedos e jogos infantis, etc), lendas e superstições, experiência pessoal. Segundo Caruso (1998, p. 189-190), o questionário foi elaborado a partir de sondagens feitas por correspondências que atingiram quinhentos e oitenta e dois municípios do estado de São Paulo, na década de oitenta do século passado. O questionário utilizado para os inquéritos experimentais reunia cinquenta perguntas enviadas para professores da rede pública que auxiliaram o autor do projeto ALESP e sua equipe numa primeira coleta de dados, para o conhecimento da realidade lingüística do Estado.

Na versão final, o questionário ficou com um total de trezentas e dezessete questões. Para um maior controle das perguntas e para facilitar o trabalho dos inquiridores foi elaborado o Guia de Perguntas (com o objetivo de evitar se nomear algo antes de ter sido nomeado pelo informante). Tanto o *Guia de Perguntas* como o Questionário Lingüístico foram testados inúmeras vezes pelos inquiridores (CARUSO, 1998, p.190). Convém registrar a importância do questionário do ALESP para os estudos geolingüísticos atuais, posto que esse instrumento de coleta de dados orientou a elaboração do questionário do Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR), do Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul (ALMS) e também subsidiou a montagem do questionário do Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB) (ALTINO, 2003, p.512).

No que diz respeito ao Atlas Lingüístico do Paraná, seu questionário é composto por trezentas e vinte e quatro questões, e foi elaborado por Vanderci de Andrade Aguilera com base no de Pedro Caruso (1983), depois de analisado e testado, foi adaptado à realidade paranaense. Contempla os campos semânticos: terra (natureza, fenômenos atmosféricos, astros, tempo); flora (árvore, frutos, etc); plantas medicinais (alguns tipos); fauna (aves, pássaros, animais, etc.); o homem (partes do corpo, funções, doenças, etc.); vestuários e calçados; agricultura e instrumentos agrícolas; brinquedos e jogos infantis; lendas e superstições. Os inquéritos foram realizados de forma direta (AGUILERA, 1996, p.133-152).

Já o questionário do projeto Atlas Lingüístico do Ceará (ALCE) comporta na sua estrutura trezentas e seis questões que, subdivididas, resultaram em quinhentos e oitenta e três itens. As áreas semânticas que aglutinam as perguntas foram as seguintes: natureza,

tempo, homem, parentesco, partes do corpo, funções do corpo, doenças; homem: características físicas, tipos sociais, jogos, objetos de uso pessoal, atividades e utensílios domésticos, comida, religião, animais, outros. A aplicação do questionário se deu de forma direta (BESSA, 1982¹⁷).

Outro questionário lingüístico a ser retomado aqui é o utilizado pela equipe que produziu o Atlas Lingüístico e Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS), que contém aproximadamente setecentas questões, divididas em três questionários: o questionário fonético-fonológico, com vinte e seis perguntas gerais e vinte e quatro específicas de regiões de colonização não-lusa; o questionário morfossintático, com setenta e sete perguntas e o questionário semântico-lexical, com áreas semânticas como acidentes geográficos, tempo, astros, medidas e pesos, flora, fauna, ferramentas e utensílios, corpo humano, convívio, crenças, festas, perfazendo um total de seiscentas e dez perguntas (cerca de 800 perguntas, distribuídos em 17 áreas semânticas). O ALERS traz, como elemento novo, quanto à estrutura, a inserção do questionário morfossintático (AGUILERA, 1998, p. 198).

Esse questionário se diferencia dos demais questionários regionais por reunir questões específicas para o Paraná (12 perguntas), para Santa Catarina (25 perguntas) e para o Rio Grande do Sul (40 perguntas). Outra característica particular está centrada no questionário fonético-fonológico, que totaliza 50 perguntas, das quais 26 são aplicadas em todos os pontos e 24 destinadas a regiões de colonização não-portuguesa (ISQUERDO, 2005, p.333-335).

Além dos questionários lingüísticos que orientaram a documentação dos dados de atlas já concluídos aqui destacados (APFB, EALMG, ALPB, ALS, ALPR, ALERS), a história da dialetologia brasileira registra a produção de outros questionários lingüísticos vinculados a projetos de atlas em desenvolvimento, entre os quais, o do projeto APERJ, o do projeto ALMS e do projeto ALiB, três projetos com características bem distintas.

O primeiro, o do projeto Atlas Lingüístico dos Pescadores do estado do Rio de Janeiro (APERJ), por destinar-se a um universo bem específico, foi estruturado com base em áreas semânticas relacionadas à atividade da pesca. Assim, os quatrocentos e vinte e dois itens que integram esse instrumento de coleta relacionam-se a três áreas semânticas: meio físico, meio biótico (fauna e flora) e o meio antrópico, esta última contemplando “o homem” (funções da pesca e comercialização do pescado) e “a atividade” (processos e implementos de pescaria, fundeadores, embarcações, impulsionadores). O questionário

¹⁷ A publicação não tem paginação.

motiva ainda relatos livres (descrição de relatos entre informantes e documentadores) (AGUILERA, 1998, p.202-203).

Já o questionário lingüístico do projeto do Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul (ALMS), além de partir das orientações de Nascentes (1958;1961), foi inspirado em questionários já elaborados e testados, particularmente no questionário do projeto Atlas Lingüístico do estado de São Paulo. A versão final do questionário do Projeto ALMS (1998) reúne dois tipos de questionários: o lexical e o fonético-fonológico. O primeiro contém 511 perguntas, abrangendo duas grandes áreas semânticas, natureza e homem, subdivididas em acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, tempo, flora, fauna; homem: corpo humano, doenças mais comuns, funções do corpo humano, características físicas, cultura e convívio, ciclos da vida, religião e crenças, alimentação e utensílios, vestuário e objetos de uso pessoal, habitação, trabalho e atividades agropastoris, brinquedos e diversões, sistemas de pesos e medidas, outros, além de superstições, simpatias e lendas, narrativa de um fato pessoal obtidas de forma indireta. Já o segundo abriga quarenta e sete questões, que visam a documentar as variações fonéticas e fonológicas do falar sul-mato-grossense. Os inquéritos foram aplicados de forma direta (NOGUEIRA, 1998, p.150-151).

Em decorrência das inúmeras dificuldades enfrentadas pelos primeiros dialetólogos brasileiros, somente cinquenta anos depois de promulgado o decreto de 26 de maio de 1952, portaria de nº 536, é que se tem em andamento o projeto de um atlas nacional como propôs Nascentes nas suas Bases para Elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil (1958, p.07). O sonho de Nascentes já toma forma num projeto que atualmente envolve pesquisadores de todas as regiões brasileiras, comprometidos com a realização de árdua tarefa de produzir um atlas lingüístico de um País com dimensões continentais.

O questionário lingüístico utilizado para realização dos inquéritos do Projeto ALiB resultou de uma troca exaustiva de experiências entre os diversos autores dos atlas lingüísticos regionais concluídos ou em andamento, considerando também as orientações de Nascentes (1958) e a consulta aos questionários do Atlas Linguistique Roman (AliR) e do Atlas Lingüístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza. Depois de intensas discussões em Whorkshops realizados pelos pesquisadores do Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil (1998 a 2001), chegou-se a um produto final satisfatório quanto ao instrumento de coleta de dados (AGUILERA; MILANI; MOTA, 2003, p.92-94). A versão definitiva reúne três tipos de questionários: Questionário Fonético-fonológico (QFF) com 159 perguntas; Questionário Semântico-Lexical (QSL), com 202 perguntas que recobrem quatorze áreas; Questionário Morfossintático (QMS), com um número de 49 perguntas, além das Questões

de Prosódia relativas às frases interrogativas, afirmativas e imperativas. Na parte final do questionário, há Questões de Pragmática, Temas para Discursos Semidirigidos, Perguntas Metalingüísticas e Texto para Leitura.

Já o questionário fonético-fonológico (QFF) objetiva recolher variações sonoras que caracterizem particularidades fonético-fonológicas e denotem aspectos sociolingüísticos na fala dos informantes (ARAGÃO, 2004, p.64-65). O questionário semântico-lexical (QSL) abarca as áreas semânticas acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, ciclos da vida, convívio e comportamento social, religião e crenças, jogos e diversões infantis, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessórios, vida urbana. Esse questionário, em particular, é direcionado ao registro de questões de amplitude nacional, ficando a cargo dos atlas lingüísticos regionais a documentação de fatos de língua que denotem particularidades lingüísticas¹⁸. Já o Questionário Morfossintático (QMS) objetiva recolher dados que permitam a distribuição diatópica das características morfossintáticas do português falado no Brasil¹⁹.

De acordo com Altino (2003, p.886), a publicação do questionário lingüístico em 2001, com o apoio da UEL (Universidade Estadual de Londrina), representou um avanço significativo para o Projeto ALIB, visto que, sem apoio financeiro e contando com a força de vontade dos representantes do Comitê ALIB, os recursos advindos da venda dos questionários propiciaram a aquisição dos materiais necessários para a gravação dos primeiros inquéritos do projeto.

Na seqüência, discutimos a estrutura do questionário lingüístico utilizado nesta pesquisa.

2.1 – O questionário lingüístico do Atlas lingüístico de Ponta Porã

É sabido que o questionário lingüístico é de suma importância na coleta de dados, pois quando bem estruturado, garante ao pesquisador certa homogeneidade no processo de coleta de dados, o que permite o mapeamento posterior dos dados. Entretanto, definir a estrutura de um questionário lingüístico não consiste em tarefa muito simples, pois exige treino, paciência, testagens, revisão e, no caso de um trabalho acadêmico realizado como

¹⁸ Comitê Nacional do Projeto AliB (Brasil). *Atlas Lingüístico do Brasil*: questionário 2001. Londrina: Ed. UEL, 2001, p. 8.

¹⁹ Comitê Nacional do Projeto AliB (Brasil). *Atlas Lingüístico do Brasil*: questionário 2001. Londrina: Ed. UEL, 2001, p. 75.

dissertação de mestrado, as discussões com o orientador acerca do melhor caminho a seguir. E assim procedemos.

Tivemos sempre em mente os conselhos do professor Serafim da Silva Neto (1957, p.30), que recomendava, ao pesquisador, o conhecimento da realidade lingüística da localidade a ser investigada antes da elaboração do questionário. Além disso, sublinhava o autor que o instrumento deveria ser *frequentemente verificado e testado*. Aconselhava, ainda, a utilização de um questionário preliminar que deveria ser experimentado e aperfeiçoado com a finalidade de se obter um instrumento de recolha de dados definitivo, com um mínimo possível de problemas.

Tendo em vista o exposto, e considerando que Ponta Porã é ponto de inquérito do Projeto Atlas Lingüístico do estado de Mato Grosso do Sul (ALMS), optamos pela utilização do questionário lexical do Projeto ALMS, com algumas adaptações aos propósitos desta pesquisa, tendo em vista o instrumento contemplar elementos da realidade regional. Assim, a primeira etapa foi a montagem do questionário aqui utilizado. Para tanto, fizemos um recorte no questionário lexical do Projeto ALMS, que contém um total de 511 questões, distribuídas por campos semânticos, das quais foram selecionadas 217 dos seguintes campos semânticos: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, tempo, flora, fauna; corpo humano, doenças mais comuns, funções do corpo humano, características físicas, cultura e convívio, ciclos da vida, religião e crenças, alimentação e utensílios, trabalho e atividades agropastoris, brinquedos e diversões. E superstições, simpatias e lendas. Suprimimos 294 perguntas das 511 do questionário do ALMS (QSL e narrativa), contabilizando 217 questões, às quais acrescentamos 45, 04 delas extraídas do questionário do Projeto ALIB (2001).

Depois de realizada uma sondagem indireta com uma cidadã paraguaia residente em território brasileiro há mais de trinta anos a respeito dos hábitos e costumes, acrescentamos 41 questões ao extrato do questionário do ALMS, adaptando-o aos objetivos deste projeto. Eliminamos desse questionário todas as questões que não pudessem gerar cartas lingüísticas (Ex: Cores do arco-íris: De que cor são essas listras?) e as que provavelmente poriam em dúvida o (s) referente (s) a ser investigado (Ex: Tipos de Rancho: Quais os tipos de ranchos que conhece?). Acrescentamos também algumas perguntas do questionário do ALIB, com a finalidade de complementar alguns campos semânticos, com questões que, no nosso entendimento, seriam pertinentes aos objetivos deste trabalho.

Assim, foi acrescentada a pergunta para o conceito “estrela vespertina”, do campo semântico *Astros e Tempo*, questão 029 do Projeto ALIB; também as perguntas para os

conceitos “Galinha-d’angola/Guiné/Cocar” e “Papagaio” do campo semântico *Fauna do ALIB*, questões 067 e 068; e a questão 116 (ALIB), do campo semântico *Jogos e Diversões Infantis*, relativa ao conceito “Balanço”. Todas elas retiradas do questionário semântico-lexical do Projeto ALIB e acrescentadas ao questionário do ALIPP.

Um fator que nos auxiliou na tarefa de montagem do questionário a ser utilizado na coleta dos dados no município de Ponta Porã foi a experiência vivenciada como inquiridora do Projeto ALMS e também como inquiridora auxiliar do Projeto ALIB, em cidades da fronteira.

Numa segunda fase, realizamos dois inquéritos experimentais para a testagem do questionário. O primeiro com um informante bilíngüe, com idade de 73 anos, nascido em Rio Brilhante (MS), filho de paraguaios e residente em Fátima do Sul (MS)²⁰ e o segundo, com informante bilíngüe, 41 anos, também com ascendência paraguaia, residente em Ponta Porã (MS). A análise desses inquéritos experimentais permitiu tanto a realização de uma triagem de questões que pudessem suscitar dúvidas quanto ao referente, como reformulações em algumas outras. Após as testagens do instrumento, foram feitas as últimas alterações pela orientadora e pela pesquisadora, definindo-se, a partir de então, a versão final a ser aplicada em campo.

Em síntese, mantendo a estrutura do questionário do Projeto ALMS, o instrumento de coleta desta pesquisa ficou estruturado em duas grandes áreas semânticas, a natureza e o homem, que aglutina perguntas associadas a outras subáreas semânticas. Em relação à área da natureza, foram contempladas as seguintes subáreas: acidentes geográficos (13), fenômenos atmosféricos (14), flora (08), fauna (41); e na área “homem”, as seguintes: corpo humano (15), doenças mais comuns (14), funções do corpo humano (05), características físicas (11), cultura e convívio (20), ciclos da vida (20), religião e crenças (16), alimentação e utensílios (31), habitação (04), trabalho e atividades agropastoris (23), brinquedos e diversões (21), superstições, simpatias e lendas (04). O questionário contém ainda duas (02) narrativas pessoais. A versão final do questionário do ALIPP reuniu 262 questões.

Tendo em vista um dos objetivos deste trabalho ser o de documentar a presença de possíveis traços bilíngües na fala da fronteira, acrescentamos ao final de cada questão a pergunta: “conhece um nome para isso em espanhol ou em guarani?”.

²⁰ A localidade foi selecionada para o inquérito experimental por se tratar da cidade onde reside a autora deste trabalho, para facilitar o processo de testagem do questionário. Todavia, foi considerada na seleção do informante a variável bilíngüe.

Adotando esse procedimento, conseguimos recolher traços de bilingüismo, embora o tempo de inquérito se prolongasse um pouco, pois cada pergunta do questionário se duplicava. A solução encontrada para sanar esse tipo de dificuldade foi a de tentar conduzir a entrevista com o mais bom humor possível, procedimento que faz com que o informante fique menos tenso, não se perdendo, dessa forma, a qualidade da entrevista, apesar do tempo de duração do inquérito. Vale esclarecer que, quando necessário, interrompíamos a entrevista para que o informante pudesse suprir necessidades físicas, ou também, quando havia algum ruído externo, como atender ao telefone ou receber parentes, visitas. Esses momentos de interrupção, entretanto, não duravam mais que alguns minutos.

Na página seguinte, o Quadro II²¹ permite a visualização da estrutura do questionário do ALiPP. A estrutura do quadro agrupa sete colunas. A primeira contém as duas grandes áreas semânticas em torno das quais foi organizado o questionário. A segunda coluna enumera as subáreas que abrigam as duzentas e sessenta e duas perguntas. A terceira coluna – *Questões do ALMS mantidas na íntegra* – lista as perguntas que foram retiradas do questionário lingüístico do Projeto ALMS e que não sofreram alterações em sua redação; a quarta coluna – *Questões do ALMS mantidas com ajustes na redação* – relaciona aquelas retiradas do questionário do Projeto ALMS, que sofreram alterações na redação da pergunta, adequando-as à realidade lingüística pontaporanense. A quinta coluna, por sua vez, agrupa as perguntas retiradas do questionário do Projeto ALIB na íntegra. Já a sexta, contém as perguntas retiradas do questionário do projeto ALIB que sofreram alterações. Por último, a sétima coluna – *Questões acrescentadas* – contém as perguntas acrescentadas pela autora da pesquisa com fins de recolha de termos estritamente regionais, como exemplo, temos o conceito de *caburé*, um prato típico da fronteira.

²¹ O Quadro II, que também contém a estrutura do questionário do ALiPP, está disponibilizado na sessão de anexos deste trabalho e foi estruturado de forma a detalhar: i) as questões do questionário do ALMS e do ALIB que foram utilizadas; ii) questões cuja redação foi mantida na íntegra; iii) questões com a redação alterada.

QUADRO II
Estrutura do questionário lingüístico do Atlas Lingüístico de Ponta Porã – ALIPP

Áreas Semânticas	Subáreas Semânticas	Questões do ALMS mantidas na íntegra	Questões do ALMS mantidas com ajustes na redação	Questões do ALIB acrescentadas na íntegra	Questões do ALIB mantidas com ajustes na redação	Questões acrescentadas ao extrato de questionário pela pesquisadora
Natureza	Acidentes Geográficos	12	01			
	Fenômenos Atmosféricos	12	01	01		
	Flora	05				03
	Fauna	18	06		02	15
Homem	Corpo Humano	12	03			
	Doenças mais Comuns	10	02			02
	Funções do Corpo Humano	05				
	Características Físicas	10	01			
	Cultura e Convívio	14	05			01
	Ciclos da Vida	18	02			
	Religião e Crenças	06	02			08
	Alimentação e Utensílios	14	08			09
	Habitação	04				
	Trabalho e Atividades Agropastoris	21	02			
	Brinquedos e Diversões	15	03	01		02
	Superstições, Simpatias e lendas.	03	01			
	Narrativas	01				01
	Total		180	37	02	02
Total Geral de questões = 262						

3. Perfil dos Informantes

A Dialetoologia moderna tem se beneficiado das contribuições teóricas da Sociolingüística, no que diz respeito ao estudo da língua, especialmente quanto aos aspectos extralingüísticos. Dessa forma, não podemos mais estudar o homem e sua linguagem sem considerar fatores de natureza social, como escolaridade, faixa etária, sexo. A esses fatores, a geolingüística atual denomina de método pluridimensional (THUN, 1998, p.10).

Neste trabalho, assimilamos os pressupostos pluridimensionais que norteiam a Dialetoologia moderna, nos eixos vertical e horizontal, por ser essa linha teórica a que considera não apenas a variação diatópica (horizontal), mas também a variação diastrática (vertical).

Quanto à escolha da faixa etária, apesar de a metodologia do Projeto ALMS, enquanto projeto de atlas regional, considerar duas faixas etárias (18 a 30 anos e 45 a 70 anos), definimos para esta pesquisa apenas a segunda faixa etária. Essa decisão responde ao objetivo de centrar o estudo na descrição e no registro da variedade diatópica, no nível lexical, procurando identificar marcas de conservadorismo e de bilingüismo no vocabulário do habitante rural e urbano do município de Ponta Porã, traços esses mais presentes na linguagem das pessoas da segunda faixa etária, uma vez que, por atuação de forças sociais, os traços bilíngües e conservadores tendem a ser mais tênues na oralidade dos falantes mais jovens. Infere-se que isso se deva à influência dos meios de comunicação e da instituição escolar, que tendem a afetar mais comumente a fala dos jovens.

Na seleção dos informantes para esta pesquisa baseamo-nos nas orientações de autores da Dialetoologia brasileira tradicional, como Nascentes (1953, p.14) e Silva Neto (1957, p.32). Consideramos também critérios, como boa fonação e dentição, pessoa do lugar, cônjuge também da localidade, baixa escolaridade. E, ainda, observando os pressupostos da Dialetoologia pluridimensional, consideramos a variável diassexual – um informante feminino e um masculino em cada ponto; a dialingual, no caso, português/espanhol, português/guarani ou português/espanhol/guarani; a diafásica, apuradas por meio das respostas e narrativas obtidas (THUN, 1998, p.03). Abdicamos da variável diageracional, adotando apenas a segunda faixa etária, pelas razões já apontadas, ou seja, a fala de indivíduos dessa faixa tende a apresentar maiores traços de conservadorismo e de bilingüismo.

Visando ainda à recolha de traços de bilingüismo na zona de fronteira, consideramos as seguintes variáveis: ascendência paraguaia, falante bilíngüe português/espanhol ou português/guarani. Sintetizando, eis o perfil dos informantes desta pesquisa:

1. **Faixa Etária:** 45 a 70 anos.

2. **Naturalidade e/ou Residência:** pessoa do lugar, nascidos na fronteira do Brasil/Paraguai, divisa com o estado de Mato Grosso do Sul e/ou residentes nas localidades pesquisadas há mais de vinte anos. Foi considerada esta última característica em decorrência da dificuldade de encontrar moradores nascidos nas localidades investigadas, haja vista a constante migração característica da região em virtude do fluxo de trabalhadores brasileiros que atuam no Paraguai e vice-versa. Abrimos essa exceção, por se tratar de uma área muito restrita, pois em sondagem inicial, constamos que seria quase impossível encontrar pessoas da localidade, fixadas em cada ponto de inquérito, com exceção da sede do município, o que foi confirmado durante a coleta dos dados. Outra postura adotada foi a de procurar selecionar informantes, cujos cônjuges fossem da localidade ou da região da pesquisa, objetivando, com isso, a não influência de falares de outras comunidades lingüísticas na fala do informante.

3. **Escolaridade:** analfabetos ou 1^a a 4^a série do Ensino Fundamental.

4. **Sexo:** masculino e feminino.

5. **Domínio Lingüístico:** informantes bilíngües.

4. O trabalho de campo

Julgamos oportuno registrar aqui aspectos da experiência vivenciada na coleta de dados que foi realizada em duas etapas distintas. Abordaremos a etapa inicial da pesquisa de campo.

Num primeiro momento, fizemos contato com pessoas da região, com auxílio de professores das localidades. De posse de nomes fornecidos pelos colegas de Ponta Porã ou por pessoas conhecidas em cada localidade por onde passávamos, conseguimos a aproximação com os informantes. Do contrário, não teríamos tido sucesso no contato com os moradores de cada localidade pesquisada.

A maior dificuldade encontrada na pesquisa de campo decorreu da própria localização geográfica do município. Por se tratar de região de fronteira, são constantes ali

os crimes relacionados ao narcotráfico e ao contrabando. No momento em que abordávamos os possíveis informantes, podia-se perceber o medo exposto no rosto das pessoas, que pareciam temer que nossa pesquisa se constituísse numa investigação criminal. Ouvíamos perguntas desconfiadas como: “Isso não vai me complicar?” e “Você vai fazer minha esposa assinar algum documento para tomar minhas terras?”. Ou ainda: “Você é da polícia? Será que você irá levar-nos a escritórios ou fórum?”.

A solução encontrada foi esclarecer que se tratava de pesquisa voltada para os hábitos e cultura da região e também apresentar a carteira de estudante, o que tranquilizava os informantes. Não podemos desconsiderar que na fronteira impera a lei do silêncio e o que se atreve a quebrá-la pode amanhecer sem vida.

Apesar desse quadro de insegurança, depois do primeiro contato com os informantes, percebíamos, por trás dos rostos desconfiados, a existência de pessoas humildes, hospitaleiras, que nos trataram como amigos. Prova disso foi o fato de termos recebido alimentação e hospedagem em todas as localidades onde não havia hotéis nem restaurantes.

Particularmente numa região com essas características é de suma importância que se tenha um prévio contato com pessoas ligadas à localidade, de preferência pessoas bastante conhecidas, pois a situação de fronteira seca imprime aos moradores, principalmente os da zona rural, certas desconfianças de tudo e de todos. Todavia, como a pesquisa dialetológica nos põe em contato com o outro, fazendo-nos enxergar a singularidade e a riqueza da cultura pelo viés lingüístico, a cisma do informante acabava cedendo lugar a um clima de cooperação, o que facilitou a realização dos inquéritos. Parece, pois, natural nas pesquisas dessa natureza o estreitamento de relações de amizade com os informantes e, quando o inquiridor termina a entrevista, tem a sensação de que aquela pessoa faz parte, a muito tempo, do seu convívio.

Por ocasião da pesquisa de campo permanecemos normalmente um dia em cada localidade. Começamos por Sanga Puitã (Ponto 8) no dia 11/07/05. Após viagem de Ponta Porã a esse distrito, no final da tarde, conseguimos fazer o primeiro inquérito com a informante feminina. A localização dessa informante foi relativamente fácil: entramos em contato com pessoas da localidade e estas nos encaminharam à senhora que se encaixou perfeitamente no perfil estabelecido para a pesquisa. A maior dificuldade foi a localização do informante masculino, especialmente com relação à faixa etária, pois os localizados ou tinham idade superior à definida para a pesquisa, ou apresentavam problemas de denteição. Assim, depois de procurarmos quase uma manhã inteira, encontramos um informante no

perfil ideal, com a idade de 64 anos, porém, portador de deficiência visual há vinte anos por causa de um acidente no corte de árvores. Essa deficiência, todavia, não impediu a realização do inquérito.

Já na Fazenda Santa Virgínia (Ponto 5) quase todos os funcionários antigos ou já faleceram, ou se mudaram para outra localidade. Conseguimos localizar dois moradores antigos dessa fazenda, atualmente residentes em Pedro Juan Caballero (divisa com Ponta Porã – MS), um do sexo masculino com 90 anos, e um do feminino com 77 anos, ambos, portanto, não atendendo ao perfil no quesito idade.

Em decorrência disso, foram entrevistados os dois funcionários mais antigos da fazenda, embora um deles não preenchesse totalmente o perfil em uma variável – o do sexo masculino tinha 34 anos. Decidimos realizar o inquérito com esse informante, apesar de não atender a faixa etária estabelecida, por ele ser nascido e criado na localidade, ter se ausentado do lugar apenas por três anos, sendo, pois, residente da localidade há trinta e um anos. Já a do sexo feminino, embora não tenha nascido na Fazenda Santa Virgínia, mas em outra da região, mora na fazenda há 21 anos, atendendo, pois, o perfil desejado. Os dois informantes entrevistados são bilíngües e preenchem os demais itens do perfil.

Particularmente nessa localidade ocorreu um episódio bizarro. Como a sede distanciava 3 km da entrada da fazenda e, não havendo meio de transporte disponível, a única opção seria fazer o trajeto a pé. Já tínhamos andado bastante quando um dos funcionários da fazenda, que se dirigia ao mesmo local, ofereceu-nos lugar no seu veículo. A gentileza foi aceita de imediato, mesmo tendo que ajudá-lo, mais adiante, literalmente a “tocar” uma boiada. Nesses momentos o bom humor prevalecia sobre a situação, pois vencer as dificuldades da pesquisa de campo representava sempre a nossa meta principal.

No distrito Cabeceira do Apá (Ponto 2), por sua vez, foram entrevistados dois informantes: o masculino, com 48 anos, filho de paraguaios, nascido e criado na localidade, bilíngüe. Uma particularidade desse povoado é a presença de imigrantes gaúchos que ali se estabeleceram, daí a dificuldade de encontrar informantes bilíngües, naturais da localidade e com ascendência paraguaia. Ali entrevistamos a informante feminina, que tem 55 anos, nascida em Bela Vista, região de fronteira, criada no Paraguai, também na faixa de fronteira e moradora de Cabeceira do Apá há trinta e sete anos. Pelos dados fornecidos pela informante, e pela sua própria fala, podemos considerá-la como uma autêntica brasiguiaia.

A maior dificuldade encontrada na Cabeceira do Apá foi a de administrar a questão dos horários de ônibus para o trajeto Ponta Porã/Cabeceira do Apá. Há apenas um horário diário que sai de Ponta Porã às 15h30 min. e retorna no dia seguinte, às 8h20 min.

Também na Fazenda Paquetá – Cedro (Ponto 1), localidade de difícil acesso, só havia um horário de ônibus, via Cabeceira do Apá, saindo dali às 17hs20 min. e chegando à fazenda quase às 19h. Excessivamente apreensiva acerca da localidade, conseguimos, com o esposo da informante feminina da Cabeceira do Apá, o telefone da fazenda, bem como informações sobre o capataz que, ao ser contatado, gentilmente se prontificou a nos buscar na entrada da fazenda Paquetá-Cedro, que ficava a 4 km da sede, depois de devidamente esclarecido o porquê da nossa ida até lá. Particularmente, fomos muito bem recebida na Fazenda Paquetá, inclusive, foi-nos oferecido um jantar antes do início da primeira entrevista.

Nessa localidade ocorreu um fato singular: antes de ser servido o jantar, fomos convidada a falar acerca dos estudos que desenvolvíamos para aproximadamente 40 empregados da fazenda. Isso porque, segundo os funcionários, nenhum deles acreditava que alguém se dispusesse a ir até a localidade para fazer pesquisas. O episódio a princípio causou-nos certo embaraço, mas tentamos imitar Lindley Cintra (1983, p.11-15), nas atitudes tomadas em relação às pessoas com as quais se deparou em suas investigações dialetais, fizemos o mesmo. Com extremo respeito aos cidadãos que estavam a nossa frente, falamos sobre a experiência dialetológica que tínhamos adquirido no contato com os povos da fronteira, da nossa admiração e respeito pela realidade cultural ali vivenciada, e, por fim, expusemos, com o devido cuidado, para não prejudicar o andamento do trabalho, o motivo que nos trouxera à localidade. Cremos que, durante as comunicações e mesas-redondas na área de Letras das quais já participamos, nunca encontramos ouvintes tão interessados e atentos. Foi uma experiência incomum.

Nessa fazenda havia somente um casal que se encaixava no perfil, com ascendência paraguaia, com residência fixa na localidade há mais de 20 anos, ambos falantes bilíngües. Foi o único ponto lingüístico que entrevistamos marido e mulher. Como era uma sexta-feira e não havia transporte de volta para Ponta Porã no domingo, se não voltássemos no sábado, só retornaríamos para Ponta Porã na segunda-feira pela manhã.

Assim, entrevistamos a informante feminina das 19h às 22h e, como o esposo se encontrava acamado, com febre e resfriado, não pôde ser entrevistado à noite, fato que nos levou a convencê-lo a nos conceder a entrevista às 4h45min da madrugada. A entrevista iniciou nesse horário e terminou às 7 horas. Às 5h30min partilhamos com a família da “rodada do mate”²². Terminada a entrevista tomamos o café da manhã no refeitório da

²² É comum na fronteira o hábito de tomar o mate quente nas primeiras horas do dia. Costume que se configura como empréstimo cultural paraguaio na localidade por nós investigada (REIS; ISQUERDO, 1999/2003, p. 23).

fazenda com as cozinheiras e, a seguir, fomos levados até a entrada da fazenda pelo gerente, onde tomamos o ônibus de volta a Ponta Porã.

Ao chegarmos a Ponta Porã, às 10 horas, fomos direto ao terminal e às 11h30min. seguimos viagem para a Fazenda Itamarati (Ponto 3), chegando ao destino às 13 horas. Como não havíamos conseguido contatos anteriores com pessoas da fazenda, os abordamos sem conhecimento prévio. Felizmente e sem grandes dificuldades, encontramos a informante que se encaixava no perfil. Fizemos a entrevista na casa sede da antiga fazenda que agora pertence à família da informante, uma moradora e funcionária da fazenda há mais de 20 anos, bilíngüe, filha de paraguaios, nascida e criada na região de Sanga Puitã. Com essa gentil senhora, lanchamos, jantamos e ainda conseguimos o informante masculino, também de origem paraguaia, bilíngüe, funcionário antigo da fazenda, com mais de 30 anos de residência na localidade, que nos concedeu a entrevista das 16h20min. às 19h10 min. Logo em seguida, tomamos o coletivo de volta a Ponta Porã, num típico dia de inverno, com dez graus de temperatura e uma forte neblina que impedia a visão do motorista, momento em que sentimos de perto “os ossos do ofício” de ser dialetólogo. Por causa da péssima condição atmosférica tivemos que pernoitar em Ponta Porã e só no domingo pela manhã, quando a temperatura oscilava entre cinco e seis graus, é que pudemos retornar a Fátima do Sul – MS, local de nossa residência, após uma semana produtiva de trabalho, mas permeada de muitos desafios e obstáculos na região de fronteira.

Na segunda etapa da coleta de dados, fomos a campo para aplicar os inquéritos nos três pontos restantes: a sede do município, o Distrito de Lagunita e o Posto Guaíba. A seguir exporemos os procedimentos adotados em campo nessa última fase da pesquisa.

Trazíamos na bagagem, além dos gravadores e aparelhagens afins, a incerteza e a expectativa que faz da ciência dialetológica uma autêntica “caixa de surpresas”. Foi com esse tipo de apreensão que desembarcamos no terminal rodoviário de Ponta Porã (Ponto 6) às 17hs do dia 30/01/2006. Depois de devidamente acomodada no hotel, saímos à procura dos prováveis informantes; após longa caminhada, avistamos o primeiro informante masculino que, ao ser contactado, disse ter origem paraense, apesar dos traços fisionômicos e do sotaque denunciá-lo como autêntico pontaporanense. Sem obter sucesso nenhum na busca empreendida regressamos ao hotel. No trajeto de volta passamos em frente ao estabelecimento comercial do candidato a informante, que insistia em ser paraense. Desta vez foi ele que nos abordou pedindo informações mais detalhadas sobre o que eu estava fazendo ali. Como a paciência do pesquisador é o que o move em busca do informante ideal para a pesquisa, explicamos, de forma a não prejudicar o trabalho, o que nos levava

até Ponta Porã. Para nossa surpresa e alegria o informante declarou sua real identidade aceitando conceder a entrevista: filho de pai paraguaio e mãe brasileira, segunda faixa etária, falante bilíngüe, nascido e criado em Ponta Porã, baixa escolaridade, ou seja, o informante ideal para o perfil estabelecido no ALiPP. Satisfeita com esse primeiro passo em direção à coleta de dados, a pedido do informante, agendamos a entrevista para o dia seguinte às 10hs, em sua residência, situada nas imediações do hotel.

No dia seguinte, passamos parte da manhã à procura da informante feminina, encontrando-a no hotel em que estava hospedada. Após certificar-nos de que a informante preenchia o perfil desejado, agendamos a entrevista para depois do horário de almoço. O cenário parecia perfeito, os dois informantes no perfil desejado, com entrevistas agendadas para o mesmo dia. Quando chegou o horário marcado para a primeira entrevista, dirigimo-nos pontualmente para a casa do informante masculino. Para nossa completa decepção, o informante havia desistido da entrevista, deixando com a secretária o recado de que havia saído em viagem a Campo Grande. Esse tipo de situação é bastante comum na pesquisa de campo, pois contamos com a solidariedade do falante da comunidade, no sentido de nos prestar informações voluntariamente. Ao pesquisador cabe o estar preparado para esse tipo de atitude e a paciência, que parece ser natural em dialetólogos, para recomeçar a busca do ponto zero.

Apreensiva em relação ao informante masculino e querendo evitar qualquer outro risco em relação à informante feminina, comparecemos uma hora antes do combinado para a realização da entrevista, que seria efetuada na cozinha do hotel, lugar calmo e propício para a realização do inquérito. Nova decepção. Quando chegamos ao local fazia quinze minutos que a candidata a informante havia saído. São as *pedras no caminho* do pesquisador. A situação causa constrangimento e o dialetólogo se sente enganado, fato que pode prejudicar o seu desempenho no empreendimento de novas buscas. O conselho mais prático nessas circunstâncias é entrar em contato direto com os moradores da localidade, especialmente, se não há contato prévio com pessoas do lugar, daí o contatar funcionários de hotel, de restaurantes, frentistas de postos de gasolina, ou ainda, guardas de estabelecimentos comerciais, procedimentos que terminam em resultados satisfatórios. Esses moradores são menos cismados em relação a pessoas de fora da localidade, pois já estão acostumados a lidar com visitantes.

Voltando à coleta de dados na sede do município de Ponta Porã, vencidos os obstáculos sempre presentes em pesquisas dessa natureza, conseguimos contatar a informante feminina, tendo como o intermediário o esposo da informante, proprietário de

uma borracharia nas proximidades do hotel. Relatamos a situação para o morador da localidade que, com intenção de nos auxiliar, gentilmente convidou a esposa para nos conceder a entrevista, apesar de essa informante não se encaixar perfeitamente no perfil, quanto ao quesito escolaridade.

Dada a dificuldade de conseguir informantes que realmente estivessem dispostos a nos conceder entrevista, optamos por aplicar o inquérito, após ouvirmos alguns relatos da informante, pois constatamos que, apesar de ter concluído o Ensino Fundamental no Paraguai, nunca havia freqüentado uma escola brasileira e seu nível aparente de conhecimento escolar correspondia ao do ensino brasileiro nas séries iniciais. A informante declarou ter aprendido a ler e escrever em português de forma razoável com os filhos que são nascidos e criados em território brasileiro. Apesar disso, não se sente apta para realizar algumas atividades, como por exemplo, fazer compras no supermercado, tarefa realizada pela filha mais velha.

Assim, no dia 31/01/2006 no período da tarde conseguimos realizar a primeira entrevista na sede do município de Ponta Porã com a referida informante. Apesar do exposto, a informante demonstrou bom desempenho durante a entrevista e respondeu com facilidade as perguntas do questionário lingüístico. Uma particularidade desta entrevista, foram os ruídos externos realizados por um neto e por um filho menor da informante, isso ocorreu quando já estávamos na parte final do questionário, especificamente nas cinquenta últimas perguntas. O fato atrapalhou um pouco o andamento e a conclusão da entrevista, devido ao barulho produzido pelas crianças – uma chorava querendo colo e a outra intervinha tentando responder as perguntas dirigidas à informante. O episódio conseguiu desconcentrar a pesquisadora de forma que esta encerrou o inquérito sem lembrar de fazer as retomadas das perguntas. Desencanto que a obrigou a voltar no dia seguinte para concluir a entrevista. Nesses casos, seria prudente por parte do pesquisador levar consigo balas, doces ou desenhos e lápis de cor para o entretenimento de crianças que possam estar no ambiente da entrevista. Sabemos que essa atitude não resolveria por completo a questão, mas amenizaria o quadro. Infelizmente não dispúnhamos desses artifícios na ocasião.

Com a indicação do esposo dessa informante conseguimos o informante masculino, no mesmo dia à tarde nos dirigimos ao comércio de mais um candidato a informante na sede do município de Ponta Porã. Como é comum aos habitantes da fronteira, a relutância em conceder a entrevista, isso já tinha se configurado para nós como um processo normal, devido à situação de constante perigo que caracteriza a localidade²³. Com efeito, depois da

²³Cf. Introdução do subtítulo 04 -“O trabalho de Campo”, p. 28-29, deste trabalho.

costumeira relutância, o informante aceitou nos conceder a entrevista, que foi agendada para o dia seguinte, de manhã na sua residência. Iniciamos o inquérito pontualmente às 7horas da manhã seguinte, na residência do informante.

Um episódio particular ocorreu nessa entrevista. Devido a compromissos que o informante tinha agendado, mesmo com a prévia explicação do tempo de duração do inquérito (cerca de 2 horas), o informante perdeu a paciência e se alterou conosco. A princípio, pretendeu encerrar a entrevista quando faltavam cerca de trinta questões para o fechamento do inquérito. A solução encontrada foi apelar para o bom senso do informante, relatando que se ele não concluísse a entrevista, perderíamos aquele espaço de tempo que havíamos estado ali. Ao que o informante cedeu, aceitando encerrar o inquérito, sem contudo deixar de dizer palavras um tanto ásperas ao inquiridor. Essa foi uma experiência diferenciada para a pesquisadora, nunca antes vivenciada na pesquisa de campo. Apesar de o final do inquérito ter perdido parte de sua qualidade, a maior parte dele tinha sido proveitosa, fato que nos levou a entrar em contato com a orientadora para resolver o impasse: considerar ou não a entrevista. Após discussão e análise da entrevista com a orientadora, concluímos que o prejuízo qualitativo seria mínimo, pois as últimas perguntas relativas ao campo semântico das brincadeiras, de forma geral, não estavam suscitando variantes relevantes e, considerando que o informante tinha contado “causos” e simpatias no início da entrevista, decidimos por considerá-la. Assim foi que às 9hs do dia 01/02/2006, concluímos os inquéritos na sede de Ponta Porã.

O próximo ponto de inquérito era a localidade de Lagunita (sul/leste). Registre-se a acentuada dificuldade encontrada durante a pesquisa quanto à obtenção de informações no terminal rodoviário acerca de horários de ônibus e das empresas que faziam as linhas para as localidades onde precisávamos aplicar os inquéritos. As informações mais precisas sobre o assunto foram obtidas junto à Prefeitura Municipal de Ponta Porã. Foi lá que obtivemos a informação de que Lagoinha se constituía numa localidade rural desativada. E, portanto, teria que ser excluída da rede de pontos desta pesquisa.

Na Prefeitura conseguimos também informações que estavam pendentes sobre as localidades que investigamos e sobre empresas que faziam as linhas para Lagunita e para Fazenda Paquetá-II. Assim, no dia 01/02/2006, às 15hs saímos de Ponta Porã em direção ao Distrito de Lagunita, uma viagem apreensiva, pois percorremos 17 km de estrada de chão batido, em péssimas condições de tráfego, com pontes de madeira estreitas e aparentemente frágeis. O trabalho nessa localidade estava me preocupando, pois não havia conseguido contato prévio, sabia que lá não havia hotel ou pousada para pernoitar, não havia nem

restaurantes nem lanchonetes para as refeições, situação que nos obrigava a contar com a gentileza e a hospitalidade dos informantes. Como agravante da situação só havia um horário diário de ônibus que chegava à localidade às 16hs e outro que retornava a Ponta Porã somente no outro dia, às 9hs.

Em todas as localidades que encontramos essa realidade tentávamos pensar nas possibilidades de entrevistas, conseguir o primeiro informante e, somente após concluirmos o primeiro inquérito, expor o problema às pessoas que nos prestavam informações. O curioso é que em todas as localidades com essas características, fomos acolhida com respeito e hospitalidade, como se fosse um amigo ou parente dos informantes.

Ao chegar à localidade de Lagunita (Ponto 7), conseguimos, de imediato, contato com uma família antiga da localidade que nos deu apoio logístico, já que nenhum dos membros da família se encaixava no perfil da pesquisa e os prováveis informantes moravam a km da sede do distrito. Assim que expusemos o caso, o Sr. Wilter Barbosa dos Santos e a filha Kelly Barbosa dos Santos se prontificaram em nos ajudar, levando-nos de automóvel até a divisa do Distrito de Lagunita com Laguna Carapã que ficava a 2 km do local onde estávamos, para conversarmos com um possível informante. Ao chegarmos ao local, constatamos que o informante preenchia os quesitos estabelecidos para a pesquisa e, sem nenhuma oposição por parte dele, fato admirável no contexto de área de fronteira, realizamos com sucesso a primeira entrevista.

Os intermediários ficaram esperando a conclusão do inquérito para levar-nos de volta à sede do Distrito. No regresso a Lagunita, ficamos sabendo de uma moradora que havia se mudado para propriedade rural distante dali 10 km no lugar conhecido por Capeí, mas que nasceu e se criou na região de Lagunita, e que morava na localidade há 47 anos. Ao analisarmos o caso, resolvemos ir até Capeí conferir se a informante se encaixava ou não nos demais parâmetros da pesquisa. Novamente o Sr. Wilter e a sua filha Kelly se encarregaram de colocar-nos em contato com a provável informante feminina de Lagunita. Felizmente a informante se encaixava no perfil e aceitou conversar conosco. Despedimo-nos então dos nossos *anjos da guarda* de Lagunita, iniciando a entrevista às 19h30min. e encerrando-a às 22h20min. A entrevista foi realizada do lado de fora da casa de comércio de propriedade da informante, *bolicho* bem típico da zona rural. A informante nos concedeu uma brilhante entrevista, que só perdeu um pouco do brilho porque as *muriçocas* não nos deixavam sossegada.

Ao ficarmos sabendo que em Capeí seria mais fácil o acesso a transportes coletivos, nos tranqüilizamos consideravelmente. Fomos informada de um ônibus que passava às

22hs em direção a Ponta Porã. Entretanto, não foi possível retornar naquele dia, pelo fato de termos concluído a entrevista depois das 22hs. Isso não nos causou apreensão porque a gentil informante nos convidou para pousar em sua casa, já que lá residiam apenas ela e o esposo. Serviu-nos o jantar e pela manhã retornamos a Ponta Porã com mais essa etapa da pesquisa cumprida, apesar dos desafios.

O último ponto a ser visitado era a Fazenda Paquetá-II. Às 10hs do dia 02/02/2006 desembarcamos na rodoviária de Ponta Porã, quando constatamos que o acesso a essa localidade seria mais funcional via município de Dourados. Dessa forma, regressamos no mesmo dia para Fátima do Sul-MS.

O acesso à Fazenda Paquetá-II, de forma particular, nos causou extremas preocupações, pois sua sede ficava há 9 km da entrada, com o agravante de não termos conseguido contato com os gerentes da localidade, fato que nos fazia prever a possibilidade de ficar à entrada da fazenda sem condições de prosseguir a viagem. Tínhamos conseguido um contato anterior com um dos gerentes da Paquetá-II, por telefone, quando estávamos em Ponta Porã. Desta forma, só conseguimos novo contato no dia em que viajamos para a localidade e felizmente os administradores autorizaram a nossa estada na fazenda e prometeram apoio logístico.

Além disso, os gerentes da fazenda concordaram em buscar-nos na entrada da propriedade. Assim, saímos de Dourados às 7hs da manhã no transporte coletivo que passaria em frente à entrada da fazenda. Ao desembarcar fomos recebida por um dos gerentes da fazenda. Depois de percorrermos a sede e todos os retiros da Paquetá-II, descobrimos não haver nenhum informante que se encaixasse no perfil desejado. Todavia, em conversa com funcionários da fazenda descobrimos a existência de pessoas com ascendência paraguaia que poderiam preencher os demais quesitos da pesquisa na localidade de Posto Guaíba, situado a 10 km do lugar onde estávamos. O gerente Daniel bondosamente se dispôs a levar-nos até essa localidade, aonde chegamos por volta das 10hs e encontramos os dois informantes de que necessitávamos. Em face disso, a localidade Posto Guaíba passou a integrar a rede de pontos desta pesquisa, em substituição à Fazenda Paquetá-Cedro II.

Ao chegarmos à localidade, o Prof. Eronides Vital de Barros já havia entrado em contato com os moradores, mais precisamente com a proprietária do restaurante ali estabelecido, fato que foi fundamental para o sucesso dos inquéritos nesse ponto, caso contrário cremos que não conseguiríamos realizar as entrevistas na localidade. Isto por causa da falta de disponibilidade de tempo, especialmente por parte da informante

feminina. Por volta das 17hs encerramos os dois inquéritos e, em seguida, embarcamos de volta a Dourados e de lá para nossa residência em Fátima do Sul, aonde chegamos às 18hs40min. Sentimos imenso alívio ao retornarmos em segurança para casa com todo o material lingüístico de que necessitávamos para a conclusão de nossa pesquisa.

4.1. Local das entrevistas

Em termos de ambiente de pesquisa, a maioria dos inquéritos foi realizada na casa dos informantes, o que os deixava mais à vontade e proporcionava maior naturalidade nas respostas obtidas. Em quase todas as entrevistas não houve interferência de ruídos externos que prejudicassem a qualidade da gravação. Não foi possível levar um inquiridor auxiliar conosco, por isso realizamos todos os inquéritos sozinha.

4.2. As Gravações

Para a gravação das entrevistas, foi utilizado gravador estéreo portátil Recording RQ-L309 da Panasonic e as gravações em fitas K7, da marca TDK, com sessenta minutos de duração.

5. As transcrições

Considerando que o estudo prioriza o nível lexical, optamos pela transcrição grafemática, adotando, para tanto, os parâmetros estabelecidos pelo projeto ALIB (2001) com adaptações para a realidade específica da pesquisa, ou seja, toda a fala do informante marcando elementos fáticos (sem marcar exageradas repetições). Isso se justifica pela familiaridade que temos com transcrições desse tipo e, também, pela necessidade da confecção das notas nas cartas lingüísticas; quando necessário, como os trechos em guarani, transcrevemos foneticamente os itens. Convém esclarecer que esse procedimento nos facilitou o trabalho, ao submetermos os dados à apreciação de um professor desse idioma; quando houve necessidade de explicações, na transcrição, optamos por utilizar os dois parênteses “(())”, recurso empregado pelos transcritores do Projeto ALIB. Também transcrevemos toda a fala do inquiridor, seguindo as regras gramaticais, só marcando os elementos de entonação, visto não ser essa fala o objeto deste estudo.

6. Informatização dos dados geolingüísticos

Para a montagem e digitalização das cartas geolingüísticas, contratamos os serviços da profissional autônoma, Gleidy Aparecida Lima Milani, da cidade de Londrina – PR, da Universidade Estadual de Londrina - UEL.

No Capítulo II, apresentamos aspectos históricos e geográficos acerca da região investigada.

CAPÍTULO II

A PRINCESINHA DOS ERVAIS NO CONTEXTO HISTÓRICO

*Lutaremos com brio e afã
Por um Brasil fecundo e audaz
Cantaremos ó Ponta Porã
Princesinha Real dos Ervais²⁴*

É sabido que cada região tem suas peculiaridades, suas lendas e mitos. A Princesinha dos Ervais, como é conhecida metaforicamente a cidade de Ponta Porã, também tem, na fala incomum de seus filhos, as marcas vivas de sua história. Antes de abordarmos aspectos históricos e geográficos específicos da localidade, faz-se necessário um olhar para as origens de um Brasil colonial e imperial para que se entenda claramente o contexto em que surgiu essa cidade fronteiriça.

No século XIX (1864-1870), um episódio bélico marcou singularmente com sangue a história de três países: Paraguai, Argentina e Brasil. De forma menos marcante figurou nessa história também o Uruguai. As fontes históricas, dentre outras vertentes, ora falam de invasão territorial paraguaia sobre terras brasileiras e em anexação de terras paraguaias às brasileiras por ocasião da vitória do Brasil sobre o Paraguai, ora aponta disputas inglesas por poder econômico, cujo foco ameaçador foi o modelo econômico paraguaio. O certo é que existem muitas versões sobre a guerra da Tríplice Aliança, popularmente conhecida como Guerra do Paraguai. Qual seria a legítima?

Para falarmos do povoamento do Brasil, em especial da ocupação territorial do antigo estado do Mato Grosso, temos que nos reportar às querelas e disputas entre os espanhóis e portugueses pela posse desse território.

A história revela que, após a chegada e estabelecimento dos espanhóis em regiões hoje paraguaias e brasileiras (Pedro Juan Caballero, Amambai, Miranda, região de

²⁴ Trecho do Hino de Ponta Porã.

Ivinhema, Ponta Porã), ocorreram as chamadas *entradas* e *bandeiras*²⁵ portuguesas em busca de ouro. Os resultados das investidas portuguesas em territórios já percorridos pelos espanhóis foram devastações brutais de missões jesuíticas e o derramamento de sangue de padres espanhóis e indígenas guaranis (GOIRIS, 1999, p.50).

Os fatos narrados ocorreram pouco antes de 1700. Foi por volta de 1778 que os portugueses, na perspectiva insana de expansão territorial e de busca por riquezas, chegaram ao norte de Mato Grosso, até a cidade atual de Cuiabá e, posteriormente, fundaram as cidades de Miranda e de Albuquerque em território hoje sul-mato-grossense. Sobre o assunto, Goiris (1999, p.50-51) corrobora:

[...] os portugueses, a parte de adueñarse de la región de los campos de Jeréz, desde 1778, se hicieron o cargo de otros territorios, fundando, por ejemplo, la ciudad de Boletín. Después, en esta misma localidad, en 1797, crearon una penitenciaría a la que dieron el nombre de Miranda. Después, aparecería la ciudad de Miranda, en el Mato Grosso. A parte de eso, en el Alto Paraguay, en el margen derecha del río Paraguay, los portugueses fundaron las ciudades de Corumbá y Albuquerque; ésta última em 1788 así como el Fuerte Coimbra²⁶.

Ressalte-se que as disputas territoriais em regiões de fronteira datam dessa época e, no período após a guerra entre o Brasil e o Paraguai, ocorre a anexação definitiva ao então território brasileiro de cidades como Bela Vista, Miranda, Albuquerque, Nioaque, Corumbá e Ponta Porã (GOIRIS, 1999, p.51).

Por volta de 1750, depois de os portugueses já terem ocupado grande parte das terras pertencentes à coroa espanhola, foi firmado entre as duas nações o Tratado de Madrid²⁷ com o objetivo de definir formalmente os limites territoriais do Brasil. As disputas entre os portugueses e os espanhóis se prolongaram ainda por longos anos. Por volta de 1771, ainda discutiam os dirigentes dos dois países sobre a posse da região que hoje forma a fronteira do estado de Mato Grosso do Sul, fato que culminou com a fundação, no século XVIII, pelo governo português, dos fortes de Coimbra, Príncipe da

²⁵ As entradas e bandeiras eram expedições com número relativamente grande de homens, sob o comando de uma espécie de chefe. O objetivo dessas *entradas* ou *bandeiras* era desbravar e conquistar territórios, caçar índios para o trabalho escravo, ou ainda, busca por ouro (GUIMARÃES, 1999, p. 13-37).

²⁶ “Os portugueses com intenção de se tornarem donos dos campos de Jeréz, desde de 1778, dominaram outros territórios, fundando, por exemplo, a cidade de Boletín. Depois nesta mesma localidade, em 1797, construíram uma penitenciária a qual deram o nome de Miranda. Depois, surgiria a cidade de Miranda no Mato Grosso. Além disso, no Alto Paraguai, à margem direita do rio Paraguai, os portugueses fundaram as cidades de Corumbá e Albuquerque, esta última em 1788, assim como o Forte Coimbra” (TN).

²⁷ Acordo feito entre espanhóis e portugueses que demarcava limites territoriais para as duas nações (GUIMARÃES, 1999, p. 16).

Beira e Iguatemi e do povoado de Albuquerque, este último posteriormente deu origem à cidade de Corumbá-MS (GUIMARÃES, 1999, p.16-17).

Entretanto, não seria assim tão facilmente resolvido o problema das demarcações de limites territoriais do Brasil. *A guerra parecia inevitável e uma questão de tempo* (CORRÊA, 2005, p.35). De acordo com a versão brasileira para os fatos, foi inculcido na mentalidade dos povos descendentes dos espanhóis que formaram posteriormente a nação paraguaia que, na verdade, os limites territoriais seriam aqueles delimitados pelo espanhol Félix de Azara com o Tratado de San Ildefonso (1777), ou seja, a linha divisória passaria pelo arroio Branco ou pelo rio Miranda (GUIMARÃES, 1999, p.101).

Não terminaria em curto prazo, como foi previsto entre governantes dos países que estabeleceram a Tríplice Aliança, o combate entre estes e o Paraguai que, por ser à época uma nação organizada política e economicamente, possuía infra-estrutura suficiente para arrastar as hostilidades bélicas por longos anos. E foi o que aconteceu.

Bonalume Neto (2004, p.24) atribui a longa resistência paraguaia aos aliados da Tríplice Aliança a problemas de ordem geográfica, logística e tecnológica. Segundo esse autor, a região dos combates era de difícil acesso, com poucas vias de comunicação ao Paraguai e, somando-se a isto, a falta de conhecimento do território, bem como a dificuldade de levar provisão aos soldados, o que favorecia fortemente o exército paraguaio. Acrescendo-se a isso o fato de a região ser isolada, com terrenos úmidos, facilitando a proliferação de doenças, como a epidemia de cólera que atingiu os exércitos nos anos de 1866-1867.

De acordo com historiadores, culminou em saldo negativo para o povo paraguaio essa disputa territorial. Depois de cinco longos anos de guerra (1864-1870), 99% da população masculina paraguaia morreram, sobrevivendo somente velhos, crianças e mulheres. Segundo Goiris (1999, p.113-114), a população paraguaia contava no início da guerra com um número aproximado de 800 mil habitantes, dos quais morreram cerca de 606 mil. Estima-se que no final da guerra essa população resumia-se em 194 mil pessoas das quais apenas 14 mil eram do sexo masculino, contando com velhos e crianças. Houve, na verdade, um verdadeiro genocídio que dizimou 98.3% dos cidadãos paraguaios. Em escala menor, também houve grande número de soldados mortos oriundos do Brasil, da Argentina e do Uruguai.

A guerra da Tríplice Aliança pode ser considerada um reflexo tardio das ambiciosas disputas ocorridas no início da colonização, para não se falar no tratado de Tordesilhas²⁸ (1494), que foi violado várias vezes por espanhóis e portugueses e que acabou sendo substituído pelo Tratado de Madrid (1750). Este último desencadeou outras batalhas, desta vez pelos índios guaranis, na chamada Guerra Guaranítica, quando se revoltaram por não quererem abandonar suas terras férteis a favor dos espanhóis e dos portugueses (GOIRIS, 1999, p.58-62).

É lamentável que países vizinhos como o Brasil e o Paraguai tenham encontrado na guerra a única solução para a disputa territorial que se arrastou durante cinco longos anos entre esses dois países. Mais lamentável ainda é o fato de milhares e milhares de pessoas terem sacrificado suas vidas, dizimadas em consequência da ganância humana por domínios territoriais.

Acerca disso Goiris (1999, p.63) registra:

... cabe reflexionar sobre el importante y difícil tema de la geopolítica, que, como se ha visto, desde el siglo XVI, traía aparejado graves problemas de límites territoriales, que, con el pasar del tiempo, va a encontrar, lastimosamente, su solución definitiva en la guerra, en la violencia y en la muerte de tantos inocentes. La guerra de la Triple Alianza puede ser considerado el ejemplo más paradigmático de los efectos perversos del antiguo flagelo del desmedido expansionismo territorial²⁹.

Com sede de liberdade e desejando livrar-se do domínio espanhol, o Paraguai deu o grito de independência na voz do capitão Pedro Juan Caballero, no dia 15 de maio de 1811, data a partir da qual o Paraguai se torna nação livre. Quando o Capitão Caballero foi oficializado presidente do congresso, no dia 12 de outubro de 1813, proclamou a independência paraguaia.

Já na versão brasileira da guerra, contada por boa parte dos livros sobre a história de Mato Grosso do Sul, Ponta Porã e algumas cidades do sul do Estado eram pertencentes ao território brasileiro. Todavia, uma análise mais apurada dos fatos permite-nos inferir que houve a ampliação territorial do Brasil, após o fim das hostilidades com o Paraguai

²⁸ A linha divisória de Tordesilhas dividia de pólo a pólo, traçada a 370 léguas de oeste das Ilhas de Cabo Verde, as terras da América entre as nações portuguesa e espanhola. As terras que constituem hoje Mato Grosso do Sul, nesse tratado, pertenciam à coroa espanhola (CAMPESTRINI; GUIMARÃES, 1995, p. 13).

²⁹ Cabe refletir sobre o importante e difícil tema da geopolítica, que, como se tem visto, desde o século XVI, trazia atrelados graves problemas de limites territoriais que, com o passar do tempo, vêm encontrar, lamentavelmente, sua solução definitiva na guerra, na violência e na morte de tantos inocentes. A guerra da Tríplice Aliança pode ser considerada o exemplo dos efeitos perversos do antigo flagelo do desmedido expansionismo territorial. (TN)

(FRAGA, 2004, p.43). Acredita-se, pois, que não só Ponta Porã, como também outras localidades da fronteira (Bela Vista, Foz do Iguaçu, Dourados, Coronel Sapucaia) podem ter sido território paraguaio.

De acordo com a versão brasileira para os fatos, por volta de 1862, o Brasil não tinha ainda seus limites territoriais definidos, particularmente em relação às regiões fronteiriças com o Paraguai e com a Bolívia. O governo paraguaio, por ter interesse pelo território hoje pertencente ao estado de Mato Grosso do Sul, invadiu a região, provocando a guerra entre o Paraguai e o Brasil. Segundo essa versão brasileira, houve, por parte do governo brasileiro, tentativas de demarcações de limites territoriais via diplomática, o que foi rejeitado pelo então presidente do Paraguai. De acordo com os registros históricos brasileiros, o Paraguai perdeu a batalha e a guerra terminou em primeiro de março de 1870, passando a região sul de Mato Grosso ser de posse definitiva do território brasileiro (CAMPESTRINI; GUIMARÃES, 1995, p.54-56 e 88).

É sabido que o Paraguai arcou com inúmeras conseqüências dessa guerra, entre as mais graves, as doenças, o extermínio de homens, mulheres e crianças, a desestruturação da política e da economia nacional, calamidades sociais também registradas no lado brasileiro, mais acentuadamente nas regiões de fronteira do estado de Mato Grosso do Sul. Batista Corrêa (2005, p.41) registra que *pouca coisa restou na fronteira, que, devastada pela guerra e por doenças como varíola, lembrasse o período anterior ao conflito com o Paraguai. [...] A fronteira transformou-se em “terra de ninguém”*. Apesar desse quadro desanimador, o que chama a atenção é o fato de o povo ter construído um recorte da história que transforma homens em heróis, em mitos.

É nesse contexto que a história da guerra entre o Brasil e o Paraguai tem, particularmente, duas versões que nos interessam: uma que elege o Brasil como herói, e outra, do outro lado da fronteira, que reconhece os heróis e as vítimas, ou seja, os que foram massacrados, como símbolos dessa história paraguaia. Os paraguaios não são vistos como derrotados, assim como os brasileiros não são os algozes desse contexto, aqui na pátria brasileira, os paraguaios são em terras paraguaias os mártires de um triste episódio que, com certeza, os paraguaios não gostariam de ter protagonizado. Eis aí a representação cultural de cada povo que gera os heróis e, conseqüentemente, os mitos.

Após a guerra entre o Brasil e o Paraguai, que culminou numa mudança cultural radical, pois acabou ocorrendo uma singular mistura de povos nessas fronteiras. Na formação étnica e cultural da região sul de Mato Grosso, além dos paraguaios, diversas

outras etnias ali se fixaram como resultado de migrações externas, como árabes, japoneses e bolivianos, principalmente na região central do atual estado de Mato Grosso do Sul. Acrescente-se a isso a presença de três nações indígenas arroladas na formação do povo sul-mato-grossense, quais sejam: os terenas, os caiapós e os guaranis (CABRAL, 1999, p.27-42).

Registrem-se ainda, as migrações internas de povos advindos de outros estados brasileiros que, atraídos pelas terras férteis e relativamente planas, adentraram a região centro-oeste do Brasil com esperanças de melhoria de vida. Prova disso são as influências paranaense e gaúcha encontradas em algumas das comunidades rurais por nós investigadas, particularmente na Cabeceira do Apá e na Fazenda Paquetá-Cedro.

Não poderíamos deixar de abordar a importante influência jesuítica sobre os indígenas da época, fundamental na formação da população que povoa atualmente os territórios de zonas fronteiriças entre o atual estado de Mato Grosso do Sul (Brasil) e a República do Paraguai. À época das missões jesuíticas, a etnia predominante naquelas paragens era a guarani que, sob a orientação dos padres, trabalhava em forma de sociedade produzindo arroz, trigo, milho, cana-de-açúcar, tabaco e algodão. Vale ressaltar, porém, que o produto mais cultivado na região era a erva-mate, cultivo este anterior ao advento das missões jesuíticas, fato que pode explicar a influência e a perenização desse cultivo até nos dias atuais na fronteira do Brasil com o Paraguai. Havia, também, entre as tribos indígenas, a produção da chicha, bebida fermentada que causava alto teor de embriaguez (GOIRIS, 1999, p.54-55).

Acerca do cultivo da erva-mate Goiris (1999, p.55) registra que: *el dominio tecnológico da explotación de la yerba mate, instituído por lo jesuítas, va a ser fundamental para que las nuevas generaciones puedan aprender y desarrollar esta importante rama de la economía colonial*³⁰. Na verdade, a produção da erva-mate foi pólo de desenvolvimento e rentabilidade na República do Paraguai que, anteriormente à guerra, fora o maior produtor de erva-mate da América Latina e, no pós-guerra, perdeu o domínio para o monopólio brasileiro, razão por que Ponta Porã representou pólo importante de exploração da erva-mate no século XIX, tendo como mão-de-obra os trabalhadores paraguaios que conheciam os segredos da preparação da erva e eram obrigados a trabalhar nos ervais brasileiros.

Assim, com a guerra do Paraguai e a derrota de Lopes, então presidente do Paraguai, houve uma “corrida” pelo monopólio dos ervais que rentabilizavam uma enorme

³⁰ “O domínio tecnológico da exploração da erva mate, instituído pelos jesuítas, será fundamental para que as novas gerações possam aprender e desenvolver este importante ramo da economia colonial” (TN).

quantidade de dinheiro aos exploradores. Com isso, o Paraguai não só perdeu a guerra, mas também uma importante fonte de renda: os ricos ervais. Nesse particular, Bianchini (2002, p.87) registra que ... *não são poucos os autores que se referem ao problema da questão como usurpação das terras paraguaias pelo Brasil*. O fim da guerra arrancou do Paraguai uma extensão territorial de 156.415 km quadrados, terras essas que foram anexadas ao território brasileiro no pós-guerra.

Arruda (1986 apud BIANCHINI, 2002, p.87) registra que o *Paraguai que antes da guerra foi o maior produtor de erva-mate da América Latina perdia não só boa parte das suas terras, como passava a enfrentar a concorrência da produção de erva-mate brasileira*.

Depois da guerra da Tríplice Aliança, houve a exploração e o comércio da erva-mate pela companhia Matte Laranjeira. Essa exploração foi marcada por extrema violência e crueldade, desde o início de suas atividades, praticada pelos fundadores dessa companhia para com os trabalhadores dos ervais nativos. Ao ganhar longas concessões, autorizadas pelos governantes brasileiros, para atividades de livre comércio e proteção de fronteiras, a Matte Laranjeira estabeleceu sistemas de *semi-escravidão* no trato com os ervateiros que, na sua grande maioria, eram paraguaios e gaúchos, estes últimos ex-combatentes na Revolução Federalista. Ser empregado na Matte Laranjeira representava “um caminho sem volta”, pois a Companhia fornecia os subsídios para a manutenção física (roupas, alimentos, remédios, produtos em geral) do funcionário, mecanismo esse utilizado pela empresa para usurpar o ervateiro nos seus direitos e escravizá-lo até esgotar a sua força braçal, já que, desesperados por saldarem seus “débitos” e ganharem novamente a liberdade, trabalhavam cada vez mais sem obter sucesso no propósito que os moviam, pois a cada dia “deviam” mais à companhia (BATISTA CORRÊA, 2005, p.66-67).

Convém abrir aqui um parêntese para pontuar o processo deteriorante a que esses trabalhadores braçais eram expostos. A situação era desumana, pois a forma de transporte do fardo de erva expunha o ervateiro diariamente a um suicídio involuntário, pois com um peso aproximado de 150 kg nas costas o menor passo dado em falso era fatal. Quando isso acontecia ou a espinha dorsal partia-se ou o ervateiro sucumbia debaixo do peso da carga. A fuga dos ervais era considerada um crime gravíssimo e os que o praticasse, ao serem capturados, o que freqüentemente acontecia, eram fuzilados ou submetidos à tamanha sessão de açoites que poucos sobreviviam, atos que intimidavam os demais (BATISTA CORRÊA, 2005, p.67).

Na análise da história da colonização e povoamento das terras sul-mato-grossenses tornam-se perceptíveis os atos de violência e o derramamento de sangue que subjazem ao início da formação do povo sul-mato-grossense. É lastimável que os processos de ocupação e desenvolvimento de territórios tenham no rastro de seu percurso marcas de agressão aos direitos humanos como fórmulas para a ascensão econômica, visões essas distorcidas e longe de considerarem o respeito e a dignidade do homem, por isso destruíram para depois construir.

Em relação ao cultivo dos ervais, muitos dos traços implantados na origem de sua produção foram inculcados pela ação dos jesuítas, como por exemplo, o processo de cultivo, secagem e armazenamento da erva. Eles não só fundaram povoações, como difundiram o catolicismo, implantaram a organização familiar e incrementaram a economia (GOIRIS, 1999, p.55). Do ponto de vista da cultura indígena existente na época, os jesuítas agiram como alavanca para alterá-la, posto que na essência, configurava-se como uma cultura totalmente diferente da branca.

A intenção inicial dos missionários jesuítas de demarcar territórios e de catequizar os povos indígenas foi abandonada, resultado das disputas territoriais entre espanhóis e portugueses que geraram sempre violentas e sangrentas batalhas. Essas situações marcaram de forma drástica a memória dos povos que habitaram as faixas de fronteira dos países latinos com o Brasil, pois a violência figurou durante muito tempo, especialmente pelas dificuldades de delimitações territoriais precisas. Como fator agravante, a situação de fronteira seca sempre figurou como canalização de *mobilização* populacional atraindo o livre curso de bandidos e bandos armados na região. E, como se não bastasse, imperou a formação generalizada de coronéis que angariavam forasteiros e bandidos de toda espécie para as suas conquistas de terras, a lei reinante era a do mais forte (BATISTA CORRÊA, 2005, p.75-76).

Nesse contexto, depois da conquista definitiva do território de Mato Grosso e com o fim de assegurar a posse do sul do Estado, foram desencadeados processos de ocupação instituídos legalmente, por meio do estabelecimento de fortes e de formações de vilas e cidades, especialmente nas regiões dos novos limites fronteiriços, ocasionando com isso o desenvolvimento político e econômico e dando impulso ao crescimento do lado Sul de Mato Grosso, onde se localiza Ponta Porã, fato esse que cooperou para a futura divisão do desse território, o que resultou em dois estados da federação: Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Segundo Corrêa (1999, p. 63), esse processo em busca da divisão territorial do território do então estado de Mato Grosso também foi marcado por derramamento de sangue, pois custou a morte, no final do século XIX, do então mentor do movimento separatista do estado de Mato Grosso, o advogado Barros Cassal, além do exílio de Mascarenhas e Teixeira Muzzi, líderes desse movimento separatista.

As causas para a sonhada divisão do Estado por parte dos mato-grossenses da região sul centravam-se sobretudo nas enormes proporções territoriais do Estado. Como agravante da situação, Mato Grosso, a sede da administração política do território situava-se ao norte do Estado – Cuiabá -, o que resultava em desenvolvimento substancial dessa faixa de território, enquanto o sul do Estado ficava prejudicado econômica e politicamente. Outro fator que favoreceu a divisão foi a grande extensão territorial que separava o sul do norte, o que tornava inviável uma boa administração econômica na região sul (CORRÊA, 1999, p.63-64). Desde o início de sua colonização, o sul de Mato Grosso apresentava características próprias, diferenciadas em termos geográficos, históricos, administrativos e culturais.

Depois de extensas reivindicações, ocorre a divisão do então estado de Mato Grosso, dando assim origem ao atual estado de Mato Grosso do Sul, capital Campo Grande, com a assinatura da lei complementar nº 31, no dia 11 de outubro de 1977, pelo presidente Ernesto Geisel (CAMPESTRINI; GUIMARÃES, 1995, p.141).

Foi assim que a parte sul de Mato Grosso ganhou características próprias nos eixos político-administrativo e cultural já que foi desvinculado do então território de Mato Grosso. Na seqüência, vejamos o Mapa do estado de Mato Grosso do Sul, nas suas microrregiões, destacando-se no canto superior à direita esse Estado no contexto brasileiro.



Situado na região Centro-Oeste do Brasil, Mato Grosso do Sul se encontra em situação de fronteira seca com a Bolívia e o Paraguai, fato que atua diretamente na cultura e nos hábitos lingüísticos locais. A região difere das demais não só nos hábitos lingüísticos, como também nos aspectos culturais, visto que, nas questões religiosas, na culinária, nas festas típicas têm-se, sempre presentes, traços da cultura paraguaia, na região de Ponta Porã, e da cultura boliviana, em outras regiões de fronteira. Assim, na fronteira com o Paraguai mesclam-se hábitos alimentícios (sopa paraguaia, bori-bori, chipaguaçu, locro) e costumes religiosos como a crença na Virgem de Caacupê (santa festejada na fronteira; segundo conta a história local, ela apareceu em um pé de erva-mate em plena Guerra do

Chaco e por isso o Paraguai, teria vencido a batalha; além disso, essa crença religiosa assemelha-se à devoção a Nossa Senhora Aparecida, eleita pela tradição católica como padroeira do Brasil, e ainda, mitos (*enterro*³¹, *pombero*). Houve também a assimilação de danças paraguaias, como é o caso da polca paraguaia e do chamamé, sem contar questões relativas à medicina caseira, ao uso de ervas e de plantas, também prática corrente entre os habitantes da região (CABRAL, 1999, p.45, 51-55).

Situada a 339 quilômetros ao sul de Campo Grande, Ponta Porã recebe seus visitantes com um monumento histórico que contém a cuia de tereré e do chimarrão, marcas que remetem à formação histórica da cidade. O símbolo da cultura local recupera a era de ouro do ciclo da erva-mate, da qual Ponta Porã foi sede, daí a saudação impressa nesse monumento: *Bem-vindo à Princesinha dos Ervais*.

Ponta Porã tem ainda características climáticas peculiares, por estar mais próxima à região sul do Brasil, razão porque no inverno é uma das cidades mais frias do Estado com temperaturas baixíssimas (COELHO NETTO, 2002, p.97). Esse fato deve-se aos 655 m de altitude em relação ao nível do mar³². Vejamos, a seguir, o mapa³³ do estado de Mato Grosso do Sul, com destaque para o município de Ponta Porã.

³¹ Tipo de assombração.

³² Dados do IBGE (2001).

³³ www.guianet.com.br/ms/mapams.htm (Mapa rodoviário de MS - guia cidades).

militar comandado por Ramos Nazaré, que também tinha como objetivo estabelecer um posto de fiscalização estadual que controlava o transporte e a comercialização da erva-mate com destino ao porto de Concepción, cujo monopólio pertencia à companhia Matte Laranjeira. Segundo historiadores, por falta de conhecimento das linhas divisórias da região, o posto fiscal funcionou primariamente em terras paraguaias. Com a demarcação dos limites territoriais brasileiros, foram levantadas colunas de concreto armado para situar os limites fronteiriços. Daí se principiou a construção de ranchos, dando assim o início à urbanização de Ponta Porã (GUIMARÃES, 1992, p.49-50).

Ponta Porã, desde os seus primórdios, já figurava como importante ponto histórico-geográfico no âmbito do atual estado de Mato Grosso do Sul. Palco de inúmeros acontecimentos, sua história se construiu ao longo das épocas contracenando com importantes personagens, não só aqueles que fizeram história em Mato Grosso do Sul, mas também aqueles que fazem parte da história da nação brasileira. Entre os fatos importantes ali ocorridos podem-se citar, dentre outros, algumas das batalhas da Guerra do Paraguai, como a retomada de Corumbá, a retirada de Solano Lopez, antes de sua derrota final, a formação de importantes fortificações militares brasileiras. (GUIMARÃES, 1992, p.45-49).

No contexto estadual, a importante Princesinha dos Ervais já ocupou o elevado posto de Território Federal, em 1943, pelo decreto-lei de 13 de setembro do Presidente Getúlio Vargas, medida que tinha como propósito firmar fronteiras e desenvolver a região, fato que desencadeou o envio de verbas federais como investimento no desenvolvimento da localidade. Entretanto, seu reinado foi curto, intrigas políticas alegavam que a criação do Território Federal de Ponta Porã feriria a Constituição Federal, o que culminou com a sua extinção em 1946 (GUIMARÃES, 1992, p.55). O Território Federal de Ponta Porã reunia os municípios de Porto Murtinho, de Miranda, de Nioaque, de Bela Vista, de Ponta Porã, de Dourados, de Maracaju e de Bonito. Ponta Porã era a capital e o seu primeiro governador foi Ramiro Noronha (CAMPESTRINI; GUIMARÃES, 1995, p.129).

O município de Ponta Porã foi criado em 1912 e a comarca, em 1915. Sempre palco de fatos históricos importantes, a cidade sediou muitas batalhas, dentre elas a revolução armada de São Paulo ocorrida em 1922. Já nessa época figurava como importante ponto de mobilização militar, estratégia adotada para garantir a segurança dos limites fronteiriços brasileiros e sul-mato-grossenses. Contava então com o 11º. Regimento de Cavalaria Independente (GUIMARÃES, 1992, p. 53). Eurico Gaspar Dutra, personalidade que já governou o Brasil, comandou o regimento em Ponta Porã, que é conhecido como o *Onze*, ou ainda, como Regimento Marechal Dutra. O 11º. Regimento de Ponta Porã marcou

presença na Segunda Guerra Mundial (Itália) ocasião em que reencontrou o Marechal Dutra (NETTO, 2002, p.97). Vejamos, a seguir, o mapa antigo do município:

Mapa Antigo de Ponta Porã (1956)³⁴

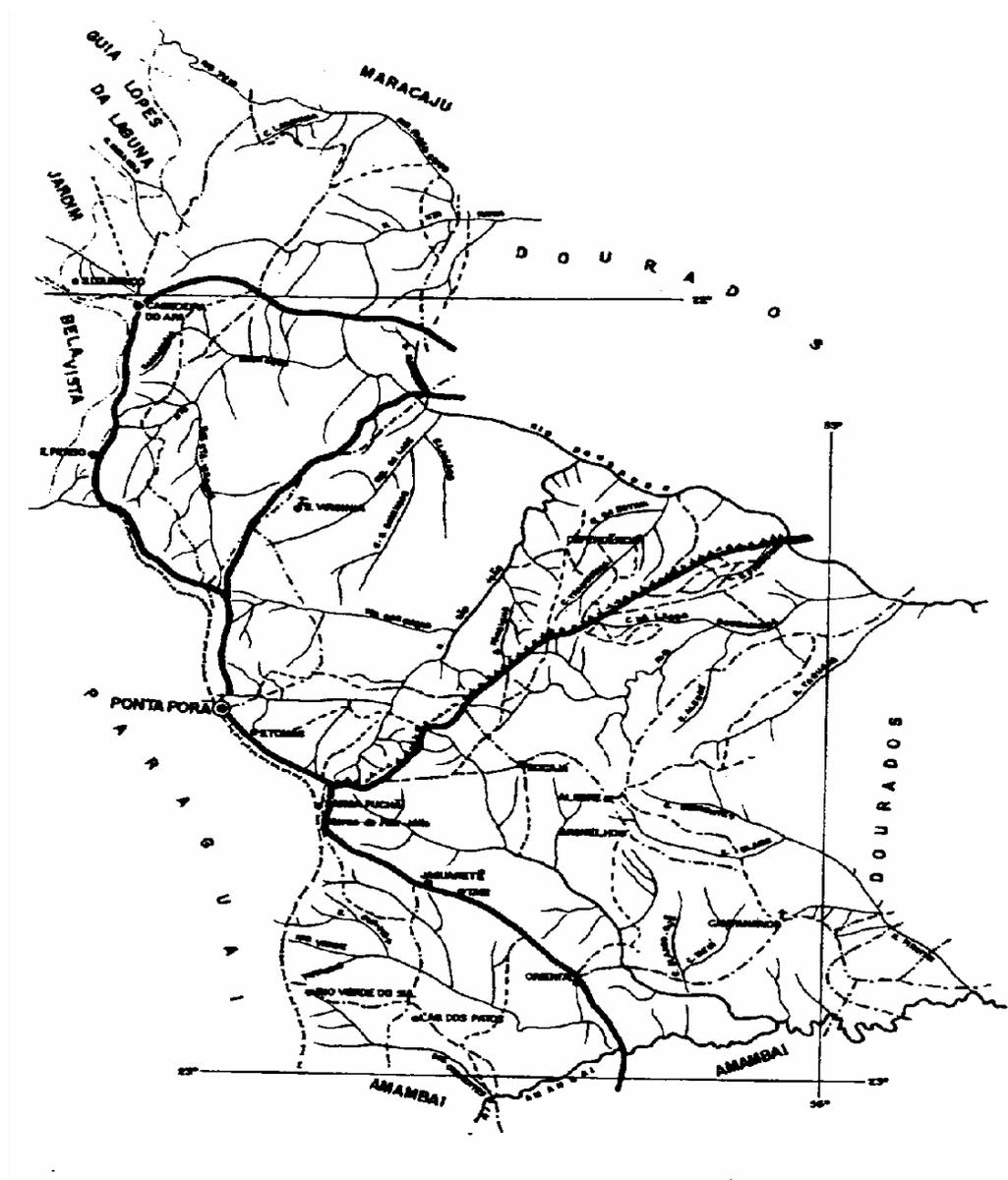


A “princesa” à época já prometia! Por volta de 1950, foi construída a estrada de ferro Noroeste do Brasil para Ponta Porã, ligando a localidade com Corumbá, fronteira com

³⁴ Guimarães (1992, p. 52).

a Bolívia. Na verdade, a estrada de ferro servia às intenções políticas de colonização do Estado, visto que as extensões de terras adjacentes a essa estrada de ferro poderiam ser loteadas gratuitamente por cidadãos brasileiros. Por ser Ponta Porã parte desse território foi cruzada pela Noroeste do Brasil³⁵. Nessa época surgiu também a primeira estrada asfaltada ligando o sul de Mato Grosso a São Paulo (GUIMARÃES, 1999, p.268). Em 1932 houve a desapropriação de 5.000 hectares de terras pertencentes à Companhia Matte Laranjeira, no atual São Tomás, por parte do governo federal, com o objetivo de promover o crescimento da cidade (GUIMARÃES, 1992, p.53).

MAPA MODERNO DE PONTA PORÃ³⁶



³⁵ Ver: Corrêa (2005, p. 152).

³⁶ Guimarães (1992, p. 57). A fonte consultada não informa a data do mapa.

Para esclarecer o nome do município passemos à palavra a um informante³⁷ de etnia paraguaia, falante bilíngüe: ...*Ponta Porã era do Paraguai também, por isso que tem o nome, em guarani, de Punta Porã. Punta és la cima (alta)... e Porã és lindo... cima hermosa, cima linda.*

Segundo historiadores como Alvarenga Caballero (1987 apud GOIRIS, 1999, p.129), a região de Ponta Porã foi originalmente nomeada de *Yvyaanguazú* que, em língua indígena, significa *lugar alto*. O capitão Juan Francisco de Aguirre, citado por Caballero, enviado ao território para a demarcação de limites entre Espanha e Portugal, registra em seu Diário que a expressão *Yvyaanguazú* significa *lugar alto*. Segundo a mesma fonte, o mesmo nome também era pronunciado como *Huanguagazú*, cujo prefixo “Hua” na língua guarani, e deste ao português, significaria *lugar alto* e o restante da palavra *nguagazú*, aprazível. Com o tempo o termo foi traduzido ao espanhol, misturado ao guarani, resultando no nome de *Punta Porã*, com o significado de *lugar alto e belo* (GOIRIS, 1999, p. 129-130).

Ainda em se tratando do nome, Netto (2002, p.97) registra que

o próprio nome da cidade, Ponta Porã, é o resultado de uma mistura entre o espanhol e o guarani, que significa ponta bonita. É uma homenagem a uma lagoa da região, a Laguna Punta Porã. Há outra versão para o nome da cidade, com o mesmo princípio, que seria um lugar alto e aprazível.

Notamos, pois, a similaridade das duas versões sobre a etimologia do topônimo Ponta Porã aqui verificadas: a do registro histórico e a do informante.

Todavia, permanece sem resposta concreta e objetiva a pergunta: seria Ponta Porã território originalmente paraguaio ou brasileiro?

Apesar das muitas versões acerca das disputas territoriais, as respostas podem ser deduzidas pelas leituras diversas de importantes obras históricas brasileiras e paraguaias que registram Ponta Porã como originalmente território paraguaio.

Capítulo III focaliza os pressupostos teóricos que orientaram a pesquisa.

³⁷ P. B., 23 anos, ensino médio completo, casado, morador em Pedro Juan Caballero-Paraguai e exerce a função de electricista em Ponta Porã-MS.

CAPÍTULO III

NAVEGANDO POR CORRENTES LINGÜÍSTICAS: O ESPAÇO DA DIALETOLOGIA

Várias ciências ocupam-se do estudo da relação entre o homem e sua linguagem. Algumas se dedicam mais propriamente ao estudo do homem nos seus diversos ângulos psíquicos como, por exemplo, a Psicologia. Outras se centram mais no ambiente social humano, como a Sociologia, e outras, mais especificamente, naquilo que difere o *homo sapiens* dos demais animais, o fato de ele ser dotado de capacidade de expressar por meio da linguagem, que é estudada pela lingüística. Além disso, falar do homem é falar do contínuo e infinito questionar desse homem em torno de si mesmo, tarefa, pois, da Antropologia.

À lingüística cabe o duplo papel de descrever as mil faces simbólicas que caracterizam as línguas humanas e, ainda, demonstrar como se configuram essas línguas no âmbito de uma comunidade e a importância que esta confere à língua que fala. Assim, o papel da Lingüística é conceber instrumentos que propiciem ao lingüista descrever e analisar a linguagem (CHEVALIER, 1991, p.31-33).

Na atualidade, em pleno século XXI, as ferramentas lingüísticas são muitas. Como já defendia Saussure (1991, p.15), *o ponto de vista é que constrói o objeto*. É fascinante contemplar a língua e poder enxergá-la nas suas várias facetas que são analisadas por foneticistas, analistas de discurso, lexicógrafos, filólogos, gerativistas, sociolingüistas, dialetólogos, entre outros tantos estudiosos da linguagem.

Neste trabalho, escolhemos a face dialetal do estudo da linguagem, voltando-nos para a fala do município de Ponta Porã (MS) com a finalidade de mapear o falar regional, descrevendo assim particularidades lexicais do grupo humano dessa faixa de fronteira, por meio de um atlas lingüístico da localidade.

Considerando a linguagem como código de uma coletividade, marcadamente social, a análise de uma língua natural pode resgatar e descrever aspectos históricos, geográficos, culturais ou ideológicos que caracterizam uma comunidade de falantes.

A língua é vista por Saussure como um sistema articulado que possui vários níveis organizados em elementos mínimos no discurso, os signos. Já a fala é o idioma nas suas possibilidades comunicativas, que permitem ao indivíduo selecionar e combinar elementos do sistema (a língua), utilizando-a de forma criativa (CULLER, 1976, p.25).

Nesse sentido é que se justificam estudos voltados para o uso da língua - a fala, que é diversificada, criativa e exprime o mundo sociocultural da comunidade de falantes. Essa diversidade evidencia-se particularmente no vocabulário, nível da língua que mais reflete influências de fatores geográficos, históricos, étnicos.

Língua pode ser entendida, ainda, como instrumento de comunicação entre indivíduos que dominam o mesmo código, com o papel fundamental de promover a interação dentro de um organismo social. Acerca disso Galiche (1947, apud AMARAL, 1955, p.11), em seus ensaios sobre a linguagem, argumenta que não são as palavras que governam as línguas, mas elas são *governadas por valores psicológicos que criam e recriam, sem cessar, o valor fiduciário das palavras*. E ainda que *as palavras são o corpo da língua*.

Já Ferreira e Cardoso (1994, p.11) definem a língua como

...sistema de sinais acústico-orais, que funciona na intercomunicação de uma coletividade. É resultado de um processo histórico, evolutivo. Fala-se, portanto, de uma língua histórica portuguesa, espanhola, francesa, etc, ou seja, existe em cada uma delas uma estrutura fônica, gramatical e lexical definida e distinta das demais.

Neste trabalho, estamos entendendo língua como código de uma coletividade, usado com fins de comunicação e que, por isso, se configura como espelho refletor da cultura. É entendida ainda, como um instrumento por meio do qual se efetiva a interação entre grupos sociais. A língua, na sua abstração, é conhecida como sistema e, o seu uso, a fala. Entre o sistema e a fala situa-se a norma.

Coseriu foi o mentor do conceito de norma, em resposta à teoria de Saussure quanto à dicotomia língua e fala, que não abrangia todos os níveis do sistema lingüístico, porque desconsiderava que entre a língua e a fala existe um nível intermediário, a norma, portanto, a grande contribuição de Eugênio Coseriu foi a de propor o conceito de norma (BIDERMAN, 1978, p.17).

É a partir dessa noção de norma que se pode explicar, por exemplo, o fato de o português, na variante brasileira, quanto à estrutura (sistema), conservar praticamente todos os traços da língua do colonizador. Entretanto, do ponto de vista da norma, essas variantes diferem e muito. O colonizador implantou sua língua no Brasil como forma de dominação política e cultural, porém, aqui já havia línguas indígenas que acabaram influenciando a língua do colonizador. Posteriormente, o convívio dos dialetos africanos e de outras línguas européias com a língua transplantada também causou influências diretas no português do Brasil. Assim, pode-se falar de norma brasileira, européia, africana, do português, atendo-se, porém, ao fato de que é mais forte a regularidade do sistema do que as irregularidades da norma. (BIDERMAN, 1978, p.18).

A norma é, pois, o nível considerado intermediário entre o sistema e a fala, de acordo com Coseriu, de modo que se pode falar de várias normas entre o sistema e a fala. Existe a norma geral e, dentro dessa, as ramificações de outras normas específicas, *as normas parciais regionais, ou as normas dos grupos minoritários dentro da comunidade* (BIDERMAN, 1978, p.18).

Nessa perspectiva, a *fala* seria o conjunto de atos lingüísticos permitidos num idioma, e a *norma* a abstração na análise dos fatos lingüísticos, a fala e a escrita nos seus diferentes tipos. E, por fim, o *sistema* com seus elementos indispensáveis opositivos, paradigma e sintagma. Nas palavras de Biderman, a norma limita a liberdade expressiva do falante, porque lhe é imposto um sistema de realizações obrigatórias, imposições culturais e sociais. A autora, tratando do conceito de norma proposto por Coseriu, sublinha que a norma está presente nos diversos níveis da análise lingüística: fonético, morfológico, sintático e lexical (1978, p.17-18).

Nossa proposta é contribuir com o registro de uma norma regional, uma vez que um posterior confronto entre as variantes documentadas no Atlas Lingüístico de Ponta Porã (ALiPP) com as que estão sendo registradas pelos projetos Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul (ALMS) e do Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB) poderá resultar em fonte importante para a criação de futuras políticas de língua que visem ao ensino da norma padrão brasileira com o real conhecimento e adequação das variantes regionais.

É por isso que aos pesquisadores da linguagem em geral cabe a tarefa de chamar o passado para o presente, mostrar que elementos do passado persistem no presente, chamar mito e realidade, convocar *palavras* e *coisas* - eis uma missão que nos parece reservada e que o passado nos deixou como legado e desafio (MARTINS, 2002, p.72).

As sociedades de diferentes culturas que vivem em coexistência tendem a misturar as línguas, as palavras e as coisas. Os fenômenos que afetam os vários níveis lingüísticos somam-se às variações e mudanças que atingem a dinâmica interna da língua e também sua estrutura externa, posto que comunidades lingüísticas vizinhas geralmente mantêm atividades comerciais, trocas culturais e contatos lingüísticos que acabam se inserindo nos hábitos cotidianos dessas comunidades, alterando suas realidades. Nesse sentido, é natural absorverem-se as formas lingüísticas mutuamente, o que tem resultado nos contatos de línguas diferentes, originando-se as zonas bilíngües, com particulares traços nos níveis semânticos, morfológicos, lexicais e fonéticos das comunidades atingidas pelo bilingüismo (FERNÁNDEZ, 1998, p.257).

É fato que a língua de uma comunidade passa por transformações e mudanças no decorrer de sua história. Essas transformações, aos olhos do estudioso da linguagem, se tornam visíveis, quando analisa as várias estruturas que formam a tessitura de um dado código de comunicação humana. Partindo desse ponto de vista, a língua pode ser entendida como “mola mestra” que permite perfeito funcionamento à máquina social, além de constituir-se força geradora de conhecimento humano.

Em termos gerais, toda comunidade de falantes sofre influências diretas, no nível da fala, do mundo físico-sócio-cultural que a cerca. Sapir (1974, p.20), ao discorrer sobre o assunto, argumenta que

O fato inconcusso é que o “mundo real” se constrói inconscientemente, em grande parte, na base dos hábitos lingüísticos do grupo [...] os mundos em que vivem as diversas sociedades humanas, são mundos distintos e não apenas um mundo com muitos rótulos diversos.

A visão da língua como fato social pode explicar o “como” o sujeito falante vê o mundo cognoscitivo que está a sua volta por meio de suas lunetas sociais³⁸. É natural, pois, que cada comunidade tenha particularidades na fala. Isso porque, subjacentes ao sistema de uma língua, desenvolvem-se fenômenos lingüísticos que atingem a norma da comunidade, imprimindo à língua falada traços peculiares. Entram, nessa questão, os conceitos de variação e de mudança lingüísticas, sobre as quais trataremos mais à frente, lembrando apenas que o processo de mudança resulta em variação que, em situação de contato lingüístico, também existe mudança.

A situação de contato de línguas configura-se como “terreno fértil” que produz variação e mudanças lingüísticas e, de acordo com Mota (1994, p.509), esse é um

³⁸ Expressão utilizada por Adan Schaff (1974, p. 240).

fenômeno comum que permeia a história social da maioria das comunidades lingüísticas do mundo. É com base nesse princípio que podemos afirmar que a delimitação política de fronteiras nacionais de um país dificilmente coincidirá com as fronteiras lingüísticas. O Brasil é um claro modelo disso, pois temos vários exemplos de contatos lingüísticos e influências de sotaque não só em regiões de fronteira, como também em áreas dialetais dentro do próprio território nacional, fato natural se observadas suas dimensões continentais, os processos de colonização, a mistura de etnias e culturas. Por esse motivo é que existem os chamados falares e/ou subfalares³⁹ brasileiros: os do norte, amazonas e nordestino; e os do sul, baiano, mineiro, fluminense e sulista, nos termos da divisão dialetal proposta por Antenor Nascentes na obra “O Linguajar Carioca” (1953).

As diferenças dialetais e as marcas de bilingüismo que caracterizam uma comunidade são perceptíveis até mesmo pelo não-estudioso da linguagem, visto que essas diferenças sobressaem nitidamente no vocabulário e na fonética. E, para que uma comunidade seja bilíngüe, faz-se necessário pelo menos o contato de duas línguas em situação real de uso.

Nesse contexto, bilingüismo será entendido como *a situação lingüística na qual os falantes são levados a utilizar alternadamente, segundo os meios ou as situações, duas línguas diferentes. É o caso mais corrente de plurilingüismo* (DUBOIS, 1973, p.87). A situação de bilingüismo em Ponta Porã, além de explicações de natureza geográfica, tem suas origens na própria história da região, pois, amalgamadas ao percurso inicial de sua colonização, estão as línguas espanholas e guarani. E, posteriormente, a língua portuguesa implantada na região, após a conquista desse território pelos portugueses.

O uso do bilingüismo⁴⁰ manifestado na fala dos habitantes nativos do município de Ponta Porã – MS, pode ser nomeado como social, na acepção de Fernández (1998, p. 215-216), para quem o *bilingüismo social* se constitui quando a comunidade usa duas línguas ou parte dos seus falantes são bilíngües, realidade lingüística característica da localidade em estudo. Há, subjacente a essa realidade lingüística, um bilingüismo coletivo que se transforma em subsídio ao bilingüismo individual. É possível concluir que a própria situação de fronteira forma o indivíduo bilíngüe, pois se trata de uma situação imposta pela comunidade ao falante nela inserido. O mesmo autor caracteriza esse processo como *un círculo sin salida* ao indivíduo.

³⁹ Não tivemos o objetivo de analisar a terminologia adotada por Antenor Nascentes, mas a intenção de mencionar a divisão dialetal proposta pelo dialetólogo (1953, p. 25-26).

⁴⁰Convém esclarecer que há na localidade o que convencionamos chamar de trilingüismo, ou seja, o uso de três idiomas: o espanhol, o guarani e o português. É digno de nota o fato de uma parte considerável dos informantes ter domínio lingüístico nos três idiomas citados.

Como todo fenômeno que envolve a língua, o bilingüismo tem suas vantagens e problemas, lingüística e culturalmente falando. Ao cidadão da localidade aqui investigada, ser bilíngüe configura-se como importante fator social que influencia sua vida em todos os sentidos (econômica, cultural, profissional, etc.). As trocas comerciais, culturais e lingüísticas são intensas nessa região e ter domínio de um dos idiomas falados no Paraguai para os moradores de Ponta Porã é sinônimo de orgulho. Fato que pode ser observado inclusive em letras de músicas regionais tocadas nas rádios da localidade. Eis um exemplo de uma delas: *Quem nasce em Ponta Porã fala o guarani/Eu tive a felicidade de nascer aqui.*

Já os problemas atingem os falantes sul-mato-grossenses advindos de outras regiões do Estado, especialmente das que não fazem fronteira com os países latinos, pois a diferença cultural e lingüística é fortemente marcada na divisa do Paraguai. À semelhança dos moradores da Ilha de Martha's Vineyard, cuja fala foi estudada por Labov⁴¹, os habitantes de Ponta Porã usam dois idiomas - guarani e espanhol - para se diferenciarem dos falantes de outras regiões. Concluímos, pois, que, se há diferenças de fala dentro de um mesmo território político, mais acentuadas ainda serão essas diferenças em faixas de fronteira. Ferreira et al (1996, p. 483) sobre o assunto corrobora... *a realidade lingüística demonstra que não há geralmente fronteiras nítidas entre variedades faladas em países vizinhos e muito menos entre variedades faladas dentro do mesmo território político.*

Pela análise do léxico da língua falada pelos habitantes de Ponta Porã – MS é possível afirmar que ali coabitam, simultaneamente, uma linguagem una e múltipla, permeada de variedades que fazem da fala local uma gama de falares ricos de influências do mundo físico-social. Isso referenda a tese de Sapir (1969, p.45), que *não é difícil encontrar exemplos de línguas cujo léxico traz assim o sinete do ambiente físico em que se acham situados os seus falantes.*

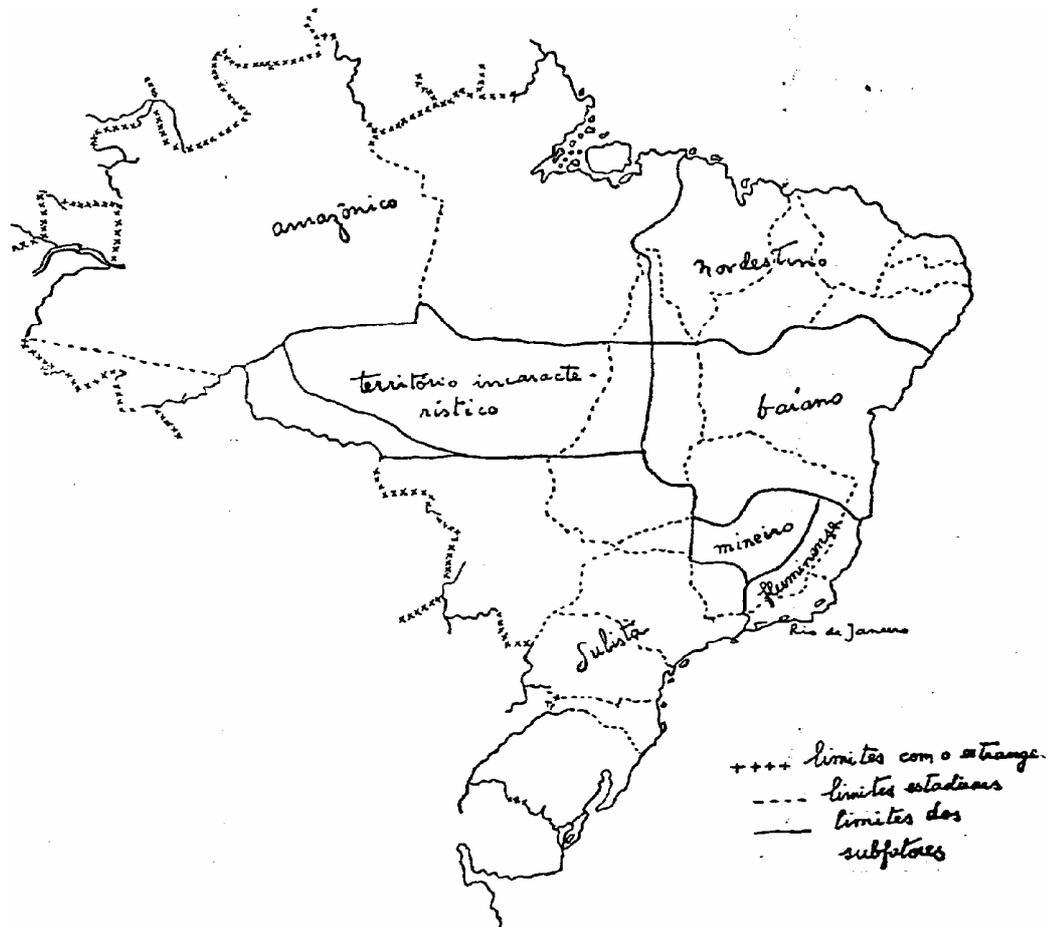
Os fenômenos lingüísticos ocasionados pelos contatos de línguas são observados no estudo de comunidades diferentes que denotam o bilingüismo e, por vezes, o multilingüismo (FERNÁNDEZ, 1998, p.258). No caso específico da localidade de fronteira objeto deste estudo, é nítida a presença desses traços na fala da comunidade.

A importância da região em pauta para as pesquisas lingüísticas no Brasil já fora reconhecida por Nascentes (1953, p.17-26), ao situar Ponta Porã entre a rede de pontos estabelecida por ele para o Atlas Lingüístico do Brasil, demarcando essa região de fronteira

⁴¹ Monteiro (2000, p.11).

com seus limites com o estrangeiro. Vejamos o mapa com a divisão dialetal do Brasil proposta por Nascentes (1953, p.18):

Mapa Dialetal do Brasil traçado por Nascentes (1953)



Como já registramos anteriormente, Nascentes (1953) foi um dos primeiros pesquisadores a demarcar a divisão dialetal do Brasil, proposta até hoje aceita e respeitada, apesar de já se ter estudos que comprovam alguns equívocos relativos a essa divisão⁴². Interessa-nos aqui por ora os conceitos apresentados na obra “O Linguajar Carioca”, em que classificou o falar brasileiro em seis subfalares e dois grandes grupos – norte e sul, posto que entre as regiões por ele descritas, situa-se a que foi tomada como objeto de estudo desta pesquisa. Nascentes definiu a região na qual se situa Ponta Porã com as “cruzinhas” caracterizando-a como pertencente ao falar sulista.

Mato Grosso do Sul, à época da divisão de Nascentes território do então estado de Mato Grosso, localiza-se na região Centro-Oeste do Brasil, tem seus limites territoriais com os estados do Paraná, de São Paulo, de Mato Grosso, de Goiás e de Minas Gerais, além de

⁴² Ver Altenhofen (2005, p.180-181).

estar em situação de fronteira com a Bolívia e o Paraguai⁴³. O autor marcou esse território dando ênfase aos seus limites com o estrangeiro devido à importância da sua localização geográfica, daí a relevância de estudos nessa localidade para o conhecimento da realidade lingüística do Brasil, segundo o dialetólogo. A região descrita por Nascentes, há pouco mais de meio século, como território incomum, na atualidade, integra o domínio geográfico do atual estado de Mato Grosso, já com seu projeto de atlas lingüístico em andamento.

Ressalte-se a importância da obra de Antenor Nascentes para o avanço das pesquisas dialetais brasileiras. Passemos a palavra a ele... *É fato por demais sabido que mesmo dentro do próprio território, por diversas causas entre as quais sobressaem a lei do menor esforço e a necessidade (sic) de clareza de expressão, as línguas tendem a alterar-se* (NASCENTES, 1953, p. 9).

Subjacentes à fala de Nascentes, estão as questões de variação e de mudança lingüísticas. De acordo com esse estudioso, temos um falar tipicamente brasileiro na aceção de língua transplantada e, por esse motivo, enriquecida por diversos falares como os de origens africana e indígena, além das influências em menor escala do espanhol, do inglês, do francês, imprimindo no vocabulário brasileiro grande número de empréstimos lingüísticos (NASCENTES, 1953, p. 11-12).

A heterogeneidade e a diversidade são características inerentes aos processos que atesta à língua o caráter de “organismo vivo” que sofre constantes transformações ao longo de sua história. Fernando Tarallo (1986, p.08; 63-64) define esses processos como variação e mudança lingüísticas, assuntos que abordaremos a partir de agora, com base no pensamento desse pesquisador.

É sabido que a variação toma forma num processo lingüístico comum a todas as comunidades de fala. As chamadas variantes lingüísticas atingem as várias camadas do código de um grupo, são, por assim dizer, as diferentes maneiras de que os falantes dispõem para expressarem o mesmo conteúdo significativo, com o mesmo valor de verdade. Entrelaçada ao fenômeno da variação está a da mudança lingüística. *A variação não resulta em mudança, todavia, mudança sempre acarretará em variação. Mudança é variação!* (TARALLO, 1986, p.63-64)

Segundo o mesmo autor, as variações sofrem dois processos distintos de transformação. O primeiro diz respeito à estabilidade e à contemporização ou coexistência com outras variantes de igual valor semântico que convivem no mesmo espaço lingüístico.

⁴³Fonte: Mapa da Região Centro-Oeste do Brasil. Polivisual. Escala: 1.250.000.

O segundo refere-se à mudança em progresso, que se estabelece mediante a luta pela sobrevivência entre variantes, seguida da morte de algumas delas. Ou seja, a luta entre variantes se trava com armas distintas e com fatores condicionantes, lingüísticos e não-lingüísticos, em que sempre uma delas vence a batalha. Na análise do fator sobrevivência ou morte de uma variante não se pode deixar de examinar a questão histórica, pois é na observação do trajeto percorrido pela variante que conseguimos explicar alguns aspectos que causaram sua ascensão ou a sua morte. (TARALLO, 1996, p.63-64)

A variação e a mudança lingüísticas são fatores que implicam a alteração da história das línguas, formas, às vezes estigmatizadas no presente, podem revelar uma mudança em progresso, como é o caso das formas lingüísticas: *você/cê*; *está/tá* e *para/ pra*, as que estão sofrendo mudança e já aparecem na imprensa falada e escrita do Brasil. Ao ocorrer a variação ou o domínio lingüístico prevalecendo uma forma sobre a outra pode acontecer uma mudança, lembrando-se que a mudança é decorrente da variação. Ao investigador cabe o cuidado de centrar-se na análise do percurso histórico, assim *inicia-se o processo de investigação no momento presente; volta-se ao passado para o devido encaixamento histórico das variantes, retornando-se, a seguir, ao presente para o fechamento do ciclo de análise* (TARALLO, 1986, p.64).

Como as tramas de uma rede, adentramos outro conceitíssimo embutido no campo terminológico da Dialectologia, que também é motivo de controvérsias entre teóricos dessa área, qual seja, o de dialeto.

Dialeto pode ser entendido de várias formas, Leite de Vasconcelos (apud NASCENTES, 1955, p. 12), por exemplo, o define como *as diferenças locais de uma língua admitindo dentro dos dialetos os subdialetos e dentro destes as variedades*. A língua portuguesa, variante brasileira, já foi tratada como um dialeto, digamos, crioulo, da língua portuguesa falada em Portugal, porém autoridades em Dialectologia como Leite de Vasconcelos, Amaral e Nascentes, refutam essa concepção. Em Dubois et al (1973, p.184) encontramos a seguinte definição: *O dialeto é uma forma de língua que tem o seu próprio sistema léxico, sintático e fonético, e que é usada num ambiente mais restrito que a própria língua*. Dialeto é entendido também como variação de uma mesma língua, aspecto regional de uma língua, língua diferente num mesmo país, como registra o prefácio da obra de Amaral (1955, p. 13).

Nesse sentido, tomando como argumento a definição exposta, o português falado no Brasil não pode ser visto como um dialeto crioulo da língua-mãe, pois seu sistema ainda traz mais semelhanças do que diferenças em relação à língua de origem. O que o difere em

muito da língua portuguesa falada em Portugal são os contatos lingüísticos resultado da grande troca cultural e a mistura de várias etnias na formação do povo brasileiro e suas respectivas influências lingüísticas documentadas especialmente na análise pelo viés do léxico. Isso tem se tornado cada dia mais evidente por meio de estudos dos atlas lingüísticos regionais já publicados, e de inúmeros trabalhos dialetais que nos fornecem dados confiáveis sobre a diversidade lingüística brasileira.

Antenor Nascentes (1953, p.15) já registrara que o tratamento dado pelos filólogos à língua portuguesa “brasileira” vista antigamente como um dialeto do português falado na pátria mãe, não pode ser mais aceito. Isto porque não se pode dizer que portugueses e brasileiros não consigam se compreender lingüisticamente, ainda que tenham dificuldades relacionadas à fonética, ao léxico e a questões semânticas. O enriquecimento cultural e histórico refletido na língua “de aquém mar” é fato comprovado pelos atlas regionais já publicados.

Nesse particular, argumenta Marroquim (1996, p.10) que a preocupação de não aceitar o dialeto brasileiro é a causa de não termos o registro lingüístico de sua época em forma de estudo sistemático.

Examinemos, então, a acepção de dialeto fornecida por Ferreira e Cardoso (1994, p.12-13), que o define como as várias influências internas e externas sofridas pela língua - aspectos socioculturais, espaciais, de estilo, regionais. Assim, podemos falar de um dialeto nordestino, sulista, etc, e, quanto ao estilo, fala-se de uma linguagem formal e informal, culta e popular, literária, jornalística, entre outras.

Desta maneira, na língua, quer seja na norma padrão ou na coloquial, existem marcas que identificam o indivíduo como sendo de uma determinada região; são os chamados sotaque e dialeto. A diferença entre esses conceitos é estabelecida, dentre outros, por Lyons (1987, p.246): *o sotaque [...] é restrito a variedades de pronúncia, dialeto [...] inclui também diferenças de gramática e vocabulário*. O mesmo autor explica, ainda, que todos os falantes de uma língua natural se comunicam usando um dialeto e um sotaque e registra que é possível dois indivíduos falarem o mesmo dialeto e, no entanto, terem sotaques distintos, citando o exemplo do inglês britânico e do inglês americano usados muitas vezes de forma inadequada como se fossem dialetos da mesma língua, o que, segundo Lyons, não é verdadeiro, pois existem diferenças lexicais entre os dois falares, embora se trate de uma única língua.

Aplicada a definição estabelecida por Lyons para *sotaque* e *dialeto* à fala de Ponta Porã (MS), teremos a seguinte situação: em termos de sotaque pudemos encontrar pouca

diferença na fala (língua portuguesa) dos habitantes dessa região se comparada à língua portuguesa falada nas demais localidades sul-mato-grossenses, apesar do leve sotaque originário das influências lingüísticas do guarani e do espanhol; quanto ao dialeto, as marcas lingüísticas são mais fortes, pois atingem os níveis de vocabulário e de gramática.

A língua falada em Mato Grosso do Sul possui fortes traços regionais, fato comum à fala dos demais estados brasileiros, o que a diferencia no âmbito lingüístico, particularmente em termos de pronúncia. Exemplos podem ser dados: o uso dos róticos, cuja marca característica é o uso do retroflexo [ɾ] e do vibrante [r], como em [ˈpɔɾtɐ] ou [ˈkaɾtɐ].

Em relação ao dialeto, ainda considerando a definição fornecida por Lyons, observam-se diferenças latentes no vocabulário e na gramática, se comparadas às demais regiões do Mato Grosso do Sul não-fronteiriças. Uma dessas diferenças consiste no apagamento quase que total da marca do plural [s] no nível fonético, especialmente no uso de artigos, substantivos e adjetivos, fato lingüístico observado na fala de grande parte dos informantes. Essa característica na pronúncia pode ser explicada, se considerarmos que a língua guarani, idioma corrente nas faixas de fronteira de Mato Grosso do Sul, comporta, na sua gramática, o sufixo *kuéra* para marcar o plural, ou, em alguns casos, subentende-se o plural pelo contexto⁴⁴. Assim, as trocas culturais e lingüísticas, ocasionam esse apagamento na língua portuguesa falada em Ponta Porã, já que há o entrelaçamento dos vários idiomas na localidade.

Outra distinção perceptível na análise do dialeto do município se restringe ao vocabulário, ocorrendo misturas das línguas da fronteira com o português. Isso acontece em formação de lexias compostas, como nos casos: *camino da formiga* (espanhol/português), *tatu hu* (português/guarani), *estrella guia* (espanhol/português), só para citar alguns exemplos. Existem, ainda, as inversões de idiomas por parte do falante nativo da região, são comuns as definições do tipo “cambuchi em guarani...em espanhol é pote⁴⁵”.

Há ainda a questão da distinção entre dialeto e de falar, cujos critérios de diferenciação ainda são debatidos pelos lingüistas, a maior parte deles com base em elementos extralingüísticos. *Dialeto* tem sido definido *como sendo qualquer variedade lingüística – quer de natureza geográfica, quer de cunho social – que constitua um subsistema singular, unitário*. Já o *falar* é caracterizado por falares regionais (expressões

⁴⁴ Assis (2000, p.168).

⁴⁵ Ponto 5; Inf. M; Questão 207 do ALiPP.

próprias de uma região) e falares locais, ou seja, *peculiaridades da língua comum* (BRANDÃO, 1991, p.13).

Ainda, quanto aos conceitos de *falar* e de *dialeto*, Brandão (1991, p.25) sublinha a importância dos atlas lingüísticos nesse tipo de diferenciação:

Um atlas lingüístico é o conjunto de mapas em que se registram os traços fonéticos, lexicais e/ou morfossintáticos característicos de uma língua num determinado âmbito geográfico. [...] é um repositório de diferentes realizações que constituem as diversas normas que coexistem num sistema lingüístico e que configuram seus dialetos e/ou falares.

Nota-se, nesse contexto, a importância dos estudos dialetológicos como base teórica para estudo das variações lingüísticas. As pesquisas sobre a variação e a mudança têm demonstrado que mudança implica variação e que existe mudança em situação de contato lingüístico. A variação ocorre em línguas faladas por nativos, em formas concorrentes, o que ocasiona competição entre elas e, conseqüentemente, há a variação, o que não acontece em línguas mistas⁴⁶. O tema é bastante complexo. As influências lingüísticas em zonas de fronteiras são constantes geradoras de variação em todos os níveis (MOTA, 1994, p.110).

Um exemplo pode ser dado. A língua galega se situa na fronteira oriental da Espanha que se configura como uma “encruzilhada” lingüística, pois, ligadas à fala, nessa *franja* se mesclam o galego, o asturiano e leonês. Entrelaçados, tem-se a convivência do galego e do português na zona zamorana gerando peculiaridades na oralidade. Entretanto, o domínio lingüístico de Astúrias, Leon e Zamora sufocam os falantes galegos, afastando-os de seus direitos de uso da própria língua (REI, 1994, p.227).

Na fronteira do Brasil com o Paraguai, como já mencionado, há o intenso contato lingüístico de três idiomas: o português, o espanhol e o guarani. Por um lado, é semelhante ao que acontece à língua galega quanto aos contatos lingüísticos, diferenciando-se, entretanto, no que diz respeito às trocas lingüísticas, que são naturais e não sufocam os falantes nativos sul-mato-grossenses nem paraguaios (as trocas lingüísticas ocorrem dos dois lados da fronteira). Ao contrário, essas trocas enriquecem lingüisticamente essa região de fronteira, tornando-a, aos olhos do estudioso da linguagem, um profundo manancial de investigação, rico em variações lingüísticas.

É por isso que, mesmo em território brasileiro, observa-se um sotaque e um dialeto marcadamente regional falado em Ponta Porã (MS), posto que a situação de fronteira

⁴⁶ Entende-se por línguas mistas aquelas que dificilmente podem ser explicadas por famílias genéticas, por terem mais de um progenitor, não podem, por definição ser filiadas num ou noutro deles. Têm partes de sua gramática originárias de duas ou mais línguas (MOTA, 1996, p. 507).

imprime, na fala do dialeto do homem fronteiro, traços característicos que a distingue de outras partes do estado de Mato Grosso do Sul. Isto porque as influências do guarani e do espanhol marcam o sotaque de forma particular, dando à fala local fisionomia própria, distinta nos diversos níveis da linguagem.

Nesta pesquisa, tratamos dialeto e sotaque como *água que jorra da mesma fonte* sem que haja uma separação definida entre esses conceitos, como defendem Chambers e Trudgill (1994, p.22-23). Segundo esses autores, quanto mais se percorrem as distâncias entre povos, mais se percebem as diferenças lingüísticas que atingem a fala das comunidades. Ou seja, *Cuanto más lejos nos hallemos del punto de partida, las diferencias se harán cada vez mayores*⁴⁷

As fronteiras do antigo Estado de Mato Grosso apresentam características lingüísticas semelhantes que se explicam pela posição geográfica do Estado, o lado oeste faz fronteira com países como o Paraguai e a Bolívia que tem em comum em seus territórios as línguas espanhola e guarani. Os reflexos desses contatos são sentidos nos territórios limítrofes brasileiros marcando os sotaques e dialetos, testemunhas das trocas culturais e lingüísticas ocorridas nas faixas de fronteira por povos vizinhos. Entre as regiões do estado que sofrem influências lingüísticas dos países de fala hispânica, temos Ponta Porã, Amambaí, Corumbá, Porto Murtinho.

Nesse sentido, fazemos nossas as palavras de Alvar (apud CARLOTA; FERREIRA, 1994, p.20), no que se refere aos frutos obtidos com a confecção de um atlas:

O grande interesse do atlas está na grande massa de materiais que oferece agrupados; mais, ainda, penso, que sobretudo nas múltiplas surpresas que oferece. A busca, sobre o terreno, dá generosamente frutos para todos os lados. A descoberta de novos motivos de investigação e o levantamento incessante de problemas são dados que depõem em seu favor. As descobertas feitas por um atlas são como brechas na muralha: através das fendas, será possível penetrar no ignorado. E será necessário voltar sobre a brecha para ampliá-la e encontrar o fruto perseguido.

Em consonância ao exposto por Alvar, o estudo da oralidade traz realmente surpresas que só são obtidas no exame das “brechas” quando o olhar do pesquisador é voltado para “dentro” de uma comunidade lingüística. Ao iniciarmos a investigação na região pontaporanense, esperávamos encontrar uma maior influência do espanhol em oposição ao guarani na fala dos habitantes da localidade, pois o guarani era uma língua de

⁴⁷ Quanto mais longe nos encontrarmos do ponto de partida, as diferenças se farão cada vez maiores.

baixo *status* social no Paraguai. A surpresa foi grande. Os dados lingüísticos colhidos na localidade denotaram a enorme recolha de termos em guarani, muito superior aos termos colhidos do espanhol. Talvez essa influência tenda a aumentar com o tempo, pois recentemente o guarani foi instituído como língua oficial e de cultura no Paraguai.

3. 2. A Dialetoлогия: uma retrospectiva

Não é demais ratificar que a Dialetoлогия pode ser entendida como a área da lingüística que se ocupa da tarefa de descrever os diversos falares ou dialetos evidenciados numa língua natural num espaço geográfico, demarcando, dessa forma, seus limites. Cabe à Dialetoлогия, ainda, a função de documentar o avanço ou não de certas formas lingüísticas que possam estar em desenvolvimento ou em via de desaparecimento dentro de um universo lingüístico (DUBOIS, 1993, p.185-186).

Antes do advento da Lingüística Moderna (século XX), a Dialetoлогия já era difundida e creditada como a área de investigação que tem como objeto de estudo a língua em uso, passível de variação por sofrer influências advindas dos mais diversos níveis como o social, o cultural, o espacial, o ambiental.

A ciência dialetológica utiliza-se de procedimentos interpretativos com a finalidade de documentar os falares, e anterior ao surgimento da Sociolingüística, já abarcava na sua metodologia alguns dos aspectos extralingüísticos que atualmente são característicos do arcabouço teórico daquela disciplina, tais como as diferenças sociais, profissionais, etárias, de sexo, nível de escolaridade, situação de comunicação, entre outros. Em se tratando de método, não podemos confundir a Dialetoлогия com a Geolingüística ou Geografia Lingüística; esta é considerada um método da Dialetoлогия⁴⁸ (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p.18-19).

Além disso, a Dialetoлогия não é disciplina confinada aos muros das universidades, pois ela se constrói na atividade de campo, que põe o pesquisador frente a frente com o falante da língua. Caracterizar seguramente essa ciência torna-se um tanto complexo, entretanto, podemos admitir que na sua essência os estudos dos dialetos regionais nos conduzem a caminhos de intensa aprendizagem que dificilmente livros teóricos conseguiriam ensinar, pois, como argumentam Ferreira e Cardoso (1994, p.10), *...é o trabalho de campo o melhor livro de Dialetoлогия que se conhece*. Trata-se do momento

⁴⁸ Há autores que consideram a Dialetoлогия como sinônimo de Geolingüística.

“mágico” em que o livro é o campo de pesquisa e o “mestre” o informante, um mestre humilde que fala e, ao falar, reflete seu mundo, sua cultura, suas crenças, seus sofrimentos.

Nesse particular, Ferreira e Cardoso (1994, p.10) registram que *com o homem rural e com o urbano se aprende não apenas os fatos lingüísticos, porém muito mais, aprende-se sobre uma vida que nunca lhe foi ensinada, mas aprendida de dentro da própria vida*. Nessa perspectiva podemos entender a língua(gem) como instrumento de reconhecimento humano, de recorte de uma realidade social. Podemos ainda aplicar concomitantemente à língua e à cultura o mesmo instrumento de análise e discutir nos dois casos sua organização, posto que língua e cultura são duas atividades do *espírito* humano (CHEVALIER, 1991, p.34).

E há, ainda, a questão das relações humanas que se evidencia no contato estabelecido entre inquiridor e informante, visto que, depois de encerrado o inquérito, tem-se a impressão de ter convivido durante anos com o informante como velhos amigos. Assim, é no contexto da vida que apreendemos, por meio da pesquisa dialetal, no contato com nossos informantes, especialmente com as famílias de classe social baixa, o lutar heróico num contexto social, por vezes desfavorável, que é absorvido no decorrer dos inquéritos lingüísticos.

Sobre o assunto, assim se pronunciou Cintra (1983, p.09-11):

Parece mais próprio do lingüista falar do interesse científico do estudo dos falares regionais. No entanto, é do seu interesse humano que, como tantas vezes o tenho feito verbalmente, desejaria hoje tratar por escrito. [...] Recordo paisagens e, enquadrados nelas, homens e mulheres. Diversos como os cenários em que situavam, contavam-me histórias, diversas também. Ao fim de dois ou três dias sentíamo-nos por vezes verdadeiros amigos, quase irmãos. Eu não tinha podido dar-lhes senão um pouco de atenção, de simpatia. Eles tinham-me dado uma lição magnífica, decisiva para meu modo de sentir e de pensar a partir daquele momento. Atrás dos falares que tinha vindo estudar, era toda uma humanidade humilde mas digna, vivendo intensamente os sentimentos simples, lutando corajosamente pela sobrevivência, com que a dialectologia me tinha posto em contato.

É de particular interesse registrar que as experiências de Cintra continuam sendo revisitadas. A Dialectologia continuou colocando o pesquisador em contato direto com o falante da língua na sua realidade mais íntima, que vai se configurando diante dos olhos do pesquisador. E isso ocorre com naturalidade, talvez o informante nem perceba o quanto se desvenda diante do inquiridor, por meio dos “causos” contados nas narrativas, das respostas fornecidas sobre questões familiares, sociais e religiosas. São pontos de vistas diversos que expõem as diversas maneiras de ver a realidade.

A respeito disso Cintra (1983, p.10) declara que *...o homem que temos na nossa frente vai-se-nos pouco a pouco desvendando. O questionário que utilizamos, organizado por campos de significado, serve-nos de guia na exploração empreendida. Cada pergunta serve de ponto de partida a uma nova excursão pelo mundo do inquirido.* É justamente isso que justifica nosso interesse pela realização de um estudo dialetal sobre a realidade lingüística de Ponta Porã. Destacamos a seguir aspectos do percurso histórico da Dialetoлогия, com vistas a explicitar a base teórica que nos deu suporte para o caminhar deste trabalho.

Enquanto ciência que integra o leque das ciências lingüísticas, pode ser definida como o ramo do saber que visa ao estudo da língua do povo, no seu uso, que se interessa por fixar fatos lingüísticos que possam ser aproveitados para estudos futuros. Assim, não se importa tanto com a fala das classes cultas, por se aproximarem da norma tida como padrão, mas, sobretudo, com a espontaneidade da fala coloquial, tida como estigmatizada, sem prestígio social. Nesse sentido, visa ao estudo da variação e da mudança que acontecem, particularmente, na fala popular.

Na verdade, desde a antiguidade clássica, filósofos como Platão, Aristóteles e Sócrates investigaram a relação entre palavras e coisas e, no decorrer da história das línguas, a discussão entre esses pensadores chegaram até a contemporaneidade infiltrada nas teorias modernas que norteiam a Lingüística, de uma forma geral, como o relativismo lingüístico, a arbitrariedade dos signos, a língua enquanto corpo do pensamento. Assim, a construção da história da ciência lingüística vem sendo arquitetada antes mesmo do início da era cristã (MARTINS, 2002, p.29-35).

No decorrer dos séculos, a evolução desses estudos confirmou ou refutou teorias que abordavam a linguagem e suas implicações. Por não serem recentes, inserem-se, nesse contexto, os estudos dialetológicos e geolingüísticos, na verdade, desde que o homem começou a comunicar-se, há especulações sobre as diferenças lingüísticas expressas na oralidade. Por isso, é de admirar que estudos de Dialetoлогия só tenham principiado sistematicamente a partir do século XIX. Há notícias sobre estudos dialetais interessantes realizados na França datados de 1284, principiados pelo poeta Bernat d'Auriac, cuja investigação começou a partir de palavras que se usavam de norte a sul da França. Também Trevisa (1387) aborda aspectos dialetais de norte a sul da Inglaterra, impulsionando estudos posteriores (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p.36).

Ao longo dos tempos, especialmente do século XII em diante, registra-se a existência de trabalhos no âmbito da relação significado/referente (palavras e coisas),

vocabulários e dicionários, como, por exemplo, os trabalhos de Juan de Valdés *Diálogo de la lengua* (Edição de A. Quilis Morais, 1984); de Covarrubias em sua obra *Tesoro de la lengua Castellhana o Española* (1611), o *Diccionario de la Historia Nacional de Las Islas Canárias* (Edição de M. Alvar, 1982) dentre vários outros no campo da palavra. E, no século XVIII, mais propriamente o trabalho de Fray Martín Sarmiento traz, em meio ao seu interesse pela língua viva, traços dialetais inseridos nos seus estudos, pois realizou inquéritos para obter a *palavra junto da coisa que a designa*. Sarmiento, tal como os dialetólogos atuais, buscava descrever a forma como a língua se revela no seio social em meio ao povo que a usa. Esse estudioso influenciou os estudos da linguagem de sua época por prenciar, com trabalhos de campo, as investigações dialetais. A Dialectologia brotou, pois, num espaço temporal europeu onde se desenrolavam importantes acontecimentos históricos e culturais, como as guerras napoleônicas, cujos objetivos incluíam o de desterrar os dialetos existentes na época. Neste contexto, houve uma valorização do que se considerava como marcas tipicamente nacionalistas e, conseqüentemente, uma busca pelo que se configurava como popular. Tarefa em que se destacaram os eruditos do século XIX (MOUTON, 1987, p.50-52).

Nos estudos das ciências em geral e, particularmente, em relação à ciência lingüística, observamos, nos vários cortes sincrônicos na história da humanidade, acontecimentos importantes que modificaram idéias, fomentaram novos traços em cultura, alteraram o curso normal da história das ciências humanas e sociais. Esses *insights* na mentalidade dos cientistas em diferentes épocas transformam-se em alavancas que impulsionam o saber científico e tecnológico.

A Dialectologia, ciência que germinou durante longo tempo, antes de aflorar como ciência autônoma, com objeto e método de investigação definidos, foi uma das ciências que no auge de sua consolidação e desenvolvimento teórico atravessou profundos paradoxos humanos. Entre os quais, citem-se as guerras napoleônicas, a primeira e a segunda guerra mundial, além das guerras civis desenroladas em alguns países europeus. Entretanto, com a força e robustez de uma ciência em desenvolvimento, os cataclismos humanos não conseguiram deter sua trajetória, e, passados os períodos de crise, eram retomadas as atividades normais dos precursores dessa ciência, apesar de alguns projetos terem sofrido duras conseqüências, como é o caso do Atlas da Córsega, atlas de grande porte que só tem parte de seu todo publicado.

O fim do século XIX e início do século XX pautam-se pelo interesse em investigações comparativas, estudos basicamente filológicos que tinham a preocupação de

reconstrução diacrônica das línguas, ou seja, a reconstrução histórica das línguas em busca de uma “língua mãe”. Foi de salutar importância esse período da história lingüística para o estabelecimento de investigações acerca das línguas (MOUTON, 1987, p.54).

Isto porque, depois da descoberta do sânscrito, houve um grande avanço nos estudos da lingüística que hoje se configura como moderna, quando o mundo ocidental influenciado pelas investigações contidas na gramática de Panini, significativamente avançada em relação aos estudos ocidentais e com uma história de investigação datada do século V a.C., promulgou um avanço indireto, porém significativo, ao lançar as bases para os estudos filológicos e da lingüística histórica do século XIX (WEEDWOOD, 2002, p.09-10).

Não podemos desconsiderar, entretanto, o que registra Coseriu (1980, p.21-22) sobre a evolução dos estudos de linguagem nas diversas culturas que promulgaram suas evoluções de forma diferenciada. Segundo o autor, não conseguiremos ligar cronologicamente as grandes correntes lingüísticas do passado, como as da Índia, as da China, da Grécia e de Roma, dos povos semíticos e de povos do Ocidente. Antes cada cultura tem sua histórica evolução lingüística, com suas influências externas, caracterizadas de forma particular, explicadas no seio de suas tradições e sob o foco de suas formas de enxergar a realidade que os cerca.

Na análise do contexto em que se desenvolveram os estudos de linguagem e no qual surgiram os pressupostos teóricos que embasam as correntes lingüísticas atuais, podemos entender que cada língua e cada história só podem ser explicadas pela análise do contexto histórico e culturais em que se desenvolvem. Ou seja, sem levar em conta os processos culturais que atuam numa determinada comunidade, não há como investigar sua língua e o modo como esta vê a realidade que a cerca.

Esses estudos não contavam, entretanto, com acentuada profundidade e somente na segunda metade do século XIX é que ocorreram avanços expressivos nos estudos filológicos e sobre línguas que deram um impulso importante às investigações dialetais. Estes avanços principiaram com as análises lingüísticas dos neogramáticos. Entre os pressupostos teóricos mais conhecidos desse período, situam-se as leis fonéticas de Grimm e Verner. Em contrapartida, com o advento dos estudos dialetais refutou-se a maior parte dessas leis, permitindo, assim, o progredir dos estudos geolingüísticos (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p.37).

Com o advento dos estudos dialetológicos inseridos no campo da romanística, o foco de interesse era o “nível mais baixo” das línguas em oposição à língua comum e à

literária, que continha uma relativa unidade (RONA, 1958, p.08). Desde a inserção dos estudos filológicos no campo da Lingüística, começou-se a perceber a importância da linguagem oral como fonte de transformação e de mudança na língua. É na análise da fala que podemos absorver e entender os processos de renovação e conseqüentes mudanças lingüísticas. É por isso que as línguas naturais não morrem, mas renovam-se no decorrer das épocas e o que as fazem renovar-se são as forças sociais e coletivas que atuam sobre ela, pois toda renovação lingüística ocorre por atuação da comunidade de falantes, paralelamente às influências de fatores extralingüísticos que atingem todas as estruturas da língua: a sintática, a morfológica, a fonética, a semântica e a léxica.

De certa forma, os postulados dos neogramáticos foram relevantes para a Lingüística geral e para a Dialectologia, porque representavam considerável avanço na história da Lingüística. O que era contraditório na teoria dos neogramáticos em relação aos pressupostos teóricos da Dialectologia era o fato de estudarem as línguas buscando uma língua mãe, por comparação, enquanto o objeto de investigação da Dialectologia é a língua passível de variação e mudança (COSERIU, 1987, p.87).

Nesse contexto, vários teóricos contribuíram diretamente para o avanço dos estudos lingüísticos, envolvendo assuntos precursores, como as relações entre língua e cultura, língua e sociedade, palavras e coisas.

Segundo Chambers e Trudgill (1994, p.37-38), a Geolingüística avançou com relação aos estudos anteriores por apresentar uma metodologia definida, com um conjunto de métodos para descrever de um modo sistemático os testemunhos das diferenças dialetais. A Geografia Lingüística pôde ser vista, então, como um fim em si mesma, enquanto conjunto de métodos de registro de variações no âmbito dialetal.

A falha desse período centra-se no fato de estudiosos afins se basearem em concepções idealistas e, por vezes, preconceituosas da língua, como a relação entre língua e raça, o conceito de povos melhores ou piores. Os idealistas pouco consideravam o léxico nos estudos de linguagem, relacionavam a história da cultura como forma de obter a história da língua e, assim, adotavam a inter-relação entre espírito e língua de um povo, como, por exemplo, as teorias de Von Humboldt (MOUTON, 1987, p.55-57).

Leibniz⁴⁹ foi um dos primeiros teóricos a pensar na cartografia de fatos lingüísticos, seguido por outros tantos autores contrários ao pensamento neogramático, dentre outros, Johannes Schmidt, com a teoria das ondas. Com pensamento anterior a este, Hugo Schuchardt, com uma teoria semelhante, e também, dessa forma defendia que as

⁴⁹ A fonte não está datada.

mudanças e inovações lingüísticas se originam e se processam na concretude do(s) falante(s) real (is). Paralelamente, houve um significativo avanço do estudo dos fatos lingüísticos, principalmente quanto ao processo de coleta de dados, que passou a ser realizada de forma direta no campo da Dialetoologia, especialmente no domínio românico com Ascoli; no germânico, com Winteler (1876) e Wegener (1880). Começaram, dessa forma, os enfoques teóricos sobre as discussões entre limites dialetais, sobretudo, com Ascoli, Paris e Meyer. Vale destacar ainda o pensamento do abade Rousselot⁵⁰ que chamou a atenção para a questão da falta de unidade da língua até mesmo em grupos de limites estreitos, como é o caso do grupo familiar. Trabalho semelhante foi realizado por Gauchat em 1905 (COSERIU, 1987, p.85).

Merece destaque ainda, o trabalho de Wenker (1876), o precursor dos estudos geolingüísticos, uma vez que efetivou pesquisas em torno de trinta mil pontos em território alemão. Para tanto, realizou coleta de dados de 1877 a 1887, enviando por correspondência questionários com frases a quase 50.000 professores de escolas do norte da Alemanha, pedindo-lhes que transcrevessem essas frases em dialetos locais. Wenker recebeu questionários completos num total de quase 45.000. Um fator que acabou prejudicando o trabalho deste estudioso da linguagem foi o recorte reduzido que foi obrigado a fazer, restringindo seu estudo ao nível das palavras. Como todo trabalho de grande porte leva muito tempo para ser concluído, o trabalho de Wenker só frutificou por volta de 1926 (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p.39-40).

Devido ao grande volume de dados geolingüísticos coletados por Wenker, seu trabalho que poderia se estabelecer como marco da Dialetoologia mundial, foi prejudicado por questões de ordem metodológica. É sabido, porém, que muitos dos erros cometidos no fazer científico do passado serviram de norte para os cientistas da modernidade. No caso particular da pesquisa de Wenker, os problemas de tratamento de dados gerados em sua investigação possibilitaram, aos pesquisadores que o sucederam, o elaborar de métodos mais apurados para a recolha e tratamento dos dados. Depois desse trabalho, no decorrer dos anos e beneficiando-se do avanço tecnológico e científico, a Geolingüística desenvolveu métodos e objetivos de análise mais definidos. Atualmente, até o método de aplicação de instrumento de coleta de dados de forma indireta é questionado. O material lingüístico utilizado na elaboração dos atlas regionais brasileiros, por exemplo, quase que na sua totalidade, foram recolhidos mediante a aplicação direta do questionário lingüístico.

⁵⁰ Teoria discutida na obra *Modifications phonétiques de langage étudiés dans le patois d'une famille de Cellefrouin*, Paris, 1891.

O objetivo de Wenker, ao iniciar suas pesquisas, era o de comprovar a unidade dialetal no norte da Alemanha, o que, para sua surpresa, não se efetivou. Ao contrário, os resultados da pesquisa demonstraram que todo fenômeno tem seus limites e que não há uniformidade no desenvolver de fenômenos de um mesmo agrupamento de palavras de conteúdo sígnico, ou seja, o trabalho de Wenker propiciou comprovar que os caminhos por que passam os fenômenos da variação e da mudança lingüística não são sistemáticos, nem obedecem a determinadas postulações, posto que as variações e as mudanças da língua sofrem influência de fatores extralingüísticos que se diferenciam em comunidades de fala distintas. Após a pesquisa de Wenker, vários atlas de pequeno porte foram publicados, como o Atlas da Suécia, realizado por H. Fischer (1895), e o Atlas romeno, de G. Weigand (1898-1909) (COSERIU, 1987, p.87).

Apesar das críticas recebidas pelos seus sucessores, não se pode negar a importância dos estudos de Wenker para a Geolingüística, pois, estes propiciaram extensa produção de atlas regionais, de pequeno porte, elaborados a partir de sua pesquisa. Assim, mesmo com graves problemas de método, o trabalho de Wenker consolidou-se.

Na França, corria o ano 1896 quando se começou a treinar pesquisadores para o trabalho de coleta de dados. Jules Gilliéron foi quem projetou melhorar os métodos de Wenker e, para tanto, elaborou um questionário lingüístico a fim de obter respostas uniformes, instrumento que recebeu constantes revisões e ajustes. Gilliéron foi auxiliado pelo não-lingüista Edmond Edmont no desenvolvimento de suas pesquisas. Este percorria a França de bicicleta selecionando e entrevistando informantes, enquanto Jules recebia as transcrições e compilava os dados. Edmond Edmont era admirado por sua boa audição, pela fidelidade e destreza na transcrição. Ele realizou a coleta de dados de 1896 até 1900, fazendo cerca de 700 entrevistas em 639 pontos de inquéritos diferentes (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p.41).

O mérito de Gilliéron é reconhecido mundialmente como o idealizador do primeiro atlas lingüístico de grande porte de que se tem notícia. Com a evolução teórico-metodológica da Geolingüística, uma crítica feita à metodologia adotada pelo autor do atlas francês centra-se no fato de ele ter escolhido, para a aplicação dos inquéritos lingüísticos, um entrevistador não-lingüista. A experiência em investigações dialetais tem-nos revelado que o campo de pesquisa pode ser considerado como “caixinha de surpresas”, nunca sabemos o que acontecerá, num trabalho de campo, pois cada inquérito se diferencia de outro por situações mais diversas e inimagináveis possíveis. Por isso que é salutar ao pesquisador estar treinado e preparado para a investigação *in loco*, para que encontre

mecanismos capazes de contornar situações que possam atingir a qualidade do material dialetal. Quanto maior a preparação, melhor a qualidade da entrevista, e, conseqüentemente, maior será a confiabilidade dos dados recolhidos.

O trabalho de Gilliéron e Edmont resultou, pois, no *Atlas Linguistique de la France*, publicado de 1902 a 1910. A pesquisa desses dialetólogos é considerada um marco para a Dialetologia e fonte de investigação para estudos que os sucederam (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p.41). Acerca disso, Brandão (1991, p. 9) argumenta que o trabalho de Jules Gilliéron constituiu-se numa obra monumental que contribuiu sobremaneira para o progresso da ciência da linguagem _ o Atlas Lingüístico da França.

Coseriu (1987, p.87) assim se pronunciou sobre o trabalho desse dialetólogo francês:

...a importância da obra de Gilliéron foi logo reconhecida em esferas cada vez mais amplas, e o método geográfico chegou a ocupar hoje a posição de primeiro plano, sobretudo na lingüística européia. Demonstra-o, em primeiro lugar, o grande número de Atlas lingüísticos já publicados, ou em curso de publicação ou elaboração. A maioria desses atlas segue no essencial o método do *ALF*, mesmo ao introduzir inovações e ao procurar aperfeiçoá-lo e embora nem sempre aceite como dogmas alguns dos critérios gilliéronianos (particularmente o critério do investigador não lingüista).

É interessante registrar também a importância dos estudos franceses para a afirmação da Dialetologia como disciplina curricular, pois em 1881, ela entrou para o currículo regular da *École Pratique des Hautes Études*, em Paris, como resultado do particular interesse de Gilliéron pela evolução histórica das formas lingüísticas (BRANDÃO, 1991, p.08).

As fotografias lingüísticas elaboradas por Gilliéron reuniram riquíssimo material, que permite focalizar a língua nos seus diversos fenômenos e processos de transformação, mutação, pois documentou em discurso termos que lutam entre si constantemente por sobrevivência. De acordo com Miazzi (1972, p.43-46), na análise dos resultados do Atlas da França pôde-se observar que *as palavras, como os homens, fazem migrações a partir de um determinado ponto e, no seu percurso, têm de lutar pela sobrevivência*. Gilliéron foi, pois, o primeiro geolingüista a conseguir o mérito de fornecer dados lingüísticos, por meio de cartas lexicais e fonéticas, que demonstrassem a luta, a sobrevivência e a morte de palavras do francês. Também analisou formações e comprovou que não existem limites dialetais, na verdade, existem limites entre os fenômenos lingüísticos. Os seus estudos, também confirmaram a influência dos fatores humanos e sociais sobre a linguagem.

Também foi mérito de Gilliéron e de Edmont a confecção do Atlas da Córsega (ALC), com número superior de dados que o ALF, e que teve publicado quatro dos dez volumes previstos, uma vez que a eclosão da Primeira Guerra Mundial interrompeu a publicação dos demais volumes.

Além disso, o dialetólogo Gilliéron contribuiu para formar discípulos, entre os quais, Karl Jaberg e Jakob Jud, responsáveis pela confecção do Atlas Lingüístico e Etnográfico da Itália e da Suíça Meridional – AIS (1931). Esses fecundos discípulos do mestre francês, terminados os atlas de seus respectivos países, seguiram para os Estados Unidos e Canadá para treinarem pesquisadores para a tarefa nada fácil de confeccionar os atlas nacionais desses países (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p.41-45).

Entre outros atlas publicados após o trabalho de Gilliéron, registram-se o *Atlante Linguistico Italiano* (ALI) iniciado por Bártoli em 1931, interrompido pela guerra, e retomado, em 1947, por Terracini; a confecção de um ensaio do Atlas Lingüístico da Sardenha (1928-1950), o novo Atlas Lingüístico-Etnográfico Italiano da Córsega (ALEIC, 1935 e 1942), desta vez editado por Gino Bottigliani que superou o de Gilliéron-Edmont. Outros atlas foram publicados, como o ALC - Atlas Lingüístico da Catalunha (1923-1939), o ALA⁵¹ - Atlas Lingüístico de Andorra; o ALR – Atlas Lingüístico Romeno (1938-1942), seguido do inovador *Micul atlas linguistic romîn* (ALRM), de pequeno porte, com número maior de mapas que denotam maiores detalhes não contidos no atlas maior. Esse último atlas foi duplamente importante para o desenvolvimento dos estudos dialetais, pois, além de trazer uma grande quantidade de pormenores dialetais não contidos nos demais atlas, trouxe topônimos e textos dialetais com fins de preenchimento de possíveis lacunas (MIAZZI, 1972, p.42-52).

Como não poderia deixar de ser, o pioneirismo da França nos estudos geolingüísticos espalhou-se rapidamente. Surgiram vários atlas regionais, como o de Dauzat, *Géographie phonétique d'une région de la basse Auvergne* (1906), o de Millardet, *Petit atlas linguistique d'une région des Landes. Contribution à la dialectologie gasconne* (1910), ambos discípulos de Gilliéron. Além desses, o *Atlas linguistique et ethnographique du Lyonnais*- ALG, o *Atlas linguistique de la Wallonie* (1953), do Valão, o *Atlas linguistique et ethnographique de la Gascogne*, do Gascão, entre outros. Projetado por Dauzat, o NALF-Novo Atlas Lingüístico da França, surgiu várias décadas depois de publicado o trabalho de Gilliéron, com uma metodologia acurada e aperfeiçoada. Com rede de pontos mais densa procurou revelar a evolução de alguns dialetos da França. Esse atlas

⁵¹ A fonte consultada não registra a data de publicação.

tornou-se um diferencial entre os modelos de atlas lingüísticos, por conter unidade de método, por ter sido efetuado por inquiridores treinados na Escola de Altos Estudos, da qual Dauzat foi professor por longo tempo (MIAZZI, 1972, p.52-53).

Desde o Atlas Lingüístico da França, com Gilliéron, vários atlas foram publicados seguindo os seus principais métodos, abandonando os traços que se modernizam com a evolução dos estudos geolingüísticos. Com o grande acúmulo de experiências de geolingüistas que já confeccionaram atlas, os métodos e parâmetros científicos se redefinem a cada era.

Inserindo-se ainda entre os atlas publicados ao longo do tempo, há o Atlas Lingüístico da Península Ibérica, iniciativa do antigo Centro de Estudios Históricos de Madrid, dirigido por Navarro Tomás e com o apoio português do Instituto de Alta Cultura de Lisboa. A maior dificuldade encontrada no trabalho de campo na época da recolha de dados (1932-1936) foi o advento da guerra civil espanhola e da segunda guerra mundial, episódios que obrigaram os pesquisadores a suspenderem a aplicação dos questionários. Depois de longo período de trabalho interrompido, em 1953, foi possível continuar a caminhada rumo à confecção do Atlas da Península Ibérica, com sua conclusão em 1962. Para o Brasil, foi importante a publicação do Atlas Lingüístico da Península Ibérica, pois proporcionou o conhecimento de aspectos nos níveis fonético e lexical europeu, o que propiciou condições para estudos contrastivos com o português falado em território brasileiro. O fator mais importante na publicação desse atlas é o comprovar diferenças na fala de aquém-mar e das variantes impressas no uso da língua por fatores extralingüísticos atuantes na oralidade do Brasil (CINTRA, 1983, p.23-29).

Podemos citar ainda outros atlas como o *Atlas Lingüístico y Etnográfico de Andalucía*⁵² elaborado por Alvar com a colaboração de Salvador e Quilis, o *Atlas Lingüístico y Etnográfico de las Islas Canárias - ALEICan*, este último como continuidade daquele; o *Atlas Lingüístico y Etnográfico de Aragón, Navarra y Rioja - ALEANR*. Equivalente a este, em termos de metodologia, surge o *Atlas Lingüístico y Etnográfico de Colômbia*, confeccionado por Flores, Alvar e Buesa (MOUTON, 1987, p.65-67).

É de particular interesse focalizar aqui o *Atlas Diatópico y Diastrático Del Uruguay - ADDU*, visto que esse atlas se configura como de última geração, por ser o ADDU pluridimensional e relacional, mapeando não só as palavras como também as coisas. Entre as peculiaridades desse atlas, tem-se a sistematização de fenômenos que transpõem a pluralidade de dimensões de fatos etnográficos do Uruguai, o registro de aspectos do

⁵² A fonte consultada não registra a data de publicação.

folclore em regiões da Argentina (leste) e do Brasil (extremo sul). O ADDU é um projeto desenvolvido pelos pesquisadores Elizaincín e Thun, financiado pelo DFG - Conselho Alemão de Investigação Científica (THUN, 2000, p.01).

A coleta de dados para o Atlas Diatópico e Diastrático do Uruguai foi realizada no período de 1989 a 1992 a cartografia dos dados está sendo efetuada na Alemanha e a parte de edição de textos orais, no Uruguai. A publicação desse atlas se deu em forma de fascículos, com número superior a 300 mapas, publicados em séries temáticas. A pluridimensionalidade do ADDU se faz à medida que registra as seguintes dimensões e parâmetros: dialingual (espanhol/português), diatópica (topostático), diatópico-kinética (topostático/topodinâmico), diastrática (classe alta/classe baixa), diageracional (geração II/geração I), diassexual (homens/mulheres), diafásica (leitura, respostas e conversa livre) e diarreferencial (fala objetiva/fala metalingüística). A simbologia dos mapas se constitui de pontos simbólicos, complementados, quando preciso, com linhas isoglossas. Os autores assim decidiram para facilitar a visualização das macroestruturas (THUN, 2000, p.02-04).

O ADDU é assim definido por Elizaincín e Thun (1992, p.128):

Por su metodología, el ADDU es pluridimensional, relacional y funcional. Pretende hacer, de esta manera, las tareas que le asigna nuestro concepto de la dialetología como ciencia general de la variación lingüística e intenta, al mismo tiempo, corresponder a la estructura demográfica de un país como el Uruguay⁵³.

A crítica desses autores à Dialetologia tradicional se fundamenta no fato de ela separar os dialetos dos seus falantes. Já a Dialetologia moderna se preocupa em registrar e descrever as funções variacionais que envolvem os grupos de falantes. A pluridimensionalidade dos atlas mais modernos contribuem sobremaneira para o conhecimento das variedades lingüísticas, nacionais ou regionais, com o devido cuidado de investigar os reflexos de fatores extralingüísticos presentes na oralidade dos falantes.

Os atlas têm servido, desde então, como “retratos vivos” num contexto histórico e com um recorte sincrônico de uma língua. A importância e necessidade dos trabalhos geolingüísticos se fazem sentir ao longo dos tempos, particularmente nos dias atuais, pois, ao invés de serem consideradas como coisa do passado, se vê uma busca, cada vez mais incessante, aos seus métodos.

⁵³ Por sua metodologia, o ADDU é pluridimensional, relacional e funcional. Pretende executar, desta maneira, as tarefas que designa nosso conceito de dialetologia como ciência geral da variação lingüística e intenta, ao mesmo tempo, corresponder à estrutura demográfica de um país como o Uruguai. (TN)

Convém abrir aqui um parêntese para sublinhar o advento do Estruturalismo, que norteou várias linhas de pesquisa nas ciências naturais, inclusive a Dialetoлогия. Com o Estruturalismo o estudo da língua deixou de ser visto apenas pelo aspecto normativo, já que ao lingüista coube o observar, o descrever os dados e as transformações sem lhes atribuir juízos de valor. Introduce-se de uma nova concepção: a língua passa a ser vista como instituição social, parte da cultura de um povo, carregando, nos seus vários níveis, características próprias de uma época.

A partir do surgimento das teorias estruturalistas, o foco de pesquisas, especialmente voltado para o estudo e descrição das línguas (pois esta corrente teórica abrangeu vários ramos das ciências humanas), centrou-se na investigação da micro e da macroestrutura. Essa nova forma de pesquisa é que recebe o nome de estruturalismo e, numa análise mais profunda dessa corrente, vemos sua influência sobre os estudos de Dialetoлогия (MALMBERG, 1971, p.77 - 78).

Nesse contexto efervescente surge a Dialetoлогия estrutural, cujo objeto principal de análise é o *delineamento sistemático das diferenças dialetais*. Principiou em 1954, com a publicação de um artigo de Uriel Weinreich, que teve por título *A Dialetoлогия estrutural é possível?* Pelo fato de o pensamento lingüístico da época considerar o sistema lingüístico em si mesmo, havia uma grande tendência dos estudiosos da linguagem a ignorar a Dialetoлогия, porque ela se baseia na comparação entre variantes de uma língua (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p.64-73).

Seguindo os passos de Weinreich, o sociolingüista William Labov influenciou a Lingüística por ocasião da defesa de sua tese sobre a linguagem dos nativos habitantes da Ilha de Martha's Vineyard (1961), cujo objetivo foi o de analisar a variação fonética. A teoria de Labov implicou a formulação empírica da base para a atual variação lingüística que tem servido de fundamento para pesquisas em todo o mundo (MONTEIRO, 2000, p.11).

Essas pesquisas de Labov comprovaram que a comunidade nativa da Ilha de Martha adotava certas marcas fonéticas, adquirindo novos hábitos lingüísticos para se distinguirem dos turistas. Labov conseguiu provar o que os Atlas Lingüísticos têm demonstrado com grande êxito, ou seja, que uma comunidade se posiciona, em relação à língua que fala de modo particular, como forma de marcar sua cultura e de delimitar os falares de sua comunidade.

Importa evidenciar aqui o registro de situação semelhante à que foi observada por Labov, nas comunidades lingüísticas rurais de Ponta Porã. Esse fato contribuiu para

confirmar a tese de que a língua é recurso de diferenciação de comunidades, principalmente as que mantêm certo nível de isolamento, como é o caso dos bairros e dos distritos rurais por nós investigados. Durante a pesquisa, comprovamos que a língua é realmente utilizada como forma de prestígio e de diferenciação cultural, pois, ao entrarmos em contato com os falantes, cuja língua é a razão desta pesquisa, sempre éramos recepcionados em língua portuguesa. Ao explicarmos o nosso foco de interesse, o nosso intermediário, pessoa da localidade, quase sempre falante bilíngüe, explicava nossa presença ali em língua guarani, e nós, sem entendermos o que se passava, esperávamos pacientemente o fim do diálogo para tentar nos fazer compreender pelo falante nativo.

Nesse sentido, é fato que a língua é forma particular de demarcação social e retrato fiel do contexto histórico de um povo. A comunidade lingüística de Ponta Porã se impõe como reduto lingüístico diferenciado das demais comunidades sul-mato-grossenses ao usar o guarani frente a um não-falante dessa língua, demarcando-o social e lingüisticamente como não pertencente àquela zona de fronteira. Vêm à tona nessa comunidade, pelo viés da língua, suas raízes históricas, bem como aspectos da formação étnica dos povos da região, e, mais particularmente, a influência cultural e lingüística dos povos da fronteira Brasil/Paraguai que mesclam sua língua e suas culturas.

A par da Dialectologia estrutural, há a Dialectologia Gerativa, com seus princípios e parâmetros, cuja base é a gramática transformacional, especialmente a descrição e comparação de dialetos diferentes.

Não é demais ratificar que a Dialectologia tradicional se preocupava com os estudos dialetais voltados para o fator diatópico, predominantemente rural, fato que levou a maioria dos pesquisadores dessa área a ignorar a fala urbana. Todavia, a necessidade de dados reais que evidenciassem outros níveis de variação provocou mudanças nos princípios teórico-metodológicos da Dialectologia, incluindo aí a investigação da fala urbana (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p.81-85).

Assim, contemporaneamente, a Dialectologia abarca tanto a fala rural quanto a urbana e desenvolveu uma metodologia que contempla outras dimensões, além da diatópica, como a diastrática, a diageracional, a diagenérica. Para tanto, fez-se necessário levar em conta fatores externos que implicam o aproveitamento satisfatório ou não da entrevista, entre os quais, a cooperação do informante, o profissionalismo do inquiridor, sobretudo tomando-se o cuidado para tentar evitar o paradoxo do observador, problemática apontada por Labov (1972). Um recurso atualmente utilizado pelos dialetólogos é a inserção no questionário lingüístico de perguntas relativas a fatos de infância ou relatos de

emoções fortes, com o objetivo de documentar a fala o mais espontânea possível. Na definição do perfil dos informantes, além da condição de nativo da localidade, são consideradas outras variáveis sociais como profissão, faixa etária, escolaridade, sexo (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p.86-88).

A Geografia Lingüística, enquanto método da Dialectologia, abarca, nos seus pressupostos, a tarefa de registrar as relações entre ambiente geográfico e difusão espacial dos fatos lingüísticos, relações caracterizadas num contexto historicamente situado. Não se confunde com a geografia interna das línguas, cuja preocupação são a extensão e distribuição espacial de certos fenômenos lingüísticos particulares de uma região.

No caso específico do Atlas Lingüístico de Ponta Porã (MS), além do registro da fala popular, documentamos formas lingüísticas que denunciam a formação de fenômenos bilíngües ou indicam traços arcaicos no falar dessa fronteira brasileira, procurando, assim, entre os traços lingüísticos levantados, marcas de um Espanhol e/ou Guaraní arcaicos, mesclados ao português dessa localidade, podendo-se, por meio de cartas léxicas⁵⁴, visualizar a formação de possíveis influências culturais que denotem um bilingüismo característico da faixa de fronteira em pauta, para buscarmos respaldo nos mapeamentos dos fatos lingüísticos documentados.

Segundo Coseriu (1987, p. 83-84), a Geolingüística possibilita o mapeamento dos dados, segundo diferentes perspectivas. As *cartas fonéticas*, por exemplo, fotografam certos fonemas e suas variantes, cuja situação sônica pode ser identificada como arcaísmo ou como inovação, historicamente caracterizados, como certos sons do fonema /r/ que se transmutam de acordo com a região e, por vezes, podem ser explicados por fatores de colonização ou de influências lingüísticas de outras culturas. Já as *cartas lexicais* expressam variações quanto à designação de um mesmo referente, reveladas, especialmente, por variações diatópicas. Há, ainda, as *cartas propriamente lingüísticas* que carregam, na sua estrutura total, aspectos fônicos e morfológicos com situações lingüísticas comprovadas em cada ponto de investigação de uma localidade. Há ainda um quarto tipo de mapa, os chamados *mapas similares* que são utilizados na descrição de formas similares de variação, comprovadas no campo de investigação correspondentes.

Neste trabalho, mapeamos os dados colhidos utilizando cartas lexicais, já que objetivamos descrever o léxico, e com isso, “fotografar” os aspectos da realidade lingüística do município de Ponta Porã - MS.

⁵⁴ Cartas lexicais organizadas por campo semântico na ordem do questionário (AGUILERA, 1998, p.121).

Uma pesquisa em Geolingüística deve obedecer às seguintes etapas: 1) definição dos pontos de investigação dialetal, pois, levando-se em conta fatores históricos e geográficos relativos à região a ser pesquisada, critérios como cultura e ambiente físico também não podem deixar de ser observados no momento de escolha das localidades a serem investigadas; 2) elaboração e aplicação de um mesmo questionário lingüístico em pontos que cubram toda a localidade, com vistas a garantir uniformidade e confiabilidade dos dados colhidos; na formulação das perguntas, pode-se lançar mão de recursos visuais como fotografias, gravuras, desenhos, réalias, já que o uso desses meios garante ao pesquisador maior segurança na obtenção das variantes lexicais a serem registradas; 3) a confecção das cartas e respectivos registros de variantes, que integrarão o atlas lingüístico, produto final de um trabalho geolingüístico; 4) análise do conteúdo das cartas.

Em resumo, podemos classificar esses procedimentos em três tipos básicos: o trabalho de coleta de material por meio de questionário, a confecção de mapas e a análise desses mapas.

Os atlas revelam as pluralidades lingüísticas predominantes numa comunidade particular, bem como permitem visualizar as relações entre a língua e fatores geográficos subjacentes à fala de um grupo. Demonstrem, ainda, zonas de irradiação e mudanças lingüísticas, por influências de aspectos sócio-econômicos, climáticos, políticos, sociais, geográficos (COSERIU, 1987, p.84).

3. 3. A Dialectologia no Brasil

Em se tratando de Dialectologia brasileira podemos, de acordo com Ferreira e Cardoso (1994, p.37-39), considerar três fases. A primeira delas começa por volta de 1826, estendendo-se até 1920 com a publicação da obra pioneira de Amadeu Amaral *O Dialeto Caipira*. Seguem-se, à publicação de Amaral, várias obras de cunho dialetal e lexicológico; entre as mais importantes, pode-se citar o estudo contrastivo de natureza gramatical *O idioma hodierno de Portugal comparado com o do Brasil* realizado por José Jorge Paranhos da Silva (1879). O trabalho de Amadeu Amaral, cuja primeira edição foi publicada em 1920, e *O linguajar carioca*, de Antenor Nascentes, publicado em 1922, constituem sem dúvida o marco inicial dos estudos de Dialectologia no Brasil.

Antenor Nascentes já definia, na obra *O Linguajar Carioca*, o objeto do seu estudo - a língua do povo - e apresentava argumentações teóricas fundamentais para a elaboração de um trabalho dialetal no Brasil, como a investigação sistemática das regiões, o respeito e

a fidelidade aos dados recolhidos pelo pesquisador e o tratamento metodológico dos dados, aconselhando que, qualquer dado incerto e confuso, deveria ser deixado de lado. Preocupou-se em descrever a língua na sua variedade brasileira visando a “fotografar” um estágio dessa língua que fixasse o momento histórico e que pudesse ser aproveitável em estudos futuros (NASCENTES, 1953, p.14). Amadeu Amaral também forneceu importantes contribuições teóricas que têm influenciado um desenvolvimento real dos estudos dialetais brasileiros.

O prefácio à obra de Amadeu Amaral, *O dialeto caipira*, traz importante argumentação acerca da extensão e da posição geográfica do Brasil como autores responsáveis pelas diferenças lingüísticas regionais do País. A situação geográfica do Brasil e os vários contatos étnicos com o negro, com o índio e com os mais diferentes povos que para cá imigraram, conferiram a nossa língua características peculiares, diferentes da língua mãe falada em Portugal, visto que as influências sofridas por ambas foram diferenciadas (AMARAL, 1955, p.12).

Se há meio século dialetólogos chamavam a atenção para a grande diversidade lingüística de então, o que diríamos nós, em pleno século XXI, com a globalização, a Internet, a massificação por meio da mídia, que atingem constantemente a língua?

O objetivo das investigações de Amaral (1955, p.43) foi o de caracterizar o falar caipira em São Paulo, e ele não só alcançou o objetivo pretendido, como também lançou bases teórico-metodológicas para o avanço da Dialectologia brasileira. Acerca disso Ferreira e Cardoso (1994, p.41) registram que:

A porta se abriu para os estudos dialetais com “O dialeto caipira”. Nele encontram-se as linhas gerais para o estudo monográfico de uma região. O tratamento dos níveis fonético, lexical, morfológico e sintático a que se junta um vocabulário típico da área fazem da obra um marco e um modelo na descrição dos falares regionais do Brasil.

De acordo com Brandão (1991, p.43), a partir de Amaral pode-se observar que a semente da Geografia Lingüística, como método para conhecer as variedades dialetais, estava lançada. Não se falava em atlas lingüístico, mas já se percebia sua importância.

Atualmente há no Brasil um número considerável de trabalhos em Dialectologia incluindo os atlas regionais publicados e outros em andamento. Dos publicados, somam-se oito atlas, saldo positivo, se forem consideradas as dimensões continentais que caracterizam o território brasileiro, são eles: o Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB, 1963) o Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS), o Atlas Lingüístico de Sergipe II (ALS-II,

2002) o Atlas Lingüístico da Paraíba (ALPB), o Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais (EALMG), o Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR), o Atlas Lingüístico-etnográfico da região sul do Brasil (ALERS) e o Atlas Lingüístico Sonoro do Pará (ALiSP)⁵⁵.

Entre os Atlas em andamento podemos citar o Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul (ALMS), o Atlas Lingüístico do Maranhão (ALIMA), o Atlas Lingüístico do Rio Grande do Norte (ALIRN), o Atlas lingüístico de São Paulo (ALESP), o Atlas Lingüístico do Acre (ALAC), Atlas Sociolingüístico do Pará (ALIPA), o Atlas Lingüístico do Mato Grosso (ALiMAT) e o Atlas Etnolingüístico dos pescadores do estado do Rio de Janeiro (APERJ). Registre-se que a maior parte desses projetos tem suas bases metodológicas firmadas na Dialectologia contemporânea que objetiva *o estudo da variação espacial aliada à variação social* (ISQUERDO, 2005, p.340).

É de particular interesse registrar que o sonho de Antenor Nascentes de um trabalho lingüístico nacional toma corpo com o Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB). Para tanto, pesquisadores de várias regiões do nosso território estão empenhados em fazer nascer esse atlas.

O Projeto ALiB reúne uma equipe de pesquisadores treinados, com metodologia e instrumento de coleta de dados uniforme, com o fim de alcançar o máximo de rigor científico em trabalho de tamanha envergadura. Para que isso ocorresse, foram realizados cinco Workshops: o primeiro em Salvador-BA (1999), o segundo em Londrina-PR (2000), o terceiro também em Londrina (2001)⁵⁶, o quarto (2004) e o quinto (2005) em Salvador-BA.

De acordo com Pisciotta (2003, p.95), o projeto ALiB conta com rigorosa escolha de informantes para tentar abranger a pluralidade lingüística do País, levando-se em conta a diversidade social e cultural do falante brasileiro. Essa pluralidade é o fio condutor das pesquisas em torno da variação lingüística de um povo, ou de uma comunidade em particular.

Nesse sentido, no construto teórico da Lingüística, especialmente em se tratando de Dialectologia, há um conceito que não pode ser ignorado - é a questão da *norma* lingüística formulada por Eugênio Coseriu.

É com base nesse tipo de definição que nos propusemos estudar a língua de uma comunidade de falantes considerando um recorte específico - a fala -, analisando um código que funciona para intercomunicação num contexto multicultural e bilíngüe. Nosso

⁵⁵ AGUILERA, V. A. (org.) *A Geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005.

⁵⁶ ALTINO (2003, p. 511-517).

objeto de análise é, pois, o Português do Brasil, na sua trama regional, num reduto lingüístico.

Regional, nesse contexto, designa as particularidades lingüísticas e culturais que caracterizam uma sociedade, atuando como diferencial, mas que não afetam o todo globalizante, o sistema. No caso da variante brasileira de língua portuguesa, isso se deve ao contexto altamente diversificado da língua falada no Brasil, especialmente no nível lexical, em decorrência da formação étnica e cultural da população, que faz “saltarem aos olhos” do estudioso da linguagem falares regionais que evidenciam, por exemplo, no vocabulário, marcas indígenas, africanas, européias.

No caso em particular desta pesquisa tentamos remexer no *baú* da fala rural de Ponta Porã (MS) com a finalidade de ver o que poderíamos encontrar. Se conseguimos registrar as peculiaridades desta fala, podemos nos considerar recompensada.

A seguir, temos o capítulo IV que objetiva discutir os dados obtidos com essa pesquisa.

CAPÍTULO IV

DESCOBRINDO E REVELANDO DADOS GEOLINGÜÍSTICOS

Um atlas lingüístico, enquanto produto de uma pesquisa dialetal, se configura como um “álbum de fotografias lingüísticas”, que traduzem a realidade lingüística de uma dada comunidade de fala, num dado momento histórico de sua língua. É ainda considerado ponto de partida para novas investigações da variante lingüística registrada. Esse aspecto multifocal de um atlas lingüístico contribui para multiplicar consideravelmente o seu valor.

É papel, pois, da Dialectologia e da Geolingüística proporcionar ao investigador da linguagem ferramentas para a descrição das variedades regionais que permeiam as línguas humanas. Para tanto, focaliza a língua por ângulos diferenciados, entre os quais o diatópico, o diastrático, o diafásico, o diageracional e o diassexual. Nesse particular, o *Atlas Lingüístico de Ponta Porã-MS – ALiPP* descreveu variedades diatópicas da modalidade oral da língua variante sul-mato-grossense da portuguesa na fronteira do Brasil com a República do Paraguai, focalizando a variável diassexual – um informante feminino e um masculino em cada ponto de inquérito – e a dialingual – português/espanhol, português/guarani ou português/espanhol/guarani. Abdicamos da variável diageracional, adotando apenas a segunda faixa etária, pelas razões já apontadas no Capítulo destinado à apresentação da metodologia adotada para a pesquisa⁵⁷, pois buscamos também traços mais acentuados de conservadorismo e de plurilingüísmo, o que é mais evidenciado na faixa etária não jovem.

Nessa perspectiva, traçamos uma metodologia que, além de propiciar a descoberta de dados geolingüísticos, evidenciasse traços do contato de línguas existente nessa fronteira, variantes lingüísticas fortemente marcadas pelo conservadorismo lingüístico, traços de ruralidade e, sobretudo, as características regionais impressas no uso das línguas que formam o tecido lingüístico dos habitantes de Ponta Porã – MS.

⁵⁷ Cf. Capítulo I – “Descortinando caminhos: aspectos metodológicos”, p. 28.

Definimos, para tanto, a seleção de informantes bilíngües e com ascendência paraguaia, da segunda faixa etária, moradores na localidade há mais de vinte anos. A rede de pontos foi selecionada de forma a cobrir todos os bairros rurais em pontos geograficamente estratégicos e também a sede do município.

Para a análise dos dados, foram considerados dois eixos: 1) a cartografia dos dados que resultou no Atlas Lingüístico de Ponta Porã - MS – ALIPP, apresentado no Volume II deste trabalho; 2) análise dos dados geolingüísticos mapeados, considerando: i) percentual de ocorrência de designações; ii) traços de bilingüismo e iii) marcas de arcaísmos.

A análise dos dados apresentada neste Capítulo foi estruturada da seguinte forma: inicialmente o Quadro III sintetiza os dados relativos ao perfil dos informantes entrevistados; na seqüência, apresentamos a análise dos dados geolingüísticos, subdivididos por áreas semânticas, distribuídos em quatorze quadros: Quadro IV – Designações relativas a acidentes geográficos - ALiPP; Quadro V – Designações relativas a fenômenos atmosféricos - ALiPP; Quadro VI – Designações relativas à flora - ALiPP; Quadro VII – Designações relativas à fauna - ALiPP; Quadro VIII – Designações relativas ao corpo humano - ALiPP; Quadro IX – Designações relativas a doenças comuns - ALiPP; Quadro X – Designações relativas a características físicas do homem - ALiPP; Quadro XI – Designações relativas à cultura e ao convívio - ALiPP; Quadro XII – Designações relativas a ciclos da vida - ALiPP; Quadro XIII – Designações relativas à religião e a crença - ALiPP; Quadro XIV – Designações relativas à alimentação e a utensílios - ALiPP; Quadro XV – Designações relativas à habitação - ALiPP; Quadro XVI – Designações relativas a tipos de trabalho e a atividades agropastoris - ALiPP; Quadro XVII – Designações relativas a brinquedos e a diversões – ALiPP.

QUADRO III - PERFIL DOS INFORMANTES DO ALiPP

Informante ⁵⁸	Idade	Bilingüismo (Espanhol e Guarani)	Ascendência Paraguaia	Tempo de Residência na Localidade	Local de nascimento
01 /M/ F. C.	57 Anos	X	X	20 Anos	São Pedro - Paraguai
01 /F/ J. A. C.	49 Anos	X	X	20 Anos	Horqueta – Paraguai
02 /M/ M. S.	48 Anos	X	X	48 Anos	Cabeceira do Apá - MS/Brasil
02 / F/ E. B. S.	55 anos	X	X	34 Anos	Bela Vista – MS/Brasil
03 /M/ F. G. M.	45 Anos	X	X	30 Anos	Ponta Porã - MS/Brasil
03 / F/ N. F.	41 Anos	X	X	20 Anos	Sanga Puitã - MS/Brasil
04 / M/ B. A. E.	34 Anos	X	X	31 Anos	Santa Virgínia - MS/Brasil
04 /F/ A. A. B. P.	54 Anos	X	X	21 Anos	Bela Vista - MS/Brasil
05 /M/ A. R. O.	62 Anos	X	X	35 Anos	Conceição - Paraguai
05 /F/ M. B.	50 Anos	X	X	30 Anos	Conceição – Paraguai
06 / M/ A. G.	63 Anos	X	X	55 Anos	Santo Tomás ⁵⁹ - MS/Brasil
06 /F/ M. A. A.	63 Anos	X	X	63 Anos	Sanga Puitã - MS/Brasil
07 / M/ L. R.	69 Anos	X	X	60 Anos	Ponta Porã – MS/Brasil
07 / F/ S. A. de O.	62 Anos	X	X	57 Anos	Laguna Carapã ⁶⁰ - MS/Brasil
08 /M/ A. C. D.	67 Anos	X	X	40 Anos	Sanga Puitã - MS/Brasil
08 /F/ M. T. C. D.	62 Anos	X	X	40 Anos	Sanga Puitã - MS/Brasil

⁵⁸ Na primeira coluna – **Informantes** –, os dados foram catalogados segundo o seguinte código: número do ponto; sexo do informante (M = masculino/F = feminino) e iniciais do nome do informante.

⁵⁹ Antigo Distrito de Ponta Porã - MS.

⁶⁰ - Município vizinho a Ponta Porã.

1. Análise dos dados geolingüísticos mapeados

Na análise dos dados consideramos a ordem de apresentação das cartas, agrupando as variantes em quadros, segundo as áreas semânticas. A estrutura dos quadros contemplou seis colunas. Na primeira, informamos o conceito que deu origem à carta; na segunda, o número da carta; a terceira comporta as designações em língua portuguesa; a quarta, as designações em língua espanhola; a quinta, as designações em língua guarani, na sexta coluna são listadas as formações híbridas e as designações de origem obscura. Para a elaboração dos quadros foi considerada a ocorrência de maior frequência. Adotamos para marcar a origem das variantes os seguintes símbolos: P = Português; G = Guarani; E = Espanhol; P* = Para palavras do português de base Tupi e I = Indefinido/Palavras de origem obscura. Começamos a análise, pelas áreas semânticas *acidentes geográficos* e *fenômenos atmosféricos*, considerando-se o número de designações documentadas por meio das perguntas do questionário lingüístico e mapeadas no ALiPP, conforme ilustram o Quadro IV e o Quadro V, a seguir:

QUADRO IV – DESIGNAÇÕES RELATIVAS A ACIDENTES GEOGRÁFICOS - ALiPP

CONCEITO	Número da Carta	Designações em Língua Portuguesa	Designações em Língua Espanhola	Designações em Língua Guarani	Formações Híbridas/Origem Indefinida
Terreno sem elevações	1	terreno plano; planície.	pareo; parejo; laja	yvy	terreno parello (P/E); pareño (I)
Elevação de terreno	2	morro; serrania; montanha; altura, alto; subida; morundunga/ morundu (Banto/ quimbundo) ⁶¹ ;	morrillo (morro- diminutivo); cerrilla (cerro- diminutivo); cerro; arriado ⁶²	ydyvate; ydivatã	lomo de burro(E/P);
Terreno baixo próximo a um rio	3	baixada	bajada; bajo	Karape;	Cerogue (E/G)
Terreno plano entre dois morros	4	terreno baixo; plano/plaino	parejo; pareo; valle; ruta	ykarape	
Terreno coberto por água quando o rio sobe	5	pindaíva ⁶³	inundación	yjupilai	
Rio pequeno e estreito	6	córrego, corgo, corguinho; riacho; estreito (inho);	arroyo; riachuela; estero	ypai; embuka	tarramar (I)
Margem do Rio	7	barranca, beirada de barranca; ribeira (do rio/da água); beira do rio/da água; beira do corgo.	arroyo quieto	yipe yrembe'y	arroyo yrembe'y (E/G)
Campo coberto por águas de chuva	8	alagado	laguna/estero	amangy	Represa (P/E) ⁶⁴
Açude	9	Açude	Laguna; arroyo		tarramar (I);

⁶¹ Palavra originária do Banto/Quimbundo, entretanto, já se encontra incorporada à Língua Portuguesa do Brasil.

⁶² - Embora arriado já esteja registrado em Morais (1813), remetendo a *arribado*, “p. pass. de Arribar. Chegado”, foi considerado aqui uma variante de arriba, do espanhol: arriba: “designa un lugar más alto que aquel en que está el que habla” (MOLINER, 2000). O falante deve ter feito associação entre o conceito de arriba, no espanhol, e a nomeação do referente em questão.

⁶³ Variante da palavra *pindayba* de origem Tupi.

⁶⁴ A lexia *represa* foi nomeada pelos informantes em língua espanhola e portuguesa, por isso a registramos como termo híbrido.

CONCEITO	Número da Carta	Designações em Língua Portuguesa	Designações em Língua Espanhola	Designações em Língua Guarani	Formações Híbridas/Origem Indefinida
Terreno úmido	10	brejo; lodo; pindaíva ⁶⁵	Estero ⁶⁶ ; esteral ⁶⁷	karovu; roí; tuju; karugua/karugá	
Grande quantidade de água parada	11	Lagoa; açude	laguna		tarramar (I)
Lugar onde o rio nasce	12	mina, mina d'água; nascente; cabeceira do rio/cabeceira.		yresati; yvu; iy; yquaivú	
Partes altas ao lado das estradas	13	barranca; morro; morundu.			sanrra (I)

⁶⁵ Palavra de origem tupi já inserida ao léxico do português brasileiro.

⁶⁶ Estero é termo de origem espanhola já incorporado ao léxico da língua portuguesa do Brasil.

⁶⁷ Variação de *estero*.

QUADRO V – DESIGNAÇÕES RELATIVAS A FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS – ALiPP

CONCEITO	No. da Carta	Designações em Língua Portuguesa	Designações em Língua Espanhola	Designações em Língua Guarani	Formações Híbridas/Origem Indefinida
Vento brando da tarde	14	vento gostoso, vento fresco.		oysa; yvytu; yvytu oysa; yvytu pua; yvytu tiroy	
Roda envolta da lua	15	roda (da lua); barra em roda; círculo.	rueda,; anillo	korá; ndiaheiporá	roda akariju (P/G); akariju em roda (G/P); rueda de hesa'yju (E/G) señal da lua (E/P)
Manchas na lua	16	São José; São Jorge; Menino Jesus; Santo; animal; serra, morro.			
Nevoeiro, cerração, neblina	17	neblina; leblina ⁶⁸ ; cerração	cerrazón; tinieblas		
Estrela cadente	18	satélite; cometa; estrela cadente.	lucero; centelha ⁶⁹		estrella guia (E/P); nuda (I)
Estrela D'alva	19	estrela d'alva.	lucero		lucero d'alva/lucero de alva (E/P)
Estrela Vespertina/Vênus	20		lucero		estrella grande (E/P)
Em noites estreladas aquela faixa esbranquiçada no meio do céu	21		siete cabrilla/siete cravrilla; siete estrellas		sete cabrilla (P/E); mancha del sul (P/E/P)
Listas coloridas que aparecem no céu depois da chuva	22	arco-íris; arco-ire; arco-de-noé, arca-de-noé; arcoenoe ⁷⁰			
Chuva rápida de verão	23	chuva passageira; pancada de chuva;	aguacero; chaparrón	ama	

⁶⁸ Forma variante de neblina.

⁶⁹ Palavra do espanhol já incorporada à língua portuguesa na mesma acepção.

⁷⁰ Forma variante de *arco-de-noé*.

		chuva de verão			
Chuva com pedacinhos de gelo	24	chuva-de-pedra; chuva de granizo, granismo.	lluvia de hielo	amandaú	chuva de hielo (P/E)
Chuva com vento forte	25	temporal; ventania; vendaval	tormenta/trormenta ⁷¹	yvytu vai; ara vairata	
Redemoinho	26	redemoinho, redemoinha	torbellino		redemolino (P/E)
Orvalho	27	sereno; orvalho.	rocío	ysapy; ysape	

⁷¹ - Como tormenta existe no espanhol e no português, consideramos para a classificação a realização oral na fala do informante, a exemplo de outras designações em que se observou o mesmo fenômeno. Foi documentada também a variação fonética *trormenta* [troɾmête].

1.1 Acidentes geográficos e fenômenos atmosféricos

A análise dos dados registrados nos Quadros IV e V considerou uma amostragem das designações relacionados às duas áreas semânticas em foco, considerando o elevado volume de dados gerados pelas cartas. Assim, de cada campo destacamos algumas lexias que possam ilustrar a realidade encontrada na fala da localidade objeto deste estudo. Das respostas fornecidas para a questão nº 2 do questionário lingüístico, que deram origem à Carta 2, a variante mais produtiva, com 56% de ocorrências, foi *cerro* palavra de origem espanhola. Em termos de frequência de ocorrência, após *cerro* situa-se a variante *morro* em 43 % das respostas obtidas. Com percentuais semelhantes aparecem as variantes do português *morundunga/morundu* (18 %), de origem banto/quimbundo, e *alto/altura* (12,5 %). Nota-se, pois, que é próprio do homem criar termos e nomeações quando não se tem no seu vocabulário um termo adequado para designar um fenômeno. Ao homem rural, em se tratando de acidentes geográficos, essa prática representa um fenômeno comum, dada a proximidade desses conceitos ao ambiente físico em que está inserido. Isso confirma a tese de Sapir (1969) acerca do ambiente físico e social como fonte de influências no falar de uma comunidade.

Na Carta 2 também podemos observar marcas da influência das línguas em contato na fala do grupo investigado, pois 81% dos informantes designaram fenômenos da realidade local com algum termo do português, do espanhol ou do guarani. As variantes *cerro e serrania*, respectivamente do espanhol e do português foram mencionadas em 69 % das localidades investigadas. Houve o registro das variantes *ijuvate e idivatã* do guarani, nas localidades de Sanga Puitã e de Lagunita, localidades bem próximas à fronteira. A primeira delas, por exemplo, tem metade do seu território no Brasil e metade na República do Paraguai. A segunda situa-se bem próximo à fronteira. Isso explica o registro dessas duas variantes do guarani apenas nesses dois pontos da rede. O maior percentual das designações registradas para o conceito “elevação de terreno” é oriundo da língua portuguesa – *morro; serrania; montanha; altura/alto; subida; morundunga/morundu* – em segundo lugar, está o termo híbrido E/P – *lomo de burro*. Para esse conceito temos as ocorrências únicas, *curva de nível, terraço e serra*. Na Carta 3, a maior ocorrência recaiu em *baixada* (43%), da língua portuguesa, seguida de *bajada* (25%), do espanhol e de duas designações oriundas do guarani – *karape* (12.5%) e *cerroque* (6.2%).

É de particular interesse, o registro das variantes *karape* e *cerogue* registradas nessa mesma carta. A primeira, de origem guarani com significado de “baixa estatura”, segundo Guasch e Ortiz (1991, p.600), no uso local, assume o significado de “colina curta” ou literalmente “o pé da colina”. Já *cerogue* é um termo híbrido espanhol/guarani que, no contexto onde foi utilizado, significa “extinguiu-se, apagar-se”, ou seja, a *baixada* seria um morro que se extinguiu ou lugar onde não há mais morro (GUASCH; ORTIZ, 1991, p.543). Com ocorrências únicas registramos as variantes *descida*, *terreno baixo* e *alagado*. As designações mapeadas para o conceito que encabeça a Carta 2 referendam a forte existência do fenômeno do bilingüismo na área de fronteira investigada.

A Carta 4 (terreno plano entre dois morros), por sua vez, contém dados mapeados somente nos quatro pontos localizados ao sul do município de Ponta Porã, os mais próximos da fronteira com o Paraguai, em apenas um ponto ao norte houve o registro de uma designação – *ruta* – em espanhol. Eis as variantes oriundas do espanhol e do guarani registradas na carta em questão com igual percentual de ocorrências (6,2%): *parejo*, *parero*, *ruta*, *valle*, *ykarape*, *yrute*. As variantes mais produtivas para o conceito objeto dessa carta foram: *plano* e *terreno baixo*, originárias do português, com 12,5% das ocorrências.

Na Carta 6 – *rio pequeno e estreito* – foram registradas as variantes *córrego/córgo(inho)*, do português, com maior ocorrência(62,5%), seguida de *arroyo* (56%) e de *riacho* (25%) e *estreit(inho)*. Desse rol, apenas *arroyo* não é palavra portuguesa. Como nomeiam referentes da mesma área semântica – *rio pequeno* (Carta 6) e *açude* (Carta 9) –, notamos que os informantes designaram com o mesmo termo esses dois referentes distintos. Entre outros, os termos *arroyo* e *tarramar* que serão analisados a seguir, na Carta 9. É válido o registro de que 48.3% dos informantes forneceram respostas que denotam a interinfluência das línguas em contato na fronteira. Entre as lexias com origem espanhola ou guarani, temos: *arroyo*, *embukã*, *estero*, *lajeado*, *riachuelo* e *Ypai*. Tomemos como exemplo a designação *Ypai*, uma palavra guarani que significa *Ypa* lagoa ou lagoa e “*í*” remete a pequeno, formando, assim, uma expressão própria que significa água pequena, lagoa pequena (GUASCH; ORTIZ, 1991, p.794; 569).

Já na Carta 9, temos a ocorrência de *açude* em todas as localidades – 81% das respostas fornecidas pelos informantes – seguida das variantes *represa* com 31%, *laguna*, com 18,7% e *tarramar* e *arroyo* com 6,2%. Algumas dessas designações merecem atenção especial. *Tarramar*, por exemplo, não está registrada nas fontes a que tivemos acesso e

tampouco foi possível descobrir a sua origem junto a professores de espanhol e guarani consultados. Concluímos que a variante *tarramar* pode ser uma variante regional (Ponto 6), cuja elucidação etimológica continuará como um desafio. Já a variante *represa*, como tem grafia idêntica no português e no espanhol, a distinção quanto à língua de origem só foi possível a partir da atualização oral da unidade lexical. O falante da língua distingue as duas formas pelo sotaque, quando o informante afirma “em português é [χe'preza] e em espanhol é [χe'presa]⁷³”. Caso similar ocorre com as variantes *laguna* e *arroyo* que no plano fonológico são semelhantes no português e no espanhol. Ambas originárias do latim se fixaram nas duas línguas, diferenciando-se, por exemplo, a segunda delas apenas quanto à grafia e (*arroyo* e *arroio*, respectivamente, em espanhol e em português). A lexia *arroyo*, em particular, é definida no dicionário bilíngüe espanhol/português como “corrente de água de pequena longitude e caudal irregular” (ACTUAL, 2000, 172). O uso dessas designações nessa área de fronteira representa mais um exemplo da influência do espanhol, já que não são produtivas na toponímia de acidentes físicos no estado de Mato Grosso do Sul. *Laguna*, por sua vez, designa um referente distinto do conceito contemplado pela questão 9, do questionário lingüístico (*açude*). Todavia, o falante deve ter usado essa designação motivado pela relativa semelhança entre os referentes, pois *açude*, segundo Houaiss, é um regionalismo do Brasil na acepção de “lago que se forma por represamento”, portanto, uma *laguna*, no espanhol. Em regiões onde se manifesta o fenômeno de línguas em contato trocas léxico-semânticas como as apontadas parecem ser parte integrante do cotidiano dos falantes. A Carta 9 registrou ainda *depósito de água* e *piscina* como ocorrências únicas.

Mapeando designações para o conceito “roda em volta da lua”, a Carta 15 evidencia de forma bastante acentuada o predomínio do fenômeno do contato das línguas faladas na fronteira. As variantes *akaraju em roda*, *korá*, *rueda de hesa'y ju*, *ndiaheiporá*, *anillo* e *rueda* representam 53% das respostas obtidas para essa pergunta, fato que dá mostras da diversidade lingüística e do multilingüismo manifesto no ato de nomear os fenômenos atmosféricos pelos habitantes da localidade. A variante *akaraju em roda* demonstra essa mescla, pois é formada por uma base do guarani conjugada a uma palavra de origem portuguesa que, se tomada a tradução literal do termo em guarani, seria uma expressão local que significa “boca redonda” ou “o formato da boca aberta”, que metaforicamente

⁷² Usamos a transcrição fonética Ipakiel somente a título de exemplificação da pronúncia do informante, sem pretensões de análises fonéticas.

⁷³ Devido ocorrência de respostas em português e em espanhol para a lexia *represa*, é que a registramos no Quadro IV como pertencente aos dois idiomas.

traduz o círculo que se vê na lua. Em língua portuguesa foram obtidas as variantes de maior ocorrência na Carta 15: *roda* (da lua), com 31% e *círculo* (da lua), com 12,5%). Como ocorrências únicas têm-se as variantes *sinal e barra em roda*.

Como resposta à questão 15 foram também documentadas as variantes *círculo/roda* que traduzem o universo popular rural. É de particular interesse registrar a forma como a coletividade desenvolve o conhecimento empírico para explicar a realidade que a cerca, sobretudo, as comunidades de áreas rurais. Prova disso são as explicações fornecidas para o círculo em volta da lua, por 31% dos informantes, que afirmaram ser esse fenômeno um indicador de chuva ou de seca, de plantação boa ou ruim. De acordo com Adam Schaff (1974), é natural ao falante de uma língua recortar a realidade que a cerca de acordo com sua visão de mundo, pois a língua é o depósito do saber acumulado por um povo e é por meio dela que este povo age e pensa.

Quanto ao conceito *estrela cadente*, a Carta 18 registra variantes lexicais, algumas delas com variação também no plano do significante: a forma *satélite* foi obtida em 50% das localidades com o percentual de 29.4% das respostas dos informantes, *estrela cadente* com 17.6%, *cometa* com 29.4% e *centelha* com 5.8%. Além disso, registra *lucero* com 5.8% e *estrella guia* com 5.8%. Na Carta 18, temos a variante *centelha* com 5.8% das ocorrências, termo de origem espanhola que designa, de acordo com a informante Fp.3, “o que anda”. *Centelha o que anda, né?* E a informante Fp.7 completa a explicação: *É a estrela* (que) *muda* [...] *eu vi passar aquele clarão debaixo do pé de ingá... Coisa muito bunita*. A lexia espanhola *centelha* nomeia o mesmo referente designado em português por *estrela cadente*. Caracterizada pela sua luminosidade, o referente nomeado pela lexia *estrela cadente* evoca efeitos míticos que povoam a credence popular. As designações registradas na Carta 18 ilustram bem isso, a maioria das explicações foram fornecidas em língua portuguesa.

Para o conceito *estrela cadente* 76% das ocorrências foram em língua portuguesa. Como ocorrências únicas houve o registro das variantes *estrela guia* e *asteróide*.

Já a Carta 25 registra para o conceito “chuva com vento forte” as variantes de origem portuguesa *temporal* (25%), *ventania/ventania feia* e *vendaval* (12,5%), a de origem espanhola *tormenta/trormenta* (75%) e as do guarani *yvytuvai* (6.2%) e *ara vairata* (6.2%). Pode-se notar que a designação *tormenta* foi a mais produtiva nessa carta para o conceito “chuva com vento forte”. Como ocorrências únicas foram documentadas *chuva com vento*, *vento* e *tempestade*.

A Carta 26, por sua vez, apresenta a variante *redemoinho* em 87,5% das localidades, com o percentual de 62,5% das respostas obtidas. A variante de origem espanhola *torbellino* sobressaiu-se em termos de ocorrência com um percentual de 68,7% das respostas fornecidas pelos informantes. Nessa carta pode-se observar também a manifestação da variação na dimensão diassexual, pois a incidência de respostas bilíngües foi maior na fala das informantes femininas (50%) do que na fala dos informantes masculinos (25%), estes forneceram a maior parte das informações num ou noutro idioma. Também nessa carta houve a ocorrência do termo híbrido *redemolino* (6,2%) uma criativa mistura, com radical de base portuguesa e sufixo de base espanhol. Como ocorrência única foram registradas as variantes *molina* e *tornado pequenininho*.

Passaremos agora à análise do subcampo *flora*.

QUADRO VI – DESIGNAÇÕES RELATIVAS À FLORA – ALiPP

CONCEITO	Nº. da Carta	Designações em Língua Portuguesa	Designações em Língua Espanhola	Designações em Língua guarani	Formações Híbridas/Origem Indefinida
Muitas árvores juntas	28	mato; monte; mato fechado; mata (o) virgem; bosque; arvoredo.		kaãgue; yvyraygue	retayiramata (G/E/P)
Ipê roxo, amarelo	29	Ipê* ⁷⁴ (roxa, amarela, vermelha);		tajy	
Pequeno agrupamento de árvores no campo com formato arredondado	30	matinho/mato; capão*.	isla	kaaguy	
Fruta menor que a laranja que se descasca com a mão	31	mexerica/ mexeriquinha azeda; pocã	mandarina/ mandarina clavo;	aratipy; kaa'sapá	
Bananas grudadas	32	gêmeas	mellizo	ikoe/kōi	
Cogumelos	33	cogumelo	hongo	yrupero/lupero; kanambanambi	pombero de kaka (E/G)
Erva medicinal de sabor amargo	34	losna	sulco; arrenko	jaguetê ka'a	
Capim santo/erva cidreira	35	Capim* cidreira; erva cidreira.			capim cerdón (P*/E); kapií cedrón (G/E); kapií cidreira (G/P)

⁷⁴ - Palavras da língua portuguesa de base tupi registradas no Quadro VI: ipê, capão, capim.

1.2 Flora

Adentrando ao campo semântico *flora* temos as Cartas 32, 33 e 35. A Carta 32, para o conceito *bananas grudadas*, traz as variantes *gêmeas/gemilares* do português, que apareceram em todas as localidades com um percentual de 52% das respostas obtidas, e *mellizo*, de origem espanhola, que apareceu em 75% das localidades com um percentual de 30% das respostas. E ainda as variantes *Kõi* e *ikõe* de base guarani registradas em 50% das localidades, com um percentual de 17,3% das respostas obtidas, nos pontos mais próximos da República do Paraguai, comprovando assim a maior influência do guarani nesses pontos, o que aponta para a existência de isoglossas, no que tange à variante guarani. Trata-se de uma carta que evidencia o registro do forte contato de línguas na localidade de Ponta Porã. Já na Carta 33, temos para a designação do conceito *cogumelo*, com 57.1% de ocorrências, *hongo*, *yrupero/lupero*, *kamambanambi* e *pombero de kaka* com 42.8%, as últimas designações, respectivamente, oriundas do espanhol e do guarani. Como ocorrências únicas surgem: *chapeuzinho branco* e *estrume de saci*.

Ainda relacionados à área semântica *flora*, destacamos aqui os dados explicitados na Carta 35, que contém designações para *erva cidreira*, comumente conhecido como *capim santo/erva cidreira*. A variante mais produtiva na localidade investigada foi *capim cidreira* (42%), citada em todos os pontos de inquéritos. A lexia resulta da junção do termo de base tupi (*capim*) já incorporado ao vocabulário da língua portuguesa com o português (*cidreira*). A carta apresenta ainda as variantes *capim cerdón* (19%), *kapii cedrón* (15.3%) e *capim cedón* (27%), formas híbridas ora de base portuguesa/espanhol – *capim cerdón* e *capim cedón* –, ora de base guarani/espanhol – *kapii cedrón*. É perceptível nessas variantes a presença do hibridismo no vocabulário do povo analisado, o que denota que em zonas de fronteira as palavras “viajam” ou migram de um povo para outro sem que isso cause estranheza aos falantes dessas áreas.

A análise da Carta 35 deixa transparecer, pois, aspectos das trocas existentes entre povos distintos pertencentes a uma mesma região, em zonas de contatos lingüísticos e culturais. Isso demonstra que nesse sentido, que *a existência de contacto lingüístico*⁷⁵ *supõe o contacto social dos respectivos falantes, enquadrados em situações de comunicação de ordem diversa; a estas*

⁷⁵ Grifo nosso.

subjazem relações sociais, políticas e culturais igualmente diversificadas e que condicionam as relações lingüísticas (MOTA, 1996, p. 507).

Na seqüência, analisamos designações relativas às cartas focalizadas no Quadro VII.

QUADRO VII – DESIGNAÇÕES RELATIVAS A ELEMENTOS DA FAUNA – ALiPP

CONCEITO	Nº. da Carta	designações em língua portuguesa	designações em língua espanhola	designações em língua guarani	Formações Híbridas/Origem Indefinida
Ave que se criada em casa aprende a falar	36	papagaio; arara.	papagallo; loro; lorito.	gua'a	
Ave parecida com a galinha que tem penas pretas e bolinhas brancas	37	angola	guinea	tokái	
O pássaro que faz sua casinha com terra nos postes e nas árvores	38	joão-de-barro	barrerito; alonsito; alonso.		alonsinho (E/P); barrerim/barrerinho (E/P)
Ave branca de pescoço fino comum nos campos no meio do gado	39	garça branca			garça blanca (P/E); roko; garainha (I)
Cavalo com manchas pelo corpo	40	cavalo pintado	toviano; moro; tordilho ⁷⁶ .	kavaju para; kavaju kurdo; overa; ipara	
Cavalo com manchas na testa e nas patas	41	pata branca; estrela	Estrella; malacara		ipomoroti (G/E/G)
Cavalo usado em corridas	42	cavalo de corrida	parejero; cavallo de carrera	ovipará porã	cavalo de carrera (P/E); pareieiro (E/P); kavague de carrera (G/P/E)
Cavalo bem novinho	43	protrilho/protanca/potro; potrilho (inho) novo; filhote de cavalo; cavalinho novo/cavalinho	cavalito	kavaju'i; kavajura'y; kavajura ra'y; kavajumembey'i	
Conjunto de peças que se colocam sobre o cavalo para prepará-lo para montar	44	arreio; traia; sela	apero; herga; buzal		che rambá apero (G/E)
Cincha	45	Barrigueira (o)	faja;. Cincha/chincha/chicha ⁷⁷		
Baixeiro	46	baixeiro; carola/carona	herga	ovecha pire	
Pelego	47	pelego		ocha pire; ova chapire; ochague	

⁷⁶ Lexia de origem espanhola já incorporada ao vocabulário da língua portuguesa do Brasil.

⁷⁷ Variante de cincha.

Baldana	48	Baldana; sobreposto			toi-preto (G/P);
Como se diz do cavalo que está pronto para ser montado	49	arreado; pronto; completo	encillado; aperado; listo	oimbama nerenda	la nerenda (E/G)
Descer do cavalo é...	50	descer; apear	bajar	eguedy/aguedyta	baixar de cavallo (P/E)
Macho reprodutor em rebanhos bovinos	51	touro (reprodutor)			
Rês bem novinha	52	bezerro (inho) (novo, novinho)	ternero/tornero/ternerito; torito; vakita (o)	vakaprarru; evaka raí/vaka raí	
Sobreano	53	sobreano; novilho; bezerro (de ano); mamona	sobreaño; tenerón	vakara'y rusu; vaka ra'y	
Animal que tem um só chifre	54	um só chifre		vei terrati; ope	
Animal sem chifre	55	sem-chifre; mocho (a) ⁷⁸	pollanka		
Animal criado sem nunca vir ao mangueiro	56	alçado; selvagem; arisco	bagual ⁷⁹ (gado); magual ⁸⁰	saguaa; saite	irary (I); vaka ramo (G/E)
O lugar no campo onde o gado se reúne para dormir	57	rodeio; mangueira (o)			aparar rodeo (P/E)
Peixe grande que tem o couro rajado com várias manchas pretas	58	Pintado; surubim*		pira-pira.	pira-pintado (G/P); ;
Cobra que tem listras vermelhas e pretas pelo corpo	59	coral; capitão	capitán;	boi chumbe	
Cobra que parece ter um chocalho na ponta da calda	60	cascavel		boi chini	
Cobra preta sem veneno que mata esmagando a vítima	61	Sucuri ⁸¹ *; jibóia*.		mboi jagua; mboi ro'y	
Tatu cuja carne tem sabor que lembra a carne de aves caseiras	62	Tatu* preto			tatu poju (P*/G); tatu hum (P*/G); tatu galinai (P*/E/G); tatu riguasú (P*/G)
Tatu que dizem comer carne de defuntos	63	Tatu* peludo		pojose	tatu poju (P*/E); tatu hun (P*/G);
Bicho que se parece com o jacaré e gosta	64	lagarto/largarto	cocodrillo	teju	teju guasu (G/P*)

⁷⁸ Palavra de base espanhola já incorporada ao vocabulário da língua portuguesa (HOUAISS, 2001).

⁷⁹ - Bagual: "plat. *bagual* 'potro arisco', do guarani *mba'gwa*" (HOUAISS, 2001).

⁸⁰ - Variante de *bagual*.

⁸¹ - Palavras do tupi que já pertencem ao acervo lexical da língua portuguesa do Brasil registradas no Quadro VII: sucuri, jibóia, tatu, saúva, jateí, surubim.

de comer ovos					
Inseto que voa à noite e que acende e apaga uma luzinha	65	vaga-lume (a)	lucierna/luciena	moã/emoã	
Tipo de abelha preta muito brava	66	marimbondo (inho); oropa.	la reina	kabijui; lechiguana; karavusa; tamanga; kamati	
Abelha jateí	67	jateí*		kajjui	abeja jateí (E/P*);
Casa de marimbondos e similares	68	cachopa casa (de abelha/ de mel); caixa/caixote de mel		karaitã; kabichuí; haitã; kabijui; kabichuí;; haitã; haiipi.	
Formiga doceira	69	formiga doceira;; formiga miúda		tahairum; tahipuitã; araraá/arará	
Formiga lava-pé	70	formiga saúva*/saúba; formiga cabeçuda			
Formiga quem-quem	71	formiga lava-pé; formiga vermelha/ formiga ruiva		yipuitã; eupuitã; tahi puitã; tahai puitã; tahaí	
Formiga Cabeçuda	72	correição; saúva*; formiga preta		tahai puku	
Caminho de Formigas	73	carreiro; caminho de/da formiga; trilheiro/triero/trilho; estrada.	carrillo	tari rape; tape; rape	camino da formiga (E/P)
Tipo de mosca que põe bichos	74	mosca varejeira/varejenta; mosca azul	queresa	beru kovu/beru kova/ beru rovi; emberu; ka'a rovu	beru varejenta (G/P)
Picada de inseto	75	pica/picada; ferroa/verroa; morde/mordida		cheseútavy; chedopi; chedoy; chesuu; oisuu	
Inseto pequeno que canta no ouvido da gente à noite e pica doído	76	pernilongo (a); mosquito		iñatium; ñatium; ñetikuu; ñatiñum	

1.3 Fauna

Na área semântica relativa à *fauna* e a elementos a ela relacionados, selecionamos as Cartas 38, 43, 49 e 65 para serem analisadas. Na Carta 38, relacionada ao conceito “o pássaro que faz a sua casinha com terra nas árvores, nos postes”, foram cartografadas a variante de base portuguesa *joão-de-barro*, com 42% das respostas obtidas, e as de base espanhola *alonsito/alonso/barreiri(m)* que somam juntas 54% das respostas obtidas. As variantes oriundas da língua espanhola apareceram em todos os pontos da rede, o que mais uma vez dá mostras das trocas lingüísticas que ocorrem naturalmente na região.

Já na Carta 43, observamos uma grande variedade de ocorrências de designações os idiomas português, espanhol e guarani. Variantes portuguesas: *potrilho*, *cavalinho*, *cavalinho novo* e *filhote de cavalo* (55%); variantes do guarani: *kavaju ra’y*, *kavaju’i*, *kavaju memby’i* e *kavaju ru ra’y* (41%); variante língua espanhola: *cavalito* (3,5%). Isso significa que 45% dos informantes deram respostas que evidenciam o multilingüismo característico da região pesquisada. Como ocorrências únicas foram documentadas: *cavalo pequeno* e *cria do cavalo*.

Também na Carta 49, relativa ao conceito “como se diz do cavalo que está pronto para ser montado”, houve ocorrências nos três idiomas falados na fronteira: i) do português: *arreado* (37%) e *pronto* (21%); ii) do espanhol: *encillado* e *aperado* (31,5% das respostas obtidas) e iii) do guarani: *oimbama nerenda* (5,3%). E, por fim, da junção do espanhol com o guarani resultou a variante *la nerenda* (5,3%). Nas cartas 43 e 49 chama a atenção o número de designações documentadas, fato que pode ser explicado por esses termos pertencerem a uma área semântica cujos referentes relacionam-se mais diretamente ao cotidiano do homem rural, daí se justificar o elevado número de variantes. Como ocorrências únicas, houve as variações *está a montar*, *arreá*.

A Carta 65 também ilustra traços do multilingüismo característico da área rural de Ponta Porã. O conceito que motivou a elaboração dessa carta foi o seguinte: “inseto que voa à noite e acende e apaga uma luzinha”. Daí as variações *vaga-lume* (47,6% das respostas obtidas), do português, documentada em todos os pontos investigados; seguida de *moã* (38% das ocorrências), do guarani e de *lucierna/luciena* (9,5%) em espanhol. Como ocorrências únicas, temos *pirilampo* e *lembu*.

A seguir, apresentamos o Quadro VIII, seguido da análise de um recorte de designações extraídas das cartas lingüísticas do ALiPP.

QUADRO VIII – DESIGNAÇÕES RELATIVAS AO CORPO HUMANO – ALiPP

CONCEITO	Nº. da Carta	Designações em Língua Portuguesa	Designações em Língua Espanhola	Designações em Língua Guarani	Formações Híbridas/Origem Indefinida
Cabeça	77	cabeça	coquinho/coco/cuca	akâ; cheakã; meakã; iñeakã; iñakã; ñaka	
O que se tem dentro da cabeça	78	miolo; cérebro/cerebelo;		chepyty'u; iñapyty'u; iñatu'u; pyty'u; ipyty'u; apyty'u	
Rosto	79	rosto; cara;		cherova; ñderova; hova; tova; ñerova	
Pálpebras	80		párpado	cheropepi; topepi; rotetiraí; ñedoripepi; rapire	
Sobrancelhas	81	sobrancelha	cerra (o)	chetuiutá; úituvita; iñavutuñutá; teuitá; ituvitá; roteti, metuuíta	
Cílios	82	pestana; cílios;	pestaña (o)	meturutarague; oropepi; tuiuta; tuiuita; cheropea; opea/oropea; topea	
A cerinha que as pessoas tiram do nariz com o dedo	83	sujeira do nariz/sujeira; ranho de nariz; meleca; cateto do nariz; tatu*		tykua; tikua; tikia; iteapaiquéaitim; teiûa; chetiquia	kaka do nariz (G/P)

CONCEITO	Nº. da Carta	Designações em Língua Portuguesa	Designações em Língua Espanhola	Designações em Língua Guarani	Formações Híbridas/Origem Indefinida
Pessoa sem dentes	84	banguela ⁸² (o); sem-dentes; desdentado		nahairi; nahairiete; tai'y; taibitê; haiã; haña	
O que se usa no lugar dos dentes	85	ponte; chapa; paladar; dentadura		cherâi	
Caroço que os homens tem no pescoço	86	gogó; maça (zinha)	manzana		
Lugar dentro da barriga da mãe onde fica a criança antes de nascer	87	útero	la madre		
Parte do corpo da mulher onde as crianças mamam	88	peito; seio; teta;	pecho	titi; kama; che titi; che kama	
Oso redondo do joelho	89	joelho		cheremumua; ñheipuâ; repia; itipuâ	chiquichuello (I)
Barriga da perna	90	batata da perna; barriga da perna; carne da perna		cheresumaray; neétomagu; retimaruy; cheremuã	teruma perna (G/P)

⁸² Originária do Banto incorporada ao léxico do Português brasileiro.

1.4 Corpo humano

Com relação à área semântica do *corpo humano*, selecionamos, para fins de análise, as Cartas 78, 84, 87 e 88. A Carta 78 relaciona-se ao conceito “o que se tem dentro da cabeça”, para o qual foram obtidas as variantes *miolo* e *cérebro*, a primeira com a maior ocorrência, 35% das respostas obtidas, e a segunda, com 27,5% das respostas. Nota-se que a forma mais produtiva evidencia características mais arcaizantes da língua, um traço mais relacionado à fala rural. Além dessas duas designações, coletamos significativo número de variantes de base guarani: *cheppytu’u*, *inãpytu’u*, *pytu’u*, *ipytu’u* e *apytu’u*, que somam 41% das ocorrências e apareceram em 87,5% das localidades. Como ocorrência única foi registrada apenas *noente*.

Já a Carta 84 demonstra *banguela* (26%) e *sem-dentes* (30%), seguidas da variante *desdentado* (15%). Nessa carta também aparecem as formas variantes *nahãiriete*, *nahãiri*, *tai’y*, *taibitê*, *haiã* e *haña*, do guarani, o que equivale a 30% das respostas obtidas. Notamos a grande diversidade de termos para nomear um único referente, o que evidencia marcas de conservação lingüística, tanto em casos como *banguela* e *sem-dentes*, do português, quanto em lexias do guarani como as já listadas que dão mostras do processo de mudança e de renovação lexical no guarani.

A Carta 87, por sua vez, apresentou baixo índice de variação. Para designar o conceito “lugar dentro da barriga da mãe onde fica a criança antes de nascer”, foram registradas as variantes *útero*, em 87,5% das localidades com um percentual de 91% das respostas obtidas, e *la madre*, em 9%. *Bolsa* e *mãe-do-corpo* despontam como ocorrências únicas.

Na Carta 88, que contém designações para o conceito “parte do corpo da mulher onde as crianças mamam”, novamente observamos grande número de variantes. A variante de origem portuguesa *peito* foi mencionada em todas as localidades, 27% das respostas obtidas, seguida das variantes *seio*, com 16% das respostas, e *teta*, com 7% de ocorrência. De origem guarani temos *titi*, *che titi*, *che kama* e *kama*, perfazendo um total de 62% das ocorrências, e de base espanhola aparece *pecho* com 5,4%. Desse total, 38% são oriundas do espanhol e do guarani. A presença de designações dos três idiomas denota evidências do processo de trocas lingüísticas que aflora nessa faixa de fronteira. O Quadro IX reuniu designações relativas a doenças comuns.

QUADRO IX – DESIGNAÇÕES RELATIVAS A DOENÇAS MAIS COMUNS E FUNÇÕES DO CORPO HUMANO – ALiPP.

CONCEITO	No. da Carta	Designações em Língua Portuguesa	Designações em Língua Espanhola	Designações em Língua Guarani	Formações Híbridas/Origem Obscura
Dor-d’olhos	91	conjuntivite; dor-de olho		tesa rasy; hasy hesa; ereka rasy; hesa rasy; neresá nasê	
Bolinha vermelha que nasce nas pálpebras	92	trê(i)s-sol; entressol		topepi reko; tepepi reko	
Doença provocada pelo olhar de certas pessoas	93	malholhado; mau-olhado; mau-de-olho (mau de olho); quebrante; inveja		tesarasi/tesarasê; ojehea; omaê vai	
Mal estar que a mulher sente durante a gravidez	94	enjôo; azume ⁸³		gueese; avai; ipuá jere; puravaí; ñajere	
Prisão de ventre	95	estufado/estufa; prisão-de-vento; prisão-de-ventre; empachado/empanturrado; empazinado		poñe teni; rievu; rievupa; teevu;	prisão-de-viento (P/E)
Sapinho	96	sapinho; pasta(inha)	arroia queresá; queresá; sapito	juru aí	kupiña (I)
Quebranto	97	qualho virado/coalho virado; malholhado/malolhado; friagem	frieldad	kambiru jere	
Mal de sete dias	98	morreu do embigo;			mal de siete días (P/E/P)

⁸³ - Uma provável variante de *aziúme*. Houaiss (2001) no verbete *aziúme* remete para *azedume* que, dentre outras acepções, é “qualidade do que é azedo, do que tem sabor ácido; acidez, azedia, aziúme”

CONCEITO	No. da Carta	Designações em Língua Portuguesa	Designações em Língua Espanhola	Designações em Língua Guarani	Formações Híbridas/Origem Obscura
		mal de sete dias			
Bócio/Papada	99	papo; tiróide; bócio; pescoço grosso		ju'ai; iju'ai	zoroite/zoroito (I)
Vertigem	100	tontura	marea/amarear	akanga'u; iña akanga'u /iñakata'u; ne'akanga'u / iñakanga'u	
Dor de Barriga	101	dor-de-barriga; dor-de-estômago; cólica		cheerasi; cherierasi; yerasi; puerasi/puarasi	
Diarréia	102	diarréia;desinteria; dor-de-barriga		chiri; ochiri; guerasy; tye rasy	
Os grãos como de areia que se formam nos rins	103	pedra no rim;	pedra en el riñon		ita no rim (G/P); riñon rasi (E/G) Ivi ño bereu koitá (G/E/G)
Sarna	104	sarna; coceira		karacha; kurai'yi; kurai'y; kurai'i/ kuraã'i	Uñe (I)
Sangue que a mulher perde todo mês	105	menstruação/sangue menstrual		basi guedi; idiasy; che'diasy; diasgy guedi.	
Vasilha onde as pessoas urinam durante a noite sem sair do quarto	106	pinico	basín	yteruru/taruru	
Quando se está com dor de barriga sente vontade de que?	107	descarregar; cagar; evacuar; (fazer) cocô; (fazer) necessidade; obrar		yatakaka; okakace; kaka; arratakaka; diakaka;chiri	
Para fazer exame e ver se tem vermes leva-se o que ao laboratório?	108	fezes, merda, bosta, cocô		ñetu; arikaka	neobra ⁸⁴ (G/P)
Bolinha amarela que se forma no canto do olho.	109	remela/ramela; sujeira dos olhos; meleca (inha)		sapeum; tesa quiã; apesuá; neressá peú	

⁸⁴ A lexia *obra* na acepção dada pelo informante também se encontra registrada em língua espanhola.

1.5 - Doenças mais comuns

Relacionada a essa área semântica, a Carta 91 não foi das mais produtivas em termos de variantes para nomear o conceito “doença que deixa os olhos avermelhados, inchados quase fechados”. *Dor-de-olho*, da língua portuguesa, foi obtida em 100% das localidades com um percentual de 54% das respostas e *conjuntivite* foi citada em duas localidades, com um percentual de 7.6% de ocorrência. Já as variantes do guarani somam 38,5% das respostas obtidas – *tesa rasy*, *neresá nasê*, *hesa rasy*, *hasy hesa*, *ereka rasy*. Não houve respostas em língua espanhola para o conceito em questão.

Já a Carta 92, conceito “bolinha vermelha que nasce nas pálpebras”, registra as variantes *três-sol* e *entressol*, respectivamente, com 26% e 33% das respostas obtidas. As formas cartografadas do guarani – *topepi reko* e *tepepi reko* – somaram 40% das respostas obtidas. Eis as formas com ocorrências únicas: *nascença*, *quebra-sol* e *zera-sol*, *nascida*, *viúva* e *terçol*.

Quanto à Carta 94, conceito “mal estar que a mulher sente durante a gravidez”, a variante mais produtiva registrada foi *enjôo*, com 75% de produtividade, coocorrendo com as formas do guarani *avai*, *ipoá jere*, *puravai*, *ñajere* e *gueese*, que somaram 40% das respostas, e com o termo de base portuguesa *azume* (6.6%), variante que pode ser uma redução de *aziúme* e, por extensão, de *azedume*. A Carta 96, por sua vez, traz a variante *sapinho* que alcançou o maior índice de ocorrência (46%), seguida das variantes de origem guarani *juru aí* e *kupiña*, com 13.3% das ocorrências, para nomear o conceito “coisas brancas que se formam na boca de recém nascidos”. Como ocorrências únicas, tivemos as variantes *papinha na boca*, *pastinha* e *capa branca e afta*.

Já as Cartas 99, 100 e 102 registraram um número maior de variantes. Na Carta 99, que se refere ao conceito “pescoço que parece sempre inchado”, *papo* sobressaiu-se em termos de ocorrência entre as designações oriundas do português (36%), seguida das variantes *tiróide* (13,3%), *bócio* (3,3%) e *pescoço grosso* (3,3%). De origem guarani, temos as variantes *ju'ai* e *iju'ai*, com 30% no total das ocorrências nessa língua. E, ainda, o termo de origem incerta *zoroite/zoroito* com 3,3% de realização, o que aponta para um termo de uso local para nomear o conceito pedido. Como ocorrência única houve a variante *papa*.

Na Carta 100, que registrou formas referentes ao conceito “pessoa que vai desmaiar sente o quê”, aparece a variante *tontura* em 87,5% das localidades, o que representa 36%

das respostas obtidas, seguida das variantes da língua espanhola *marea* e *amarear*, com 4,5% das respostas, seguidas dos termos guaranis *akañga'u*, *iña kañga'u* e *ne'akañga'u* que somaram 18% de realização. Podemos observar nessa carta a forte influência da realidade lingüística da fronteira na nomeação dos referentes em questão.

E, por fim, na Carta 102, que documentou designações para o conceito “alguém que necessita ir ao banheiro toda hora”, identificamos as variantes *diarréia*, com 30% das respostas obtidas, *desintéria*, com 23,3% das ocorrências e *dor de barriga* com 6,6%, todas da língua portuguesa. Em coocorrência temos as variantes do guarani *chiri*, *ochiri*, *tye rasy* e *guerasy*, totalizando um percentual de 33% das respostas. Como ocorrências únicas as variantes *caganeira* e *cólica*.

Passemos à análise de designações apresentadas no Quadro X.

QUADRO X – DESIGNAÇÕES RELATIVAS A CARACTERÍSTICAS FISÍCAS DO HOMEM – ALiPP.

CONCEITO	No. da Carta	Designações em Língua Portuguesa	Designações em Língua Espanhola	Designações em Língua Guarani	Formações Híbridas/Origem Obscura
Pessoa que só enxerga com um olho porque perdeu o outro.	110	cego; cego de um lado;	ciego	puítá; resapê; saquapê	resá um lado/tesa um lado (G/P)
Indivíduo que tem os olhos virados	111	vesgo/vesga; zarolho; olho torto; olho virado		teisapé/resavã/tesava/tesauã	
Pessoa que tem defeito numa das pernas e anda com dificuldade	112	manco; aleijado; paralítico;	Pepenga; rengo ⁸⁵	yetumã karê; ipa kare; karúa; íkarê	
Pessoa que tem as pernas arqueadas para dentro	113	perna torta		retumá karê	
Pessoa que tem as pernas arqueadas para fora, os dois pés tortos	114	perna torta;		retumã karê; petumã joki; retumã joki	
Mulher que tem as pernas muito finas e compridas.	115	perna cumprida; (mulher de) perna fina; perna de seriema	pierna larga	retumã pupu; retumã poí/ retimã ipoí; tema poí; retumã puku	perna de sarina (P/I); canilla peru (E/P); pierna fina (E/P)
Pessoa que tem um calombo nas costas e anda arqueado.	116	cacunda; catunda/catunga			lomo kandu/lomo randu (E/G); ilama kandu (E/G); lomo ruru (E/G); lombo kandu (P/G)
Quem tem o nariz muito grande.	117	narigudo/narizado; nariz grande; nariz comprido; nariz de tucano		itî guasu; itî puku; tîguasu; ratipucú	
Como ficam os cabelos quando a pessoa começa a envelhecer.	118	grisalhos; cabelo branco	Moro; rosillo	moroti; carangue; ñña pati; ñña ty; gakã moroti	akã rosillo (G/E)
A pessoa que fala pelo nariz.	119	fanho(so)		itiñe'e/itiñee; itino	

⁸⁵ - Palavra do espanhol que já integra o léxico do português do Brasil.

1.5. Designações relativas a características físicas do homem

A Carta 114 registra, para o conceito “pessoa que tem as pernas voltadas para fora e pés tortos”, a variante portuguesa *perna torta* com um percentual de 55% das ocorrências seguida das variantes de origem guarani *retumá karê*, *petumã joki*, *retumã joki* que representam 45% das respostas obtidas. Não houve variantes em língua espanhola. Como ocorrência única, a lexia *cambota* de origem portuguesa.

Para o conceito “mulher que tem as pernas finas e compridas”, a carta 115 evidencia o multilingüismo, bem como, a diversidade decorrente dos contatos entre línguas, explícitos nos atos de fala dos habitantes da fronteira. Designações como *retumá poí*, *canilla peru*, *retumá cambita* dão mostras do entrelaçamento lingüístico da região. Oriundas do português as lexias *perna fina* e *perna cumprida* representam 45% das ocorrências seguidas das variantes em língua guarani *retumá poí*, *retumã puku*, *retumã pupu*, *temá poí* com 30%. Documentamos ainda termos híbridos como *canilla peru* (E/G), *perna de sarina* (P/I), *pierna fina* (E/P), *retumá cambita* (G/E) com um percentual de 20%. Em língua espanhola foram mapeadas as variantes *cambita* e *pierna larga*, as quais somam um total de 10% das designações obtidas. Como ocorrências únicas houve o registro das variantes *canela magra* e *perna de seriema*.

Quanto ao conceito “pessoa que tem um calombo nas costas”, carta 116, o índice de termos híbridos de base espanhola e guarani foi expressivo, representaram um percentual de 56.2%. As variantes em língua portuguesa *cacunda(o)/catunga* e *corcunda* perfizeram um total de 43.7% das lexias. Quanto às ocorrências únicas foram registradas as variantes *cacunga*, *cocunda* e *calombo*. O percentual elevado da formação de termos híbridos presentes na fala dos informantes de Ponta Porã denota a riqueza lingüística que dá fisionomia particular a esta região de fronteira.

Na carta 117, para o conceito “nariz muito grande”, tivemos também expressivas variantes em língua portuguesa como *narigudo/narizudo*, *nariz grande*, *nariz comprido*, *nariz de tucano*, *narizão* com um total de 60% dos registros.

Em língua guarani obtivemos as variantes *tîguasu*, *itî guasu*, *itî puku*, *ratipucú*, totalizando 39.2% das ocorrências. Não houve designações em língua espanhola, fato que nos permite concluir que há supremacia do uso do Guarani, como língua nativa, sobre o uso do Espanhol, língua transplantada.

Já na carta 118 foram registradas as designações em língua portuguesa *grisalhos* e *cabelo branco* com 50%, seguida das lexias *moro* e *cabello blanco* com 16.6% das ocorrências, estas últimas oriundas da língua espanhola. Em língua guarani foram nomeadas as designações *akã morotĩ*, *carangue*, *iña pati*, *iña ty*, *morotĩ* contabilizando um percentual de 27.7% dos registros. Como termo híbrido, somente a designação *akã rosillo* (G/E).

Encerrando a análise do Quadro X, a carta 119, para o conceito “a pessoa que fala pelo nariz”, apresenta a variante da língua portuguesa *fanho*, com 37.5% de ocorrências, e as da língua guarani *itiñe’e/itiñe* e *itino*, com 62,5% de ocorrências. Não houve ocorrências únicas nem designações em Espanhol.

A análise das cartas 115, 116, 117, 118 e 119 deixa transparecer as multifaces que a *palavra* adquire num contexto sociocultural enriquecido pelo multilingüismo. A investigação desta riqueza revela que as faixas de fronteira perdem os traços comuns de suas origens sobretudo na questão lingüística, adquirindo no contato entre as culturas, fisionomia própria, particularmente amalgamada pelas trocas entre falantes de nacionalidades distintas.

QUADRO XI – DESIGNAÇÕES RELATIVAS À CULTURA E AO CONVÍVIO – ALiPP

CONCEITO	No. da Carta	Designações em Língua Portuguesa	Designações em Língua Espanhola	Designações em Língua Guarani	Formações Híbridas/Origem Obscura
Como as pessoas costumam chamar os estrangeiros que vivem aqui.	120	estrangeiro; imigrante/imigrado			
Pessoa que tem maus modos, responde mal às pessoas.	121	mal-educado/ maleducado; mal-criado; estúpida; sem-educação; respondão; bocudo	malariado	italajuvaí; tiruguasú; ipochy	
Pessoa que parece estar sempre irritada.	122	nervoso; mal- humorado; irritado; chata; emburrada;	nerviosa; in luna/luna; ar relada	idiare keã; pochy;	Sequeraí(I)
Indivíduo que tem dificuldades para aprender.	123	burro(a/inho)		tavê/etavi; itavy; tagy	
Criança que faz artes .	124	arteiro; (criatura) cabeçuda ⁸⁶		(mitá) akaratã; iñakaratã; pokovi; bahuku; ñaka hata; povikacha; ukuhata	
Mulher de vida fácil.	125	prostituta; (mulher) puta; mulher à toa; biscate; mulher da vida; mulher vagabunda rapariga	mujer la vida	kuñapô; kuña korei; kuñavai	
Homem casado que é enganado pela mulher.	126	chifrudo; corno/corno de putaria; guampudo		tinguai achatinguasú	sombbrero ka'a (P/G);
Alguém que toma muita bebida alcoólica.	127	bêbado/bebo; embriagado	borracho	(i) kaú; okakuú; okau	

⁸⁶ Podemos inferir pelo contexto, que o termo atribuído pelo informante à criança arteira está no sentido de “a criança desobediente”.

CONCEITO	No. da Carta	Designações em Língua Portuguesa	Designações em Língua Espanhola	Designações em Língua Guarani	Formações Híbridas/Origem Obscura
Pessoa que cura as pessoas com orações.	128	curandeiro (a); curador; benzedeiro (a); médica	Bensedor	ñiboê	chea ⁸⁷ /médica; médica hea (P/G)
Pessoa que cura as pessoas com remédios caseiros.	129	médico; curandeiro (juju); curandor; benzedeira		koraiñaña; iñaña; pohañaña;	médico iñaña (P/G); medicachea (P/G); pohã casero (G/E)
Pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro.	130	muchiba; miserável; mão-de-vaca; pão-duro; mão-fechada; seguro	ñovale; miserable	pojupã; ipojupã; odiopê; jopopê	
Mulher que ajuda as crianças a nascer.	131	parteira; obstreta			
Pessoa que na frente da gente age de um jeito e por trás age muito diferente.	132	duas caras; fingido; falso	dos caras	pova mokui; tova mokã; idiapu; oamokõe/ovamokõe; idijakõ	
O que precisa ter pra fazer compras.	133	dinheiro; tutu	dinero; plata; prata	pira pirê	heta che prata (G/E)
Pessoa que mora e trabalha em terras alheias.	134	invasor; sem-terra		baretê oike; oi vadi	
Paraguaio que vem morar no Brasil ou brasileiro que mora no Paraguai.	135	imigrante; estrangeiro; brasiguai (a)			

⁸⁷ Expressão local que designa a pessoa ou médico que cura com ervas.

1.6. Designações relativas à cultura e ao convívio

Analisaremos aqui os dados das Cartas 125, 126, 127. Na Carta 125, para o conceito “mulher de vida fácil que vende o corpo”, sobressaiu a variante da língua portuguesa *prostituta*, com 22,8% das ocorrências. Provavelmente por tratar-se de um conceito que é tabu na sociedade, houve muitas variantes para o referente em questão: *puta* (17%), *mulher à toa* (11,4%), *biscate* (11,4%), *mulher da vida* (5,7%), *mulher vagabunda/vadia* (5,7%), *rapariga* (5,7%). Já da língua guarani vieram: *kuñapô*, *kuña korei*, *kuñavai*, que representaram 11,4% das ocorrências, e do espanhol apenas *mujer la vida* com 2,8% das respostas. No cômputo geral, esses dados representam os seguintes percentuais, em termos de distribuição, segundo o idioma: português (85,7%), guarani (11,4%), espanhol (2,8%).

Na Carta 126, para o conceito “homem casado que é enganado pela mulher”, aparecem as seguintes designações de base portuguesa: *chifrudo* com 48,2% dos dados; *cornu*, atingindo 34,7% e *cornu de putaria*, contabilizando 8,6% das respostas obtidas. Como formas híbridas aparecem *médico iñaña*, *médicachea*, *pohã kaseru*, representando 8,6% das respostas fornecidas para o conceito em questão.

Quanto à Carta 127, para o conceito “alguém que toma muita bebida alcoólica”, apresenta *bêbado* como variante mais produtiva com 51,4%, seguida de *embriagado* com 8,5%, ambas do português. Do espanhol veio *borracho*, com 11,4% de ocorrência, e do guarani (*i*) *kauí*, *okakuí* e *okau*, que representam 37,1% das respostas. Em âmbito geral, 51,4% das designações são oriundas da língua portuguesa, 31,3% da língua guarani e 11,4% do espanhol.

Já a Carta 135 registra com maior ocorrência *brasiguaio* (38,8%), seguida das variantes *estrangeiro* (27,7%) e *imigrante* (22,2%). Vale ressaltar que a lexia *brasiguaio*, como já foi assinalado alhures, designa no vocabulário popular o brasileiro que vai morar no Paraguai e/ou o paraguaio que vem para o Brasil. Como ocorrência única, tivemos a variante *conterrâneo*. Como se pode perceber, essa carta contém só variantes oriundas do português.

Passemos aos dados do Quadro XII.

QUADRO XII – DESIGNAÇÕES RELATIVAS A CICLOS DA VIDA – ALiPP

CONCEITO	No. da Carta	Designações em Língua Portuguesa	Designações em Língua Espanhola	Designações em Língua Guarani	Formações Híbridas/Origem Obscura
Quando a mulher está esperando um filho.	136	grávida; barriguda	embarazada	heê guasu; tee guasu; cherueguasu	
Quando a criança nasce.	137	dar à luz; ganhar nenê; ganhar criança		memby; imemby	tuú hijo (G/E); chenevita (I)
Período após o parto que a mulher fica de repouso.	138	dieta; resguardo; quarentena			
Bolsa que ao arrebentar a criança nasce.	139	placenta; bolsa d'água; bolsa do nenê	la madre	imemby riru; imemby raru	
Criança recém nascida ou com poucos meses.	140	bebê(zinho); nenê(zinho) novo; criancinha/criancinha novinha	criaturita	mita kuña; mitaf; mitaraí; haray; mita michi; Itaray	neneí (P/G)
Pessoa ou animal que se criou sem leite materno.	141	guacho			
Quando a mãe não tem leite e outra amamenta a criança.	142	mãe-de-leite; madrinha/madrasta- de-leite;segunda mãe			
Duas crianças que nascem no mesmo parto.	143	gêmeos	mellizo; gemelo	mita mokõe	
Filho de pais não casados.	144	filho de criação/criado; filho adotivo; criatura		Amomguaguá; Mita manguaguá; imêmbu iñanga	hijo adotivo (E/P)

CONCEITO	No. da Carta	Designações em Língua Portuguesa	Designações em Língua Espanhola	Designações em Língua Guarani	Formações Híbridas/Origem Obscura
		adotiva			
Criança de cinco a dez anos do sexo masculino.	145	menino (a); moleque (inho); guri ^{*88} , criatura		mitaí michi; mitaí kakuá; mitaí/mitã; cumbaê/mita cumbaê; mitaguasu	
Criança de cinco a dez anos do sexo feminino.	146	menina; guria; moleca (inha)		mita kuña; mita rusu; kuinbê; mitaguasu ; mitaí	
Filho que nasceu por último.	147	caçula		ipanhaguê; mita cahaguê	
Rapaz e moça que se gostam e ainda não são noivos.	148	Namorados; noivo	novios	ichika; odiê guta; ojo checo kufígutá	
Acompanhante dos namorados.	149	guarda/guardião; segura vela; capanga		boka	
Homem e mulher que vivem juntos sem serem casados.	150	amancebado/ Amancevado ⁸⁹ ; amigado; ajuntado			uña manceva ⁹⁰ (G/P)
Filho de pais não casados.	151	filho bastardo; filho natural;		cheray	hijo natural (E/P); cheray natural (G/P); itarauka (I)
O contrário de nascer.	152	morrer	no hay mas vida; morir	omano/mano	
No sétimo dia da morte, o que as pessoas que perderam o ente querido costumam fazer.	153	missa de sétimo dia (da cruz)/missa de sete dias; novena (de nove dias)/novenário de nove dias; velório da cruz/velório do sétimo dia		emboê poa	omano missa (G/P)
Mortos que aparecem às pessoas.	154	Assombração/sombração	assombración; mala	pora; okahije	Mala visão (E/P)

⁸⁸ - Palavra de base tupi já assimilada pelo léxico do português do Brasil.

⁸⁹ As lexias *amancevado* e *manceva* se encontram dicionarizadas em dois idiomas: português e espanhol. O critério de distinção entre as duas línguas foi a pronúncia do falante.

⁹⁰ Idem a explicação da nota 87.

CONCEITO	No. da Carta	Designações em Língua Portuguesa	Designações em Língua Espanhola	Designações em Língua Guarani	Formações Híbridas/Origem Obscura
Pessoa que tem o mesmo nome da gente.	155	Xará*	tocayo		chexara (G/P*); chetokai (G/E); tokaí (E/G); chetokaja (G/E)
Criança que os pais não querem cuidar.	156	(criança) abandonada; rejeitada		oreta	

1.7. Designações ciclos da vida

Registraram-se, nas Cartas 136, 143 e 148, variantes representativas das três línguas em contato na região investigada.

Na Carta 136, por exemplo, visualizamos como designação para o conceito “quando a mulher está esperando um filho”, o termo *grávida* em todas as localidades, representando 33,6% das respostas obtidas, e a lexia *barriguda* com 12,1%, de ocorrências, ambas do português. Há também a variante espanhola *embarazada* com 9% e as do guarani *heê guasu* e *tee guasu*, com um percentual de respostas de 33,6%.

Já a Carta 143, relativa ao conceito “duas crianças que nascem no mesmo parto”, registra 40% de ocorrência para a designação *gêmeos*, do português, seguido de *mellizo (a)* com 38,2% e de *gemelos* com 3,4%, do espanhol. Do guarani, temos a variante *mita mokõe* com um percentual de 3,4% de ocorrência.

A Carta 148, por sua vez, para o conceito “rapaz e moça que se gostam e ainda não são noivos”, a lexia *namorados*, da língua portuguesa, foi a variante mais produtiva com 51,8% das ocorrências. Os termos de origem guarani – *ichika*, *odiê guta*, *ojo chêco* – representam um percentual de 13,6%, e, *novios*, de origem espanhola, computa 4,5% das ocorrências.

Na continuidade, centramos nosso olhar para os dados apresentados no Quadro XIII.

QUADRO XIII – DESIGNAÇÕES RELATIVAS A RELIGIÕES E A CRENÇAS – ALIPP

CONCEITO	No. da Carta	Designações em Língua Portuguesa	Designações em Língua Espanhola	Designações em Língua Guarani	Formações Híbridas/Origem Obscura
Ser maléfico que está no inferno.	157	diabo; satanás; demônio; capeta	diablo	aña; mba'e pochy	
Negrinho de uma perna só que usa cachimbo na boca.	158	saci*; saci-perere		jajy jaterê; pombero	
Espírito de bugre, semelhante ao saci, que toca gaita feita de taquara.	159	pombeiro ⁹¹ ; índio; assombração		jaretê; pombero	
Enterro (tipo de assombração)	160	enterro; ouro; assombração; tesouro; espírito de soldado;		pora	lataeguedi (I)
O caminho que cada um tem pra seguir em sua vida.	161	caminho; destino; sua cruz para carregar	camino	tirape; ikurusu; okaregaragua	cada uno oreku (P/E/G); kau nororeku laí (G/I)
Aquilo que se pode fazer com ajuda de maus espíritos.	162	macumba; saravá; feitiço; mandinga		amoipaje; paje	
Aquilo que as pessoas usam pra afastar males e dar sorte.	163	patuá; amuleto; relíquia		paje ⁹²	
Santa de Caacupê; Nossa Senhora da Conceição.	164	Santa de Caacupê; a Virgem de Cacupê; Nossa Senhora da Conceição/Imaculada Conceição			La Virjen de Kaakupê (E/G)
Tipo de dança que os adultos dançam como uma garrafa na	165	galopera; polca paraguaia			

⁹¹ Em língua portuguesa designa “espião de polícia ou o que atravessa os sertões negociando com os índios” (FERREIRA, 1988). Inferimos que o termo foi incorporado à língua guarani para designar o ser mitológico que habita o imaginário popular da fronteira na acepção de “duende de la superstición popular, maléfico, ruín” (GUASCH; ORTIZ, 1991, p.717).

⁹² A lexia *paje* também se encontra grafada no idioma guarani com acento agudo na vogal *le*: *pajé* (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 139).

CONCEITO	No. da Carta	Designações em Língua Portuguesa	Designações em Língua Espanhola	Designações em Língua Guarani	Formações Híbridas/Origem Obscura
cabeça.					
Festa dedicada a um Santo em que há brincadeiras, jogos e comidas	166	Festa de São João; Festa Junina			

1.8. Designações relativas a religiões e a crenças

Para a análise de dados oriundos da área semântica *religião e crenças*, selecionamos as Cartas 159, 161, 162 e 163. Começamos pela Carta 159, relativa ao conceito “pombeiro (tipo de assombração)”, que apresenta as lexias da língua portuguesa *pombeiro* com 30,7% de ocorrências, *índio* com 30,7% e *assombração* com 15,3% de produtividade. Documentamos ainda *pombero*⁹³ como termo incorporado à língua guarani com 15,3% de ocorrência e *jaterê* do guarani com 7,6% do conjunto das respostas.

Ainda relacionada à área semântica em exame, a Carta 161, que mapeou designações para o conceito “o caminho que cada um tem pra seguir em sua vida” evidencia um maior índice de produtividade nas lexias de origem portuguesa com percentual de 58,8%, seguidos das de base guarani, com 17,6% de ocorrência, dos termos do espanhol, com 11,7% das respostas, das palavras de origem obscura, com 5,8% e dos híbridos também com um percentual de 5,8% .

As lexias do português que designam o conceito em pauta foram as seguintes: *destino*, *caminho*, *cruz para carregar* (português); *ikurusu*, *tirape*, *okaregaragua* (guarani); *camino* (espanhol); de formação híbrida foi documentada *cada uno oreku* (português/espanhol/guarani).

Em relação à Carta 163, tivemos 100% de ocorrências da língua portuguesa, para o conceito “aquilo que as pessoas usam pra afastar males e dar sorte”. Foram obtidas as lexias *patuá* (36,3%), *reliquia* (27,3%) e *amuleto* (27,3%). Como ocorrência única a lexia *talismã*.

Na seqüência, examinemos dados do Quadro XIV.

⁹³ A lexia *Pombero* se encontra dicionarizada em língua guarani na acepção de “assombração/ser mitológico” registrada em dicionários de língua guarani. Ver: GUASCH, S. J.; ORTIZ, S. J., 1991, p. 717 e ASSIS, C. F. de (org.), 2000, p. 122.

QUADRO XIV – DESIGNAÇÕES RELATIVAS À ALIMENTAÇÃO E A UTENSÍLIOS – ALIPP

CONCEITO	No. da Carta	Designações em Língua Portuguesa	Designações em Língua Espanhola	Designações em Língua Guarani	Formações Híbridas/Origem Obscura
Refeições	167	café da manhã; almoço; tira-jejum; merenda;	diacena; desayuno; el naruna; almeurzo; la cena;	karu; jakaru	akaru la roz (G/E); jarambosa (I); jaha jacena (G/E); ahambosa de manhã (I/P)
Quantas refeições fazem por dia aqui, nome de cada refeição (primeira refeição do dia)	167 (a)	merenda; café-da-manhã/café; tira-jejum	el naruna; desayuno;		ahambosa) de manhã (I/P)
Quantas refeições fazem por dia aqui, o nome de cada refeição (segunda refeição do dia)	167 (b)	almoço	almuerzo	jakaru; karu	akaru la roz (G/E); jarambosa (I)
Quantas refeições fazem por dia aqui, o nome de cada refeição (refeição realizada à noite)	167 (c)	janta	la cena; diacena		jaha jacena (G/E)
Milho cultivado no Paraguai que é utilizado no preparo de comidas típicas da fronteira	168	milho branco; milho cateto/catete; milho saboró	Maíz	avati; avati moroti	
Designações para comer	169	vem comer; vamos almoçar; rangar; papá		dyakaru; dyadukaru;	jarambusá (I)
Comidas da primeira refeição	170	mandioca frita; ovo; carreteiro; café; leite; pão; manteiga; café com leite; bolachas; presunto; queijo; mate; frutas;			

CONCEITO	No. da Carta	Designações em Língua Portuguesa	Designações em Língua Espanhola	Designações em Língua Guarani	Formações Híbridas/Origem Obscura
		chocolate (leite com misturas);			
Comidas do almoço	171	carreteiro; feijão; saladas; galinha com arroz; carne; bife; macarronada; mandioca; milho verde; batata doce; ensopado de batatinha	puchero ⁹⁴		
Comidas da noite	172	sopa de macarrão; sobras do almoço; macarrão; feijão; carne; frutas; arroz; picadinho; carreteiro; bife; mandioca; lanche (bauru); leite; sopa; carne; chipa ⁹⁵ frita	pucherada ⁹⁶		
Comidas de festa	173	carne assada; mandioca; maionese; salada; comida de panela; arroz com galinha; buchada/dobradinha; churrasco; caldo; arroz; bolo; sopa paraguaia; comida típica			
Raiz longa de casca marrom.	174	mandioca		mandiô	
Comida feita com carne e mandioca picadinhas e muito caldo.	175	guisado; guisado de mandioca		mandiô isala/itala	mandiô guisau (G/E); guisau de mandiô (E/P/G); mandiô guisado (G/P); guiso de mandioca (E/P)
Comida feita de milho verde ralado, cozida na própria palha.	176	pamonha			
Comida feita com carne seca, cortada em pedacinhos no arroz	177	arroz carreiro/carreteiro	Riso; guiso		guiso de arroz (E/P)

⁹⁴ Termo de origem espanhola que designa “cozido, comida típica espanhola à base de grão-de-bico” (BALLESTERO-ALVAREZ, M. E.; BALBÁS, M. S., s/d, p. 307). Vale esclarecer que na culinária da fronteira o referente da lexia *puchero*, sofre acréscimo de ingredientes comumente usados nas comidas da região como legumes, raízes e grãos. Ver: Reis, R. C. P., 2001/2002, p. 40.

⁹⁵ De acordo com HOUAISS (2001) de origem. Designação dicionarizada também em língua guarani (GUASCH, S. J.; ORTIZ, S. J., 1991, p. 537 / TIBIRIÇÁ, 1989, p. 46).

⁹⁶ Variante de puchero.

CONCEITO	No. da Carta	Designações em Língua Portuguesa	Designações em Língua Espanhola	Designações em Língua Guarani	Formações Híbridas/Origem Obscura
	178	sopa paraguaia			
Comida com bastante tempero, verduras, legumes, ossos e bastante caldo.	179	(sopa de) caldo	pucheiro; pucherada		
O pucheiro com o acréscimo de bolinhos feitos de milho branco.	180				bori-bori ⁹⁷ (I); bovi-bovi (I) - vori-vori (I) ⁹⁸
Parece com o pucheiro, mas sofre o acréscimo de milho branco socado.	181	canjica/caldo com canjica	locro		
Bolinho assado, feito com polvilho, queijo ralado e gordura.	182				chipa (I); chipa paraguaia (I/P)
Bolo feito com milho branco, queijo ralado e ovos, parece com a sopa paraguaia.	183	sopa paraguaia			chipaguasu (I/G)
Bolinho assado em forno a lenha, feito com sal, queijo e massa de mandioca.	184			karupê	caburé* (P); chipa (I); chipa coruja (I/P)
Bebida Alcoólica feita de Cana de açúcar.	185	aguardente; pinga; cachaça (de alambique)		kaña	
Local onde as pessoas costumam tomar um traguinho de pinga.	186	boteco; bar; bolicho/volicho ⁹⁹			Kiosko (I)
Bebida refrescante feita com erva-mate e água gelada.	187			tereré; ka'ai	
Bebida fita com erva-mate e água quente	188	Chimarrão; mate ¹⁰⁰		ka'ai/ika'ai; jahaijacaju; kaê; ka'aê	

⁹⁷ Lexia não dicionarizada. Ver: Reis, R. C. P., 2001/2002, p. 40-41.

⁹⁸ Bovi-bovi e vori-vori podem ser consideradas variantes da lexia bori-bori.

⁹⁹ - Derivada de *boliche*, é palavra de base espanhola já integrada ao léxico do português, *volicho* se configura como uma variante fonética, devido à influência do espanhol na língua falada no município de Ponta Porã - MS.

CONCEITO	No. da Carta	Designações em Língua Portuguesa	Designações em Língua Espanhola	Designações em Língua Guarani	Formações Híbridas/Origem Obscura
Bebida parecida com o mate, feita com leite quente e coco.	189	mate doce;		ka'áí heê; kareñe	
Comida que as pessoas levam pra comer durante a viagem.	190	matula; marmita	avio	boi jaiá	
Vasilha pequena de barro de três a quatro litros.	191	moringa ¹⁰¹ ; pote; cântaro; filtro	cantarilla (o)		
Hora, depois do almoço, em que as pessoas descansam.	192	sesta/ sestar; descanso		putur	ahataque (I)
Recipiente grande, de barro, usado para guardar água pra beber.	193	moringa; pote; cântaro; filtro	cantarilla (o)	kãbuchi	
Recipiente feito de poronga ou chifre de boi, usado pra tomar mate, tereré.	194	cuia*	guampa	kaigua	

¹⁰⁰ - Segundo Houaiss (2001), mate origina-se do “esp. *mate* (1570) 'cabaça vazia para vários usos domésticos, particularmente, para tomar erva-mate', (1740) 'infusão da erva-mate', der. do quích. *mati* 'cabacinha’”. Trata-se de mais uma palavra de base espanhola, mas totalmente incorporada ao léxico da língua portuguesa.

¹⁰¹ - Palavra de base africana (Quimbundo) que integra o léxico da língua portuguesa.

1.10. Designações relativas à alimentação e a utensílios

Devido à grande variedade de designações para *refeições*, optamos por desmembrar a Carta 167 em 3 Cartas: 167/a- Primeira refeição do dia; 167/b- Nome da segunda refeição do dia; 167/c- Nome da terceira refeição feita à noite. Seleccionamos para análise designações para refeições típicas da fronteira: Carta 175/*Caribéu*; Carta 178/*Sopa paraguaia*; Carta 179/*Puchero*; Carta 180/*Bori-bori*; Carta 181/*Locro*; Carta 182/*Chipa*; Carta 183/*Chipaguasu* e Carta 184/*Caburé*.

Entre as comidas da fronteira que são preparadas com caldo, a mais conhecida e que serve de base para o preparo de outras é denominada de *puchero*. Esse prato dá origem a vários outros, variando apenas quanto aos demais ingredientes acrescentados ao prato original entre os quais se encontram o *caribéu*, prato também designado na localidade como *guisado de mandioca*, em português, e *mandiô isala* em guarani; o *locro*, que designa um prato com os ingredientes do *puchero* com acréscimo da canjica ou milho *saborô* como é conhecido um tipo de milho branco no Paraguai. O mais interessante é como o falante da língua cria termos novos para denominar a realidade que o cerca de acordo com as suas necessidades.

Podemos perceber como as designações enumeradas refletem hábitos alimentícios adquiridos da cultura paraguaia. Lexias como *chipa*, *sopa paraguaia*, *puchero*, *bori-bori* tiveram ocorrência de quase 100% nas localidades pesquisadas.

Passemos ao Quadro XV.

QUADRO XV – DESIGNAÇÕES RELATIVAS À HABITAÇÃO – ALiPP

CONCEITO	No. da Carta	Designações em Língua Portuguesa	Designações em Língua Espanhola	Designações em Língua guarani	Formações Híbridas/Origem Obscura
Casa bem pobre, construída de pau-a-pique.	195	rancho (inho); casa de capim*		chetapui; ahatachetapui; ogakapii; kapei	tapui (inho) (G/P)
Rancho ou casa abandonada.	196	casa abandonada; rancho (abandonado)		taperê; ogake;taperêkê	
Construção nas fazendas, onde os peões moram ou guardam seus pertences.	197	alojamento; galpão/garpão; barracão	galpón;		playo/plajô (I)
Casa do fazendeiro, do patrão.	198	sede (da fazenda); casa grande/casa sede/casa do fazendeiro	habitación		patorola (I)

1.11. Designações relativas à habitação

Selecionamos para análise as Cartas 195 e 197. A Carta 195 abarca a designação *rancho* para o conceito “casa bem pobre construída de pau-a-pique”. Em português essa designação representou 40% das ocorrências, coocorrendo com a lexia *casa de capim*, palavra da língua portuguesa composta de base portuguesa e tupi cujos percentuais chegaram a 9% das ocorrências; e a lexia *casa de sapé** com 9% das ocorrências. Notamos, ainda, as lexias de origem guarani *ahatachetapui*, *ogakapii*, *kapei*, *tapui*, com 31,8% das ocorrências.

Para a carta 197, há variação lexical em dois idiomas, português e espanhol: *alojamento* (11%), *galpão/garpão* (55,5%), *barracão* (11%), *galpón* (16.6%). E o termo indefinido *plajó* (5,5%). Percebe-se maior ocorrência para o idioma da língua portuguesa, nessa carta.

QUADRO XVI – DESIGNAÇÕES RELATIVAS A TIPOS DE TRABALHO E A ATIVIDADES
AGROPASTORIS – ALiPP.

CONCEITO	Número da Carta	Designações em Língua Portuguesa	Designações em Língua Espanhola	Designações em Língua Guarani	Formações Híbridas/Origem Obscura
Pessoa que planta e colhe produtos agrícolas.	199	agricultor; lavoureiro/lavorista	chacrero	ambapoo; kokuepi	koopecero (G/E)
Utilidade do instrumento puxado por boi ou cavalo.	200	tombar terra; arar/arar a terra; lavrar a terra			
Para quebrar os torrões de terra e aplainar a terra o que é preciso fazer.	201	nivelar; tombar a terra; arar; esplanar; quebrar torrão; gradear; lavrar; aplainar;			
Quando se prepara a terra, derrubando o mato baixo.	202	desmatar (ndo); roçar; derrubado; limpar		kopi; kapii	
Lugar onde se planta milho, arroz e soja.	203	roça; lavoura		kokuê; kukuê; kopê	
Quando se vai limpar o matinho com a enxada vai se faz o quê?	204	carpir ; limpar com enxada; capiná		(a) kaapi	
Fios que ficam na ponta da espiga de milho.	205	cabelo de milho; flor do milho; cabelo da espiga		Avatirague/atirague	cabello de milho (E/P)
Montes de milho colhido que o roceiro forma na própria lavoura.	206	monte de milho/montura de milho; bandeira de milho		avati atero; apira	
Lugar onde ficam os grãos de	207	vagem/bagem		Ipi; ipiro; koope	

CONCEITO	Número da Carta	Designações em Língua Portuguesa	Designações em Língua Espanhola	Designações em Língua Guarani	Formações Híbridas/Origem Obscura
feijão antes de colher do pé.					
Depósito onde se guarda a colheita.	208	galpão/garpão; depósito; tulha/tuia; silo ¹⁰²	galpón; baracón		
Armação bem , com uma roda de hélice na ponta, tocada pelo vento, que serve pra tirar água de poço.	209	cata-vento; moinho de vento/munho	molina de viento; molino		molina de vento (E/P)
Pessoa que cuida da fazenda quando o dono não está.	210	Capataz ¹⁰³ / capatá;; gerente	modiordono		
Pessoa que aluga a terra pra criar ou plantar.	211	arrendatário/arrendador		oikovi	
Pessoa que compra e vende gado.	212	comprador de gado; vendedor de gado; boiadeiro		Odioguarra	
Pessoa que é paga pra realizar o trabalho de campo nas fazendas.	213	peão/peão campeiro/campeiro; empregado	peón; empleado; casero		
Pessoa que é paga pra realizar o trabalho em volta de uma propriedade rural.	214	praieiro; empregado	casero; plajedo		
Pessoa que não tem trabalho fixo, realiza trabalho por dia.	215	diarista	mensualero		por diacero (P/E); comodim (I)
Quando se reúne o gado para vaciná-lo, separá-lo.	216	apartar/aparte; fazer rodeio; rodeio ¹⁰⁴	rodeo ¹⁰⁵		aparar rodeo (P/E)

¹⁰² - Palavra de base espanhola totalmente assimilada pelo léxico do português brasileiro.

¹⁰³ - Palavra do espanhol já incorporada à língua portuguesa.

¹⁰⁴ - As lexias *rodeo* e *rodeio* se encontram dicionarizadas, a primeira, em língua espanhola, na acepção de “festa do gado” (BALLESTERO-ALVAREZ, M. E.; BALBÁS, M. S., S/D, p. 327) e a segunda em língua portuguesa como “ato ou efeito de reunir o gado para marcar, curar, ferrar, etc; competição entre aqueles que realizam essa prática” (Houaiss, 2001). O critério de distinção entre as duas línguas foi a pronúncia do falante.

¹⁰⁵ - Idem a explicação da nota 102.

CONCEITO	Número da Carta	Designações em Língua Portuguesa	Designações em Língua Espanhola	Designações em Língua Guarani	Formações Híbridas/Origem Obscura
Quando se vai matar a rês gorda para o consumo da fazenda.	217	carneat/carneada		ajukatavaka; juka; akajuka	

1.12. Designações relativas a tipos de trabalho e a atividades agropastoris.

Relacionado à área semântica *atividades agropastoris* analisamos as Cartas 199, 203 e 204. A Carta 199, por exemplo, registra para o conceito “pessoa que planta e colhe produtos agrícolas” a lexia *agricultor* (66,6%), *lavoureiro/lavourista* (11%), todas da língua portuguesa; em relação à língua guarani obtivemos as variantes *ambapoo*, *kokuepi*, *kopecero*, que totalizam 16,6% das ocorrências. Do espanhol veio a lexia *chacrero*, com 5,5% de ocorrência.

Já na Carta 203, conceito “lugar onde se planta milho, arroz e soja”, colhemos as lexias em língua portuguesa *lavoura*, *roça* e *capiná* com um percentual de 73% das ocorrências, seguidas do guarani *kokuê*, *kukuê* e *kopê* com 26.9%. A Carta 204, conceito “quando se vai limpar o matinho com a enxada vai se faz o quê”, por sua vez, registra *carpir*, *capiná* e *limpar* de origem portuguesa, com 74.07% de ocorrências, e, (a) *kaapi*, de origem guarani, com 25.92%. O registro da variante do guarani denota também nesse contexto os contatos de línguas nessa faixa de fronteira.

Na seqüência focalizaremos dados do Quadro XVI.

QUADRO XVII – DESIGNAÇÕES RELATIVAS A BRINQUEDOS E A DIVERSÕES – ALIPP

CONCEITO	No. da Carta	Designações em Língua Portuguesa	Designações em Língua Espanhola	Designações em Língua Guarani	Formações Híbridas/Origem Obscura
Coisinhas redondas de vidro com que as crianças gostam de brincar.	218	bolita/valita ¹⁰⁶ ; bolinha de gude			
Buraquinho no chão que as crianças fazem pra jogar a bolita	219	buraco (inho)	rojo; ojo		
Esconde-esconde	220	esconde-esconde		diahai ñiakami; iñkami; tukae kaña; ova kaña; akani	
Brinquedo feito de papel amarrado numa linha bem cumprida.	221	papagaio; pipa; pandorga ¹⁰⁷ /pandora ¹⁰⁸			varrilete (I)
Brincadeira que as crianças fazem riscando uns quadrados no chão para pular com uma perna só.	222	amarelinha			
Brinquedo que é feito de couro, com penas espetadas, que se joga com a palma da mão.	223	peteca			chiquichuela (I)
Tábua pendurada por meio de cordas, que se move para a frente e para trás.	224	balango/balanguê; balanço			nematine (G/E); kaha (I); amaka (I); diahadiabalancea (G/E)
Tábua que é colocada sobre alguma coisa. Cada criança se senta numa ponta e ficam se balançando.	225	balança; balanga (o); gangorra		tachipoco; tachi guata; pahi guata	galopão (I)
Brincadeira que uma turma de crianças fica de um lado e outra fica de outro e tentam acertar umas às outras com uma bola.	226	Queimada; pelota ¹⁰⁹		jehapu	

¹⁰⁶ - Variante de bolita.

¹⁰⁷ - Palavra de origem espanhola já incorporada ao vocabulário da língua portuguesa do Brasil.

¹⁰⁸ - Variante de pandorga.

CONCEITO	No. da Carta	Designações em Língua Portuguesa	Designações em Língua Espanhola	Designações em Língua Guarani	Formações Híbridas/Origem Obscura
Brincadeira em que uma criança, com um pequeno objeto entre as mãos, passa de criança a criança, deixando o objeto com uma delas.	227	passa-anel; brincadeira de anel/de aliança; jogo de anel/jogo de brinco		kaere kañu; poñu kañu; kañu	anillo escondido (E/P)
Armadilha para pegar passarinho.	228	arapuca* ¹¹⁰ /aripuca/arepuca;	trampa	diuha; ñurã	mondega ¹¹¹ (I)
Quando se colocam dois galos para brigarem.	229	rinha-de-galo/rinha; galo rinheiro	gallo rinero		pelea del galo (E/P); gallo ñoraiñon (E/G); gallo iñoraño (E/G);
Divertimento em que as pessoas colocam dois cavalos para correr numa pista reta e fazem apostas.	230	corrida de cavalo; carreira	carrera de cavallo; carrera; cancha		kaju carrera (G/E)
Objeto feito com uma forquilha de pau e duas tiras de borracha amarradas nas pontas.	231	estilingue; funda	hundita		fundita (P/E)
Música e dança que é ritmada que se dança aos pares.	232	polca paraguaia			Cathaca (I)

¹⁰⁹ - Do espanhol, mas já assimilada pelo sistema lexical do português.

¹¹⁰ - Palavra de base tupi que já integra o léxico da língua portuguesa.

¹¹¹ Origem duvidosa. Encontra-se dicionarizado *mondego* como lexia relacionada ao topônimo Mondego (Portugal) (HOUAISS, 2001).

1.13. Designações relativas a brinquedos e a diversões

No subcampo *brinquedos e diversões*, analisamos as Cartas 220, 221, 223 e 226. Na Carta 220, *esconde-esconde* (português) obteve 58,8% das designações obtidas, seguida das lexias *dihai ñiakami; iñkami; tukae kaña; ova kaña* (guarani), que contabilizaram um percentual de 29,4% das ocorrências. Já a Carta 221, relativa ao brinquedo normalmente denominado de *pandorga*, registrou as seguintes variantes: *papagaio* (15%), *pipa* (50%), *pandorga* (65%) e *pandora* (15,3%). Como ocorrência de origem obscura temos *varrilete* (5%). A Carta 223, por sua vez, registrou *peteca*, palavra do tupi já incorporada à língua portuguesa, em 75% das localidades. Como designação de origem obscura foi registrada a lexia *chiquichuela* (12,5%).

Já a Carta 226 documentou *queimada* com 75% das ocorrências, de base portuguesa; *pelota*, de origem espanhola com 12,5% de registro e *jehapu*, do guarani com 12,5% das ocorrências.

Como já foi assinalado, o objetivo deste capítulo foi apresentar em forma de quadros uma síntese das designações documentadas no ALiPP e analisar alguns aspectos pontuais relativos aos dados documentados, já que uma análise exaustiva, embora pertinente, fugiria aos propósitos estabelecidos para esta pesquisa. Na seqüência, pontuamos algumas tendências observadas quanto à variação diatópica.

2. Variação Diatópica

Pela análise dos dados cartografados, podemos observar que algumas variantes configuram-se como diatópicas, ou seja, aparecem em apenas algumas das localidades rurais dentro do município. Citamos, quanto ao fator diatópico, as Cartas 2, 3 e 4.

Para a Carta 2, conceito *morro*, encontramos a variante *montanha* (5,5% das ocorrências), nos pontos 3 e 4, localizados do centro para o sul do município. Considerando que a região pesquisada não é montanhosa, a presença dessa designação pode ser justificada por razões históricas, pode ter sido por meio dos gaúchos que marcaram a colonização da região, desde o século XIX. Em sua maioria, fugitivos da Revolução Federalista, adentraram o então estado de Mato Grosso justamente pela região aqui investigada. Levando-se em conta que a nomeação apareceu na região mais central do município, infere-se que o termo tenha ficado no caminho que liga o Mato Grosso do Sul ao Paraguai por influência dos primeiros colonizadores da região que atravessam essa região vindo das atuais terras paraguaias.

Na Carta 3, temos as formas do espanhol/guarani *cerroque* (Ponto 2) e *karape* (Ponto 3), do guarani, além da forma do espanhol *bajada* (Pontos 1, 5 e 6), variantes lingüísticas que nomeiam o conceito “baixada”. Como essas formas não apareceram nos demais pontos de inquéritos podemos considerá-los como exemplos de variação diatópica.

Na Carta 9, aparecem as variantes *tarramar* (Pontos 1 e 8) e *arroyo* (Pontos 3 e 8). As duas nomeiam o conceito “açude”, a primeira, de origem obscura, a segunda do espanhol, representam marcas locais de uso, sendo consideradas aqui como exemplos de variantes diatópicas.

Para o conceito comumente designado de *cogumelo*, temos, na Carta 33, o registro da variante *hongo* mencionada nos Pontos 1 e 8, designação de origem espanhola, que só apareceu nos pontos mencionados. Já a Carta 43 apresenta particular variação diatópica. Para o conceito “cavalo bem novinho”, foram documentadas as variações *filhote do cavalo* em três pontos próximos (3, 4 e 5), surgindo nos pontos restantes (1, 6, 7 e 8) *cavalinho/cavalinho novo/potrilho novo*. Já a variante *filhote do cavalo* foi considerada um exemplo de variação na dimensão diassexual, pois foi mencionada apenas por informantes do sexo feminino.

Vinculada ao campo semântico *corpo humano*, temos na Carta 84 um exemplo de variação diatópica, pois, para o conceito “pessoa sem dentes”, foram mapeadas as variantes *banguela*, nos Pontos 1, 4 e 5, informantes masculino e feminino; as variantes do guarani *taibitê*, *haiã* e *haña* que apareceram, respectivamente, nos Pontos 5, 6, 7 e 8, e, por fim, a variante *desdentada* que foi mencionada nos Pontos 2, 4, 6 e 8.

Na Carta 99, campo semântico *doenças mais comuns*, encontramos também exemplos de variação diatópica. A variante *tiróide* apareceu nos Pontos 2, 4, 5 e 8 e *Zoroite/Zoroito* foram mencionadas apenas no Ponto 3.

Esses exemplos apresentados dão mostras da grande diversidade lingüística documentada pelo ALiPP. Em termos de uso da língua, ficou evidente a manifestação da criatividade do falante refletida no léxico, o que demonstra que o falante, na sua coletividade, interfere no vocabulário da língua, valendo-se de inovações e de criações lexicais que dão particular fisionomia à fala do grupo a que pertence. Existem, portanto, formas lingüísticas que concorrem no meio social dos falantes, denotando na língua influências da cultura de uma comunidade, especialmente aquelas situadas em regiões de fronteira, onde os contatos interculturais e lingüísticos são mais intensos.

No município de Ponta Porã, esses contatos lingüísticos se manifestam nos hábitos e na cultura da região de forma a caracterizá-la, de maneira distinta, das demais localidades do Estado que não estão em situação de fronteira com países latinos.

É sabido que a situação de bilingüismo imprime na fala de uma região graus distintos de complexidade, gerando expressões híbridas, criações lexicais, sotaque marcado por influências de línguas vizinhas, sem contar a diversidade de situações que precisam ser levadas em conta, especialmente no sistema educacional das zonas de fronteira.

A seguir apresentamos, ainda no Volume I, as conclusões finais deste trabalho, as referências bibliográficas e a sessão de anexos. O Volume II contém o produto final desta pesquisa: o Atlas Lingüístico do município de Ponta Porã-MS.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fato inegável que a pesquisa dialetológica propicia ao pesquisador o contato in loco com as diferenças culturais e sociais latentes nos espaços investigados, além de pô-lo em contato com as várias faces assumidas pela língua nas particularidades regionais de cada comunidade.

A pesquisa de campo nos coloca frente a realidades lingüísticas e sociais que nos fazem refletir sobre o homem e respeitá-lo como ser cultural nas suas diferenças. Concordamos, pois, com Suzana Cardoso¹¹² quanto à convicção de que *...sem humildade não se faz cientista*, uma vez que sem esse tipo de atitude não se consegue obter do falante da língua dados relevantes para uma pesquisa de cunho científico e dialetológico; é preciso aprender a ouvir (além das palavras) pessoas singelas no seu falar, às vezes distanciado da norma considerada padrão. Entretanto, o falante detém um conhecimento profundo da sua cultura, e no caso dos sujeitos desta pesquisa, das diversas línguas que mesclam a zona da fronteira, em cujo cenário é figurante principal.

Esses personagens do fazer dialetológico transmitem ao pesquisador sua cultura, revelada pelos atos de fala riquíssimos do ponto de vista lingüístico e humano. Criaturas que nos revelam *toda uma humanidade* escondida por trás de rostos sofridos que falam e encantam, das lágrimas que alguns deles derramam durante as narrativas contadas. Nesta pesquisa em particular, levantamos variações referentes à realidade do mundo multicultural de vários núcleos urbanos situados no município de Ponta Porã. Procuramos registrar fatos de língua que refletissem o multilingüismo presente na fala dos pontaporanenses e a visão de mundo dos habitantes das comunidades investigadas.

É impossível negar a influência da cultura paraguaia na fala dos habitantes da fronteira do Brasil com o Paraguai. A situação de fronteira seca favorece e aumenta contatos lingüísticos e culturais entre os moradores dos dois países.

¹¹² Professora da Universidade Federal da Bahia, presidente do Comitê Nacional do Projeto ALiB. A fala citada foi proferida por ocasião do *IV Workshop do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*, realizado na Universidade Federal da Bahia, nos dias 22, 23 e 24 de abril de 2004, em Salvador (BA).

Prova disso são as falas de alguns dos informantes quando nomearam referentes com variantes lingüísticas advindas do espanhol e do guarani. Os céus dos bairros rurais de Ponta Porã são pontilhados de estrelas, de lucero¹¹³; a lua cheia é diferente da nossa, pois tem em torno dela anillo ou rueda de hesa'yju¹¹⁴. Também os campos de lá são mais alegres, pois o alonsito¹¹⁵ canta enquanto faz a sua casinha nos galhos fortes das árvores. Já o cavalito ou kavaju ra'y¹¹⁶ corre livre pelos pastos verdes de fazendas como a Santa Virgínia para, depois, cansado e sedento saciar a sede nas águas límpidas do arroyo¹¹⁷. Nessas terras fronteiriças, a moã ou lucierna¹¹⁸ voa de noite para iluminar os caminhos dos viajantes.

É perceptível nesses poucos exemplos, a origem paraguaia dos falantes que nos prestaram informações. Nesse contexto, multifacetado de idas e vindas culturais, documentamos uma amostra da diversidade lingüística que singulariza o falar típico sobretudo rural da fronteira do Brasil com o Paraguai, pelo veio lexical. Talvez pudéssemos ter percorrido mais trilhas nessa fronteira, mas as opções feitas nos conduziram para o aqui apresentado, o que nos permitiu registrar o recorte de fatos lingüísticos mapeados no ALiPP, apresentado no Volume II, deste trabalho.

Ao visitar as fazendas e distritos do município, verificamos, por meio do contato direto com o povo, o que autores, como Rona (1958) e Thun (2000), falam sobre as constantes variações que atingem os vários níveis da língua, especialmente em se tratando de fronteiras onde as trocas culturais e lingüísticas são intensas.

Na cartografia dos dados, percebemos as variações e inovações registradas em termos como tarramar, hongo e rueda que atestam a dinamicidade da língua e ratificam a tese de Tarallo (1986) de que ocorrem lutas constantes entre as variantes que formam o tecido lingüístico de uma comunidade, lutas que garantem a sobrevivência de algumas formas e causam o desaparecimento de outras.

Pudemos perceber e registrar um recorte da variação lingüística que, por sua vez, evidencia a presença do fenômeno do plurilingüismo manifesto numa comunidade de fala, por meio de entrevistas com falantes mais idosos, faixa etária mais propensa à manutenção de hábitos culturais e lingüísticos. Há de se considerar ainda que as comunidades rurais tendem a ser mais conservadoras e, por isso, vão passando de geração a geração não só seus costumes como também sua(s) língua(s). As cartas lingüísticas elaboradas fornecem uma visão da

¹¹³ - Estrela cadente.

¹¹⁴ - Círculo na lua.

¹¹⁵ - João-de-barro.

¹¹⁶ - Potrilho.

¹¹⁷ - Açude.

¹¹⁸ - Vaga-lume.

distribuição diatópica, diasssexual e diageracional de fatos lingüísticos documentados. Nesse particular, fazemos nossas as palavras de Alvar (apud CARLOTA; FERREIRA, 1994, p.20), no que se refere aos frutos obtidos com a confecção de um atlas: *o grande interesse do atlas está na grande massa de materiais que oferece agrupados; mais, ainda, penso, que sobretudo nas múltiplas surpresas que oferece [...]*. *As descobertas feitas por um atlas são como brechas na muralha: através das fendas, será possível penetrar no ignorado. E será necessário voltar sobre a brecha para ampliá-la e encontrar o fruto perseguido.*

O estudo da oralidade traz realmente surpresas que só são obtidas no exame das “brechas”, quando o olhar do pesquisador é voltado para “dentro” de uma comunidade lingüística. Ao iniciar esta investigação, tínhamos a expectativa de encontrar maior influência do espanhol na fala dos habitantes da localidade, pois o guarani ainda é considerado uma língua de baixo *status* social no Paraguai. A surpresa foi grande. Os dados cartografados denotaram maior influência do guarani na fala documentada, fato que demonstra que a língua nativa ainda exerce maior influência na modalidade oral da língua falada na região do que a língua transplantada pelo colonizador. Apesar dos preconceitos ainda existentes com relação a essa língua, ela é ensinada na família e utilizada como forma de comunicação entre pais e filhos. Não podemos desconsiderar que nessa faixa de fronteira, o guarani, o espanhol e o português apresentam características distintas, em decorrência do grau de convívio existente entre elas. Particularmente na modalidade oral essas mudanças em processo são mais evidenciadas. O Atlas Lingüístico produto desta pesquisa documentou essa mudança em curso e oferece aos estudiosos interessados no assunto um rico material para futuras pesquisas.

Desta forma, o ALiPP, além de fornecer o registro da fala popular, mapeou formas lingüísticas que denunciam influências das línguas em contato nessa fronteira brasileira, evidenciando, entre os traços lingüísticos documentados, marcas de um espanhol e de um guarani arcaicos, mesclados ao português falado nessa localidade. As cartas léxicas que integram o ALiPP dão mostras de possíveis influências culturais que denotam o multilingüismo característico da faixa de fronteira em pauta.

O certo é que existem muitos caminhos para chegar ao fato lingüístico; escolhemos apenas uma trilha, pois no momento não seria possível o palmilhar de percursos muito longos. Esperamos, no entanto, que este trabalho venha contribuir de alguma forma com trabalhos posteriores, incentivando outros tantos pesquisadores a investigarem e registrarem realidades regionais do Mato Grosso do Sul e do Brasil. As “fotos” lingüísticas expostas no ALiPP revelam aspectos da diversidade que forma o tecido lingüístico do habitante de Ponta Porã, uma comunidade de fronteira, que tem impressa na fala o sentimento de apreço pela sua terra.

Nesse particular, acreditamos que o atlas produzido tenha contribuído para um conhecimento mais amplo dessa realidade lingüística, particularmente a dos espaços que integram o território do município de Ponta Porã, comprovando, assim, influências da cultura paraguaia na fala do homem da Princesinha dos Ervais. Os resultados desta pesquisa apontam ainda para a necessidade de outros estudos sobre a realidade lingüística dessa fronteira brasileira, como por exemplo, um atlas que contemple também outros níveis da língua, de preferência incluindo na rede de pontos localidades do Paraguai situadas ao longo da linha de fronteira. Chegamos até a pensar na ampliação da rede de pontos do AliPP e realizar a pesquisa também no lado paraguaio, mas o prazo regulamentar para a conclusão da dissertação persuadiu-nos a abdicar, por ora, desse caminho metodológico.

Ao finalizar este trabalho, reportamo-nos ao texto de Drummond apresentado como epígrafe na Introdução deste trabalho: *Chega mais perto e contempla as palavras, cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra... Trouxeste a chave?* Ao vivenciar cada etapa do processo de elaboração do Atlas Lingüístico apresentado no Volume II desta Dissertação, *chegamos mais perto* de muitas palavras, descobrimos algumas de suas *faces*. Todavia, muitas *faces* ficaram encobertas à espera de novos estudos. O trabalho mostrou algumas *chaves* para a elucidação dos meandros que envolvem o estudo de uma norma lexical regional. As demais *chaves* continuam a desafiar novos pesquisadores, novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. de A. (Org.). *Atlas Lingüístico do Paraná*. Londrina: Ed. UEL, 1996.
- _____. *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Editora da UEL, 1998.
- _____. As conquistas do Atlas Lingüístico do Brasil: um balanço do início do século XXI. In: *Atas do II Encontro Nacional do Grupo de estudos de linguagem do Centro-Oeste: integração lingüística, étnica e social* / Denize Elena Garcia da Silva (Org.) _ Brasília: Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, v. 3, 2003, p. 885-891.
- _____. V. de A.; MILANI, G. A. L.; MOTA, J. A. *Projeto Atlas Lingüístico do Brasil – ALIB- Documentos I*. Salvador: ILUFBA – EDUFBA, 2004.
- _____. (Org.) *A Geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005.
- ALTINO, F. C. Os percursos do ALiB- Rumo a uma proposta realista dos questionários. In: *Atas do II Encontro Nacional do Grupo de estudos de linguagem do Centro-Oeste: integração lingüística, étnica e social* / Denize Elena Garcia da Silva (Org.) _ Brasília: Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, v. 3, 2003, p. 511-517.
- _____. *Pelos Caminhos da Geolingüística Paranaense: um estudo da fala popular de Adrianópolis*. Londrina: UEL, 2001.
- _____. *Atlas de Adrianópolis*. ((CD-R)) Londrina: UEL, 2004.
- AMARAL, A. *O Dialeto Caipira*. São Paulo: Ed. Anhambi, 1955.
- ARAGÃO, M. do S. Atlas Lingüístico da Paraíba. In: AGUILERA, V. de A. (Org.). *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Editora da UEL, 1998, p. 55-77.
- _____. Avaliação dos procedimentos metodológicos nas entrevistas definitivas: os questionários. In: AGUILERA, V. de A.; V. de A.; MILANI, G. A. L.; MOTA, J. A. *Projeto Atlas Lingüístico do Brasil – ALIB- Documentos I*. Salvador: ILUFBA – EDUFBA, 2004, p. 63-69.
- ASSIS, C. F. de. *ÑE'ËRYRU AVAÑ'Ë* (Palavras dos Guarani). São Paulo: Edição Própria, 2000.

- BALDINGER, K. Lengua y Cultura: su Relación en la Lingüística Histórica. In: *Revista Española. Órgano de la Sociedad Española de Lingüística*. Año 15. Fasc. 2, Julio-Diciembre. Madrid: Editorial Gredos S. A., 1985, p.247-276.
- BALLESTERO-ALVAREZ, M. E.; BALBÁS, M.S. *Diccionario Espanhol-Português/Português-Espanhol*. São Pulo: Editora FTD, s/d.
- BATISTA CORRÊA, V. B. *Fronteira Oeste*. 2^a ed. Campo Grande: Editora. UNIDERP, 2005.
- _____. *História e Violência em Mato Grosso (1817-1840)*. Campo Grande, MS: Editora. UFMS, 2000.
- BESSA, J. R. F. *Questionário do Atlas lingüístico do estado Ceará*. Fortaleza: Imprensa da Universidade Federal do Ceará, 1982.
- BIANCHINI, O. da C. D. *A Companhia Mate Laranjeira e a ocupação da terra do Sul de Mato Grosso: (1980 - 1940)*. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2002.
- BIDERMAN, M. T. C. *Teoria Lingüística (Lingüística Quantitativa e Computacional)*. Rio de Janeiro: LTC (Livros Técnicos e Científicos), 1978.
- BRANDÃO, S. F. *A Geolingüística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.
- BOLÉO, M. P. O interesse científico na linguagem popular. In: *Estudos da Lingüística Portuguesa e Românica. Dialetoлогия e História da Língua*. Vol. I Tono I, Coimbra, Acta Universitates. Conimbrigensis, 1974, p.126-132.
- BONALUME NETO, R. Tríplice Desafio. In: *A Guerra do Paraguai*. REVISTA NOSSA HISTÓRIA. São Paulo: Editora Vera Cruz, ano 2, n^o 13, novembro de 2004.
- CABRAL, P. E. Formação Étnica e Demográfica. In: *Campo Grande: 100 anos de Construção*. Campo Grande-MS: Matriz Editora, 1999, p.27-62.
- CAMARA JR., J. M. Um século de estudos lingüísticos nos Estados Unidos da América (1860-1960). Os Primórdios. In: SAPIR, E. *A Linguagem. Introdução ao Estudo da Fala*. Trad. J.M. Câmara Jr. 2^a ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1983, p. 227-254.
- CARDOSO, S. A. M. Ensino de língua materna e pesquisa sociolingüística: encontros e desencontros. In: *Anais do Simpósio Nacional do GT de Sociolingüística da ANPOLL. Pesquisa e Ensino de Língua: Contribuições da Sociolingüística*. Rio de Janeiro: CNPq, 1996.
- _____. O rural versus o urbano. In: *ALFAL: Actas do IX Congresso Internacional da Associação de Lingüística e Filologia da América Latina*. V. IV Campinas/Institutos de Estudos da Linguagem da UNICAMP, 1998, p. 115-122.

_____. A Geolingüística no Brasil: meio século de contribuição à ciência da linguagem e ao ensino da língua materna. In: ABRALIN: *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*. V. 23 Florianópolis, 1999, p. 1-123.

_____. Atlas Lingüístico do Brasil: um projeto nacional para conhecimento do português brasileiro. In: GÄRTNER, E., HUNDT, C. e SCHÖNBERGER, A. (eds.) *Estudos de Geolingüística do português americano*. Frankfurt am Main: TFM, 2000, p. 33-53.

_____. *Atlas Lingüístico de Sergipe*. – II.Vol. I e II. Salvador: EDUFBA, 2005.

CAMPESTRINI, H. e GUIMARAES, A. V. *História de Mato Grosso do Sul*. 4ª ed. Campo Grande – MS: Gráfica e Papelaria Brasília Ltda., 1995.

CAMACHO, R. G. A Variação Lingüística. In: VOGT, C. A. et al. *Subsídios à Proposta Curricular de Língua Portuguesa para o 1º. e 2º. graus*. Coletâneas de textos V.I. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1988, p. 29-41.

CASSIRER, E. *Linguagem e Mito*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

CARUSO, P. *Atlas Lingüístico do estado de São Paulo: questionário*. Assis: Instituto de Letras, História e Psicologia/UNESP, 1983.

_____. Metodologia da pesquisa dialetológica. In: AGUILERA, V. de A. (Org.). *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Editora da UEL, 1998, p. 189-195.

_____. Metodologia da pesquisa dialetológica. In: AGUILERA, V. de A. (Org.). *A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Editora da UEL, 2005, p. 371-380.

CHAMBERS, J. K. ; TRUDGILL, P. *La Dialectologia*. Madrid: Visor Libros SL, 1994.

CHEVALIER, J-C. *Lingüística y Antropología*. In: *Revista de Dialectología Y Tradiciones Populares*. Torno XLVI. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Instituto de Filología, 1991, p. 23-38.

CINTRA, L. F. L. *Estudos de Dialectologia portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1983.

COLMÁN, M. V. *Primer Diccionario Practico Trilingue: portugues, espanhol y guarani*. 3ª ed. Asunción- Paraguai: Centro Editorial Paraguayo S. R.L., 1994.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO AliB (2001) *Atlas Lingüístico do Brasil: Questionários 2001*. Londrina: EDUEL.

- CORRÊA, A. N. S. A criação do estado de Mato Grosso do Sul. In: *Campo Grande: 100 anos de Construção*. Campo Grande-MS: Matriz Editora, 1999.
- COSERIU, E. *Lições de Lingüística Geral*. Trad. Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980, p. 1-44.
- _____. *O homem e sua Linguagem*. (Coleção Linguagem) 2^a ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987.
- CULLER, J. *As idéias de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 1979.
- CURY, A. *O Mestre da Vida. (Análise da Inteligência de Cristo)*. São Paulo: Academia de Inteligência, 2001, p. 182.
- CARVALHO, M. de L et al. *Minidicionário Saraiva: Português-Espanhol/Espanhol-Português*. São Paulo: Saraiva, 2000.
- TRADICIONES POPULARES. Torno XLVI. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Instituto de Filología, 1991.
- DICIONÁRIO KAPELUZ DE LA LENGUA ESPAÑOLA, Buenos Aires: Editorial Capeluz, 1979.
- DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1993.
- ELIA, S. *Sociolingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora Ltda., 1987.
- ELIZAINCIN, A. e THUN, H. El Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay: un proyecto Bilateral en Marcha. In: *Revista Diálogo Científico*. Tübingen, v.I, n° 1, 1992, p. 127-132.
- EZQUERRA, M. A. Dialectología y Lexicografía. In: ALVAR, M. (dir.) *Manual de Dialectología hispánica: el español de España*. Barcelona: Ariel, 1996, p. 49-54.
- FERNÁNDEZ, F. M. *Principios de Sociolingüística y Sociología del lenguaje*. Barcelona: Editorial, S. A., 1998.
- FRAGA, R. Uma guerra e muitas versões. In: *A Guerra do Paraguai*. REVISTA NOSSA HISTÓRIA. São Paulo: Editora Vera Cruz, ano 2, n° 13, novembro de 2004.
- FERREIRA, C., CARDOSO, S. A. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- FERREIRA, M. B. et al. Variação Lingüística: perspectiva dialetológica. In: FARIA, I. H.; PEDRO, E. R.; DUARTE, I.; GOUVEIA, C. A. M. (Orgs) *Introdução à Lingüística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, SA, 1996, p. 479-502.
- FERREIRA, C. Atlas Prévios dos Falares Baianos: alguns aspectos metodológicos. In: AGUILERA, V. de A. (Org.). *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Editora da UEL, 1998.

- FRUBEL, A. C. M. Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul: os caminhos percorridos e os primeiros resultados. In: *Atas do II Encontro Nacional do Grupo de estudos de linguagem do Centro-Oeste: integração lingüística, étnica e social* / Denize Elena Garcia da Silva (Org.) _ Brasília: Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, v. 3, 2003, p. 407-412.
- GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERGER, A. (Eds.) *Estudos de Geolingüística do português Americano*. Frankfurt am Main: TFM, 2000.
- GOIRIS, F. A. J. *Descubriendo la frontera: historia, sociedad y política en Pedro Juan Caballero*. Ponta Grossa- PR: Editora INPAG, 1999.
- GONÇALVES, J. B., NASCIMENTO, M. F. B. do. Variação Lexical no tempo e no espaço: três momentos de um inquérito de disponibilidade. In: Associação Portuguesa de Lingüística. *Variação lingüística no espaço, no tempo e na sociedade*. Miranda Douro: Colibri, 1994, p.119-145.
- GUASCH, A.S. J.; ORTIZ, S. J. *Diccionario Castellano-guarani/guarani-castellano: sintactico, fraseologico, ideologico*. 10º ed. Asunción: Grafia Actualizada, 1991.
- GUIMARÃES, A.V. *Mato Grosso do Sul. História dos Municípios*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 1992.
- _____. *Mato Grosso do Sul, sua evolução histórica*. Campo Grande: UCDB, 1999.
- HEAD, B. F. O dialeto brasileiro segundo Leite de Vasconcelos. In: Associação Portuguesa de Lingüística. *Variação lingüística no espaço, no tempo e na sociedade*. Miranda Douro: Colibri, 1994, p. 295-315.
- HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.
- IMAGUIRE, L. M. C. Métodos e procedimentos utilizados no estudo geolingüístico de alguns municípios do litoral sul paulista: abordagem de aspectos semântico-lexicais. In: AGUILERA, V. de A. (Org.). *A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Editora da UEL, 2005, p. 431-462.
- ISQUERDO, A. N. Vocabulário do Seringueiro: campo léxico da seringa. In: PIRES de OLIVEIRA; ISQUERDO, A. N. (orgs) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1998, p. 89-98.
- _____. De Nascentes ao ALiB: A propósito da definição da Rede de Pontos em Pesquisas Geolingüísticas no Brasil. In: *Atas do II Encontro Nacional do Grupo de estudos de linguagem do Centro-Oeste: integração lingüística, étnica e social* / Denize Elena

Garcia da Silva (Org.) - Brasília: Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, v. 3, 2004.

_____. Atlas regionais brasileiros (publicados e em curso). Trabalho Apresentado no V Congresso Internacional da ABRAIL, na UNB, fevereiro de 2005.

_____. Atlas Regionais em andamento no Brasil: perspectivas metodológicas. In: AGUILERA, V. de A. (Org.) *A Geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005.

LYONS, J. *Linguagem e Lingüística (Introdução)*. Rio de Janeiro: LIC Editora, 1987.

MARTINS, M. S. C. *Entre palavras e coisas*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

MALMBERG, B. *As Novas Tendências da Lingüística*. V. 5. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

MARROQUIM, M. *A língua do Nordeste*. Curitiba: H D Livros Editora, 1996.

MIAZZI, M. L. *Introdução à lingüística românica: histórico e métodos*. São Paulo: Cultrix, 1972.

MOLINER, M. *Diccionario de uso del español*. Madrid: Gredos, 2000.

MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MORELLO, R. A diversidade lingüística nos textos de gramáticas normativas brasileiras. In: ORLANDI, E. P. *História das Idéias Lingüísticas*. Cáceres-MT: Editora da UNEMAT/ Pontes, 2001, p. 39-57.

MOTA, M. A. C. da. Línguas em contato e variação. In: Associação Portuguesa de Lingüística. *Variação lingüística no espaço, no tempo e na sociedade*. Miranda Douro: Colibri, 1994, p.107-117.

_____. Línguas em contato. In: FARIA, I. H.; PEDRO, E. R.; DUARTE, I.; GOUVEIA, C. A. M. (orgs) *Introdução à Lingüística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, SA, 1996, p. 505-533.

MOTA, J. Atlas Lingüístico de Sergipe. In: AGUILERA, V. de A. (Org.). *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Editora da UEL, 1998, p. 79-99.

MOUTON, P. G. Dialectología y Cultura Popular. Estado de la cuestión. In: *Revista de Dialectología Y Tradiciones Populares*. Torno XLII. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Instituto de Filología, 1987, p. 49-74.

_____. Dialectología y Geografía Lingüística. In: ALVAR, M. (dir.) *Manual de Dialectología hispánica: el español de España*. Barcelona: Ariel, 1996, p. 63-77.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2^a. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

- _____. *Bases para Elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958, 1961.
- NETO, Silva da. *Guia para estudos Dialectológicos*. 2ª ed. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.
- NETTO, P. R. C. *Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Gráfica Zagaia Ltda., 2002.
- NOGUEIRA, A. X. Notícias de um atlas em andamento: Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul – ALMS. In: AGUILERA, V. de A. (Org.). *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Editora da UEL, 1998, p. 143-154.
- OLIVEIRA, D. P. de. O estudo dialetológico no Brasil: a volta ou a sedimentação de uma metodologia de trabalho? In: AGUILERA, V. de A. (Org.). *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Editora da UEL, 1998. p. 235-241.
- PISCIOTTA, H. Atlas Lingüístico do Brasil: perfil dos Informantes. In: *Estudos de Linguagem Inter-relações e Perspectivas / D. E. G. da Silva, Lara, G. M. P, Menegazzo, M. A. (orgs.)*. Campo Grande-MS: Ed.UFMS, 2003, p. 95-103.
- PRETI, D. A Sociolingüística e o fenômeno da diversidade na língua de um grupo social. Dialetos sociais e níveis de fala ou registros. In: PRETI, D. *A Sociolingüística*. Os níveis de fala. 4º ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, s/d, p. 1-38.
- Publicações do Atlas Lingüístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza. Questionário Lingüístico. Lisboa: Instituto de Lingüística, 1974.
- RAMOS, C. de M. de A. et al. O Atlas Lingüístico do Maranhão: os caminhos do português falado no Maranhão. In: AGUILERA, V. de A. (Org.). *A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Editora da UEL, 2005, p. 251-284.
- RASKY, A. (org.) *Estudos geo-sociolingüísticos no estado Pará*. Belém: Grafia, 2003.
- REAL ACADEMIA ESPANHOLA. *Dicionário de la lengua Española*. 21ª ed. Espana: UNIGRAF S.L., 1994.
- RECTOR, M.; YUNES, E.; LIMEIRA, E. e Melo, N. (orgs) *Questionário Básico de Trabalho de Campo Lingüístico. Revisão Crítica de Antenor Nascentes*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983.
- REI, F. F. Línguas fronteirizas: o galego da franxa occidental de Astúrias e de Castela-León. In: Associação Portuguesa de Lingüística. *Variação lingüística no espaço, no tempo e na sociedade*. Miranda Douro: Colibri, 1994, p. 227-246.
- REIS, R. C. P. *Vocabulário da Alimentação: um estudo léxico-semântico na linguagem falada no estado de Mato Grosso do Sul*. Dourados, MS: UFMS, 2001-2002. (Monografia)

_____. *Estudo diatópico e sócio-cultural de designações mágico-religiosas na fronteira do Brasil com o Paraguai*. Três Lagoas, MS: UFMS, 2004. (Monografia)

_____; ISQUERDO, A. N. *Vocabulário da Alimentação: um estudo léxico-semântico na linguagem falada no Pantanal da Nhecolândia – MS*. REVISTA CIENTÍFICA UFMS. Vol. 1, n.1 (1994) – Campo Grande, MS: A Universidade, 1999/2003, p. 16-24.

RICARDO, S. M. B. Problemas de comunicação interdialetoal. In: LEMLE, M. *Sociolingüística e Ensino do Vernáculo*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro Ltda., nº 78/79, 1984. p. 17-30.

RODRIGUES, C. V. Atlas prévio do Espírito Santo (APES): primeiras notícias. In: AGUILERA, V. de A. (Org.). *A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Editora da UEL, 2005, p. 319-332.

RONA, J. P. *Aspectos metodológicos de la Dialectología Hispanoamericana*. Montevideo: Publicaciones del Departamento de Lingüística, 1958, p. 5-37.

SAPIR, E. *Lingüística como ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

_____. *A Linguagem. Introdução ao Estudo da Fala*. Trad. J.M. Câmara Jr. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1983.

SAUSSURE, de F. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1991.

SCHAFF, A. *Linguagem e Conhecimento*. Coimbra: Almedina, 1974.

SECO, M.; ANDRÉS, O.; GABINO, R. *El Diccionario Abreviado del Español Actual*. Madrid: Grupo Santillana Ediciones. S. A., 2000.

SILVA NETO, S. da. *Guia para estudos Dialetológicos*. 2ª ed. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

TARALLO, F. *A pesquisa Sociolingüística*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1986.

THUN, H. *La Geographie Linguistique romane à la fin du XX siècle*. Bruxelas, 1998, p. 1-15.

_____. La pluridimensionalidad del Atlas Lingüístico Diatópico e Diastrático Del Uruguay (ADDU). In: *Congreso Del español de Américas*. Bruxelas: 1995, p. 1-35.

_____. O tratamento do material Etnográfico no Atlas Lingüístico Diatópico e Diastrático del Uruguay. Alemanha: Universidade de Kiel, 1998, p. 1-7.

TUAILLON, G. *Comportement de Recherche en Dialectologie Française*. Paris: Editions du CNRS, 1976.

VIEIRA, H. G. Um balanço crítico da Geolingüística no Brasil. In: GÄRTNER, E., HUNDT, C., CSÖNBERGER, A. (eds). *Estudos de Geolingüística do Português Americano*. Frankfurt am Main TFM, 2000, p.1-12.

_____. *Pesquisas Lingüística e Ensino: Geolingüística, Informatização e Ensino. O Sistema de Processamento de dados Geolingüísticos (SPDGL)*. Artigo apresentado no GELNE – Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste, Fortaleza, 1999.

WEEDWOOD, B. História concisa da lingüística. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002, p.8-101.

TIBIRIÇÁ, L. C. *Dicionário Tupi-Português*. 2ª ed. Brasil: Traço Editora, 1984.

_____. *Dicionário Guarani-Português*. Brasil: Traço Editora, 1989.

UFMS. Questionário do Projeto Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul (ALMS), 1998.

ZÁGARI, M. R. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, V. de A. (Org.). *A Geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Editora da UEL, 1998, p. 31-54.

ZIAMANDANIS, C. M. Dialectología y Ordenadores. In: ALVAR, M. (dir.) *Manual de Dialectología hispánica: el español de España*. Barcelona: Ariel, 1996, p.55-62.

<www.douradosnews.com.br>

ANEXO

ATLAS LINGÜÍSTICO DE MATO GROSSO DO SUL
--

FICHA DO INFORMANTE

1 - DADOS DO INFORMANTE

A - DADOS PESSOAIS

Nome:

Apelido:

Local de nascimento:

Sexo:

Estado civil:

Profissão:

Idade:

B - GRAU DE INSTRUÇÃO

Analfabeto ()

Primário incompleto ()

Mobral ()

Primário completo ()

C - DOMICÍLIO

Endereço atual:

Morou sempre em:

Até aos anos morou em:

Dos anos até aos anos morou em: -

D - VIAGENS

No Estado de Mato Grosso do Sul:

Fora do Estado de Mato Grosso do Sul:

Prestou em: _____ no ano de: _____ Dispensado ()

F - CONTATOS LINGÜÍSTICOS.

G - PARTICULARIDADES DE ARTICULAÇÃO

H - CAPACIDADE DE RESPOSTA

2 - DADOS DOS PAIS E DO CÔNJUGE

Naturalidade do pai:

Naturalidade da mãe:

Naturalidade do cônjuge:

3 - DADOS DO INQUÉRITO

Local:

Data:

Inquiridor:

4 - OUTRAS OBSERVAÇÕES

5 - DADOS DE REGISTRO

Número da fita: _____ Lado: _____

Pista: _____

Horas de gravação: _____ de

Transcritor: _____

—

Revisor: _____ Data: _____

—

Quadro II
Estrutura do Questionário Lingüístico do Atlas Lingüístico de Ponta Porã - ALIPP

Questões Equivalentes			Questões Mantidas na Íntegra	Questões Mantidas com Ajustes na Redação	Questões Acrescentadas
ALMS (QSL)¹¹⁹	ALIPP (QSL)	ALIB (QSL)			
001 a 005	001 a 005		X		
008	006			X	
010	007		X		
013	008		X		
016	009		X		
018	010		X		
019	011		X		
021	012		X		
022	013		X		
024	014		X		
029	015		X		
030	016		X		
032	017		X		
033	018		X		
034	019		X		
	020	030	X		
036	021			X	
037	022		X		
043	023		X		
044	024		X		
045	025		X		
049	026		X		
050	027		X		
067	028		X		
	029				X
072	030		X		
077	031		X		

¹¹⁹ Questionário Semântico-Lexical.

Questões Equivalentes			Questões Mantidas na Íntegra	Questões Mantidas com Ajustes na Redação	Questões Acrescentadas
ALMS (QSL)	ALIPP (QSL)	ALIB (QSL)			
083	032		X		
084	033		X		
	034				X
	035				X
	036	068		X	
	037	067		X	
090	038			X	
091	039		X		
	040				X
	041 e 042				X
097	043		X		
100	044		X		
101	045			X	
102	046		X		
103	047		X		
104	048		X		
105	049		X		
106	050		X		
107	051			X	
108	052		X		
109	053			X	
110	054		X		
111	055		X		
112	056		X		
113	057		X		
	058 a 063				X
119	064		X		
122	065		X		
	066 e 067				X
127	068			X	
	069 a 072				X
129	073		X		
130	074		X		
131	075		X		

Questões Equivalentes			Questões Mantidas na Íntegra	Questões Mantidas com Ajustes na Redação	Questões Acrescentadas
ALMS (QSL)	ALIPP (QSL)	ALIB (QSL)			
132	076			X	
133/134	077			X	
135	078		X		
139	079		X		
140	080			X	
143	081		X		
144	082		X		
145	083		X		
147	084			X	
156	085		X		
157	086		X		
162	087		X		
168	088		X		
169	089		X		
175	090		X		
176	091		X		
182	092		X		
183	093			X	
184	094		X		
187	095		X		
188	096			X	
	097 e 098				X
190	099		X		
193	100		X		
194	101		X		
205	102		X		
206	103		X		
207	104		X		
208	105		X		
212	106		X		
214	107		X		
215	108		X		
216	109		X		
217	110		X		

Questões Equivalentes			Questões Mantidas na Íntegra	Questões Mantidas com Ajustes na Redação	Questões Acrescentadas
ALMS (QSL)	ALIPP (QSL)	ALIB (QSL)			
220	111		X		
221	112			X	
224	113		X		
225	114		X		
226	115		X		
227	116		X		
228	117		X		
229	118		X		
230	119		X		
231	120		X		
233	121		X		
238	122		X		
247	123			X	
248	124		X		
249	125		X		
250	126			X	
251	127		X		
252	128		X		
253	129		X		
254	130		X		
255	131		X		
256	132		X		
257	133			X	
258	134		X		
260	135			X	
261	136		X		
262	137		X		
270	138		X		
271	139			X	
272	140		X		
	141				X
274	142		X		
275	143		X		
276	144		X		

Questões Equivalentes			Questões Mantidas na Íntegra	Questões Mantidas com Ajustes na Redação	Questões Acrescentadas
ALMS (QSL)	ALIPP (QSL)	ALIB (QSL)			
277	145		X		
278	146		X		
285	147		X		
286	148		X		
287	149		X		
289	150		X		
290	151			X	
291	152		X		
294	153		X		
295	154		X		
300	155		X		
303	156		X		
304	157		X		
309	158			X	
310	159		X		
312	160		X		
313	161		X		
318	162		X		
319	163		X		
320	164			X	
	165 e 166				X
321	167		X		
322	168				
323	169				
324	170				
325	171				
	172 a 177				X
326 a 328	178			X	
	179				X
330	180		X		
332	181		X		
333	182		X		
334	183		X		
335	184			X	

Questões Equivalentes			Questões Mantidas na Íntegra	Questões Mantidas com Ajustes na Redação	Questões Acrescentadas
ALMS (QSL)	ALIPP (QSL)	ALIB (QSL)			
336	185		X		
340	186		X		
341	187		X		
342	188		X		
343	189			X	
	190				X
	191				X
	192				X
	193				X
344	194			X	
	195 e 196				X
345	197		X		
346	198		X		
347	199			X	
352	200			X	
353	201			X	
	202				X
354	203				
355	204		X		
	205				X
358	206		X		
359	207		X		
361	208			X	
407	209		X		
410	210		X		
411	211		X		
417	212		X		
422	213			X	
424	214		X		
425	215		X		
426	216		X		
427	217		X		
428	218		X		
429	219		X		

Questões Equivalentes			Questões Mantidas na Íntegra	Questões Mantidas com Ajustes na Redação	Questões Acrescentadas
ALMS (QSL)	ALIPP (QSL)	ALIB (QSL)			
435	220		X		
436	221		X		
437	222		X		
439	223		X		
442	224			X	
444	225		X		
449	226		X		
450	227		X		
451	228		X		
453	229		X		
454	230		X		
455	231		X		
456	232		X		
457	233		X		
458	234		X		
459	235		X		
461	236			X	
462	237			X	
463	238			X	
464	239		X		
466	240		X		
467	241		X		
468	242		X		
469	243		X		
	244	166	X		
470	245		X		
471	246		X		
472	247		X		
473	248		X		
474	249		X		
475	250		X		
476	251		X		
479	252		X		
480	253		X		

Questões Equivalentes			Questões Mantidas na Íntegra	Questões Mantidas com Ajustes na Redação	Questões Acrescentadas
ALMS (QSL)	ALIPP (QSL)	ALIB (QSL)			
481	254		X		
	255 e 256				X
507	257		X		
508	258		X		
509	259			X	
510	260		X		
	Narrativa 1.				X
Narrativa I	2.		X		

- O Extrato do Questionário Lingüístico do ALIPP ficou com o total de 262 questões na versão final.

APÊNDICE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

ATLAS LINGÜÍSTICO DO MUNICÍPIO DE PONTA PORÃ - MS

ALiPP

QUESTIONÁRIO LINGÜÍSTICO

JULHO

2005

**EXTRATO DO QUESTIONÁRIO LINGÜÍSTICO DO PROJETO ATLAS
LINGÜÍSTICO DE MATO GROSSO DO SUL ADAPTADO PARA A ELABORAÇÃO
DO ATLAS LINGUISTICO RURAL DE PONTA PORÃ- MS**

QUESTIONÁRIO LINGÜÍSTICO

I - NATUREZA

1 - ACIDENTES GEOGRÁFICOS

001. TERRENO SEM ELEVAÇÕES

... aquele terreno bem plano? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

002. ELEVAÇÃO DE TERRENO

... uma elevação de terreno não muito alta? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

003. TERRENO BAIXO PRÓXIMO A UM RIO

... o terreno baixo, próximo a um rio? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

004. TERRENO PLANO ENTRE MORROS

... um terreno plano entre dois morros? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

005. TERRENO COBERTO DE ÁGUA QUANDO O RIO SOBE

E o terreno que permanece coberto de água cada vez que o rio sobe demais? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

006. RIO PEQUENO

... rio pequeno e estreito, de mais ou menos três metros de largura? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

007. MARGEM DO RIO

E o terreno situado de um lado e de outro de um rio? Tem um nome para isso em espanhol ou em guarani?

008. CAMPO COBERTO POR ÁGUAS DE CHUVA

... o campo quando alagado por águas de chuva? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

009. AÇUDE

... a extensão de água que se forma nas baixadas, tanto naturalmente como construída pelo homem? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

010. TERRENO ÚMIDO

... a terra muito macia e lodosa em que se afundam os pés ao passar nela? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

011. GRANDE QUANTIDADE DE ÁGUA PARADA

... uma grande quantidade de água parada cercada de terra por todos os lados? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

012. LUGAR ONDE O RIO NASCE

... o lugar de onde a água sai da terra? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

013. PARTES ALTAS AO LADO DAS ESTRADAS

... as partes altas em cada lado das estradas? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

2 - FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS

014. VENTO BRANDO DA TARDE

... o vento brando e fresco que sopra à tarde? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

015. RODA EM VOLTA DA LUA

... aquela roda que fica em volta da lua? Ela indica alguma coisa? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

016. MANCHAS NA LUA

Na lua cheia, o que as pessoas dizem enxergar na lua? O que representam essas manchas? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

017. NEVOEIRO/CERRAÇÃO/NEBLINA

... aquela espécie de fumaça que se forma próximo ao solo, e que, nas estradas, impede os motoristas de enxergarem à distância? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

018. ESTRELA CADENTE

Nas noites estreladas, como se chama aquela estrela que parece caminhar no céu? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

019. ESTRELA D'ALVA

E aquela estrela grande que a gente vê até quando o dia está clareando? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

020. ESTRELA VESPERTINA/ VÊNUS/ESTRELA DA TARDE

De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais. Como chamam esta estrela? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

021. EM NOITES ESTRELADAS, AQUELA FAIXA ESBRANQUIÇADA NO MEIO DO CÉU

Em noites estreladas, aquela faixa esbranquiçada, que fica bem no meio do céu, em noites estreladas? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

022. LISTRAS COLORIDAS QUE APARECEM NO CÉU DEPOIS DA CHUVA

- a) ... listras coloridas que aparecem no céu depois da chuva?
- b) Conhece outros nomes dados a isso? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

023. CHUVA RÁPIDA DE VERÃO

... a chuva de verão que dá e passa logo? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

024. CHUVAS COM PEDACINHO DE GELO

E quando chove e caem pedacinhos d'água de gelo, como se chama essa chuva? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

025. CHUVA COM VENTO FORTE

... aquela chuva com vento forte, que pode até derrubar casas? Conhece outros nomes para isso? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

026. REDEMOINHO

... aquele vento forte que vai girando e levanta poeira, folhas e outras coisas leves? (fazer gestos). Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

027. ORVALHO

... aquelas gotinhas de água que molham a grama de manhã? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

3 - FLORA**028. MUITAS ÁRVORES JUNTAS**

...o lugar onde existem muitas árvores? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

029. IPÊ ROXO, AMARELO

... aquela árvore que, quando florida, tem folhagens amarelas, outras tem as folhagens cor-de-rosa, outras tem folhagens avermelhadas, é utilizada na fabricação de móveis? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

030. PEQUENO AGRUPAMENTO DE ÁRVORES NO CAMPO COM FORMATO ARREDONDADO

... o lugar no campo, não muito extenso, onde existem muitas árvores juntas, formando uma área mais ou menos arredondada? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

031. FRUTA MENOR QUE A LARANJA QUE SE DESCASCA COM A MÃO

E o nome de uma fruta menor que a laranja e que se descasca com a mão? (Apurar as designações e a descrição da fruta) Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

032. BANANAS GRUDADAS

Que nome se dá àquelas bananas que nascem grudadas? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

033. COGUMELOS

E aqueles chapeuzinhos que nascem no chão úmido ou nos paus podres? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

034. ERVA MEDICINAL DE SABOR AMARGO

Conhece uma erva medicinal de sabor amargo, folhinhas miúdas de cheiro forte que serve para dor de estômago? Conhece um nome para essa erva em Espanhol ou em Guarani?

035. CAPIM SANTO/ERVA CIDREIRA

Como chama aquela planta de folhas compridas e finas com que se faz um chá que serve como calmante? Conhece um nome em Guarani ou Espanhol para ela?

4 - FAUNA**036. AVE QUE, SE CRIADA EM CASA, APRENDE A FALAR**

... uma ave que pode ser criada em casa que tem penas coloridas e que aprendem a falar? Conhece um nome em Guarani ou Espanhol para ela?

037. AVE PARECIDA COM A GALINHA QUE TEM PENAS PRETAS DE BOLINHAS BRANCAS

... aquela ave parecida com a galinha que tem penas pretas de bolinhas brancas? Conhece um nome em Guarani ou Espanhol para ela?

038. PÁSSARO QUE FAZ A SUA CASINHA COM TERRA NAS ÁRVORES E POSTES

... aquele pássaro que faz sua casinha com terra, nas árvores, nos postes? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

039. AVE BRANCA DE PESCOÇO FINO COMUM NOS CAMPOS NO MEIO DO GADO

... aquela ave, geralmente branca, de pescoço fino, muito comum, principalmente nos campos, no meio do gado? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

040. CAVALO COM MANCHAS PELO CORPO

... daquele cavalo que tem manchas pelo corpo? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

041. CAVALO COM MANCHAS NA TESTA E NAS PATAS

... e aqueles que têm manchas só na testa e nas patas? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

042. CAVALO USADO EM CORRIDAS

... aquele cavalo que é usado em corridas? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

043. CAVALO BEM NOVINHO

... cavalo bem novinho? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

044. CONJUNTO DE PEÇAS QUE SE COLOCAM SOBRE O CAVALO PARA PREPARÁ-LO PARA MONTAR

... conjunto de peças que se colocam sobre o cavalo para prepará-lo para montar? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

045. CINCHA

... a peça de couro que é passada por cima do arreio para apertá-lo na barriga do cavalo? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

046. BAIXEIRO

... a peça do arreamento que se coloca embaixo do arreio? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

047. PELEGO

E a peça do arreamento que se usa em cima do arreio para deixá-lo macio? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

048. BALDANA

... a peça de couro macio usada sobre os pelegos?

049. CAVALO QUE ESTÁ PRONTO PARA SER MONTADO

Como se diz do cavalo que está pronto para ser montado? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

050. DESCER DO CAVALO É...

Descer do cavalo é... Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

051. MACHO REPRODUTOR EM REBANHOS BOVINOS

Como é chamado o macho que exerce a função de reprodutor em rebanhos bovinos? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

052. RÊS BEM NOVINHA

... a rês bem novinha? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

053. SOBREANO

E o [v. 052] com mais de um ano e menos de dois? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

054. ANIMAL QUE TEM UM SÓ CHIFRE

... o animal que só tem apenas um chifre? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

055. ANIMAL SEM CHIFRES

E o animal sem chifre? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

056. ANIMAL CRIADO SEM NUNCA VIR AO MANGUEIRO

... aquele animal que nasceu e se criou no mato, sem nunca vir ao mangueiro? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

057. LUGAR DO CAMPO ONDE O GADO SE REÚNE PARA DORMIR

... o lugar onde o gado se reúne para dormir no campo? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

058. PEIXE GRANDE QUE TEM O COURO RAJADO COM VÁRIAS MANCHAS PRETAS

E aquele tipo de peixe grande cujo couro é rajado com várias manchas pretas, não tem espinhas e se prepara, geralmente, cozido? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

059. COBRA QUE TEM LISTRAS PRETAS E VERMELHAS PELO CORPO

Como se chama aquela cobra que tem listras vermelhas e pretas pelo corpo? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

060. COBRA PRETA SEM VENENO QUE MATA ESMAGANDO O CORPO DA VÍTIMA

E aquele outro tipo de cobra que tem um veneno mortal que pode matar a vitima em poucos minutos? Parece ter um chocalho na ponta da calda. Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

061. COBRA PRETA SEM VENENO QUE MATA ESMAGANDO O CORPO DA VITIMA

Como se chama aquela cobra preta que pode ter muitos metros de comprimento. Não possui veneno, mas mata suas vitimas esmagando-as até quebrar todos os ossos para poder engoli-las inteiras? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

062. TATU CUJA CARNE LEMBRA A CARNE DAS AVES CASEIRAS

... um tipo de tatu cuja carne tem um sabor que lembra a carne das aves caseiras? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

063. TATU QUE DIZEM COMER CARNE DE DEFUNTO

E aquele tatu que dizem comer carne de defuntos? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

064. BICHO QUE SE PARECE COM O JACARÉ E GOSTA DE COMER OVOS

Como se chama aquele bicho que se parece com o jacaré, mas é bem menor e gosta de comer ovos? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

065. INSETO QUE VOA À NOITE ACENDE E APAGA UMA LUZINHA

E o insetinho que voa à noite e acende e apaga uma luzinha? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

066. TIPO DE ABELHA PRETA MUITO BRAVA

E aquele tipo de abelha preta muito brava e cujo ferrão deixa o local muito dolorido e inchado? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

067. ABELHA JATAÍ

... aquele tipo de abelha bem pequenina e que produz um tipo de mel que é usado para curar doenças em crianças? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

068. CASA DE MARIMBONDOS E SIMILARES

a) ... o lugar onde moram os marimbondos? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

b) E a casa das abelhas? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

069. FORMIGA DOCEIRA

Como se chama aquele tipo de formiga que gosta de coisas doces? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

070. FORMIGA LAVA-PÉ

E aquela que corta folhas e flores dos jardins? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

071. FORMIGA QUEM-QUEM

E aquela que é bem pequenina e de uma cor clara que pica muito dóido? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

072. FORMIGA CABEÇUDA

E aquela bem grande que, geralmente, é de cor preta? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

073. CAMINHO DE FORMIGAS

... o caminho que essas formigas fazem? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

074. TIPO DE MOSCA QUE PÕE BICHOS

... Um tipo de mosca grande que faz um barulhão quando voa? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

075. PICADA DE INSETO

O que faz o mosquito, o marimbondo, a formiga, quando ataca a gente? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

076. INSENTO QUE CANTA NO OUVIDO DA GENTE À NOITE E PICA DOÍDO

Qual o nome daquele inseto pequeno que, à noite, fica cantando no ouvido da gente e pica doído? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

II - HOMEM**5 - CORPO HUMANO****077. CABEÇA**

Como se chama isto? (mostrar) E quando se fala o nome dessa parte do corpo em tom de brincadeira? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

078. O QUE SE TEM DENTRO DA CABEÇA

O que se tem dentro da cabeça? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

079. ROSTO

Como se chama esta parte do corpo? (apontar) Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

080. FACE

Como se chama isto? (mostrar) Conhece outros nomes para essa parte do corpo? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

081. PÁLPEBRAS

Com se chama isto? (mostrar) Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

082. SOBRANCELHAS

E isto? (mostrar) Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

083. CÍLIOS

E estes pêlos aqui? (mostrar) Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

084. A CERINHA QUE AS PESSOAS TIRAM DO NARIZ COM O DEDO

Que nome se dá àquela cerinha que as pessoas, sobretudo as crianças, tiram do nariz com o dedo? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

085. PESSOA SEM DENTES

... a pessoa sem dentes? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

086. O QUE SE USA NO LUGAR DOS DENTES

... aquilo que as pessoas sem dentes usam no lugar dos dentes? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

087. CAROÇO QUE OS HOMENS TÊM NO PESCOÇO

E o caroço que os homens têm aqui? (mostrar) Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

088. LUGAR DENTRO DA BARRIGA DA MÃE ONDE FICA A CRIANÇA ANTES DE NASCER

... o lugar dentro da barriga da mulher onde fica a criança antes de nascer? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

089. PARTE DO CORPO DA MULHER ONDE AS CRIANÇAS MAMAM

... a parte do corpo da mulher onde as crianças mamam? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

090. OSSO REDONDO DO JOELHO

... este osso redondo que fica sobre o joelho? (mostrar) Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

091. BARRIGA DA PERNA

E esta parte aqui? (mostrar) Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

6 - DOENÇAS MAIS COMUNS

092. DOR-D'OLHOS

... aquela doença que deixa os olhos vermelhados, inchados e quase fechados? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

093. BOLINHA VERMELHA QUE NASCE NAS PÁLPEBRAS

E aquela bolinha vermelha (v.q. 81) que nasce nas pálpebras? (mostrar) Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

094. MAL-OLHADO

E a doença que é provocada pelo olhar de certas pessoas? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

095. MAL-ESTAR QUE A MULHER SENTE DURANTE A GRAVIDEZ

... aquele mal-estar que a mulher sente durante a gravidez? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

096. PRISÃO DE VENTRE

O que se diz que a pessoa tem quando ela não consegue evacuar, soltar ventos? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

097. SAPINHO

... aquela doença que dá em recém nascidos que enche a boquinha de coisinhas brancas?

098. QUEBRANTO

E quando a criança fica meio tristonha e suas fezes ficam esverdeadas, se diz que ela está com...

099. MAL DE SETE DIAS

Quando o umbigo da criança inflama e ela morre antes de completar sete dias, diz-se que morreu de quê? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

100. BÓCIO/PAPADA

Que têm as pessoas com o pescoço que parece sempre inchado? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

101. VERTIGEM

Quando a pessoa vai desmaiar sente o quê? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

102. DOR DE BARRIGA

Quando se come demais ou alguma coisa faz mal, como se chama aquele mal-estar que se sente? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

103. DIARRÉIA

E se alguém, depois disso, necessita de ir ao banheiro toda hora, o que tem? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

104. OS GRÃOS COMO QUE DE AREIA QUE SE FORMAM NOS RINS

E aqueles grãos, como de areia, ou até maiores que se formam nos rins? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

105. SARNA

Uma doença da pele que dá uma coceira que não cessa? Pode-se pegá-la de animais. Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

7 - FUNÇÕES DO CORPO HUMANO

106. SANGUE QUE A MULHER PREDE TODO MÊS

Que nome se dá ao sangue que a mulher perde todo mês? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

107. VASILHA ONDE AS PESSOAS URINAM DURANTE A NOITE SEM SAIR DO QUARTO

Vasilha onde as pessoas urinam durante a noite sem sair do quarto? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

108. DEFECAR

Quando a gente está com dor de barriga, sente vontade de quê? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

109. FEZES

Quando a gente vai fazer exame para ver se tem vermes, leva o quê ao laboratório? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

110. RAMELA

... aquela bolinha amarela que se forma no canto do olho? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

8 - CARACTERÍSTICAS FÍSICAS

111. CAOLHO (ZAROLHO)

... aquela pessoa que só enxerga com um olho porque perdeu o outro? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

112. VESGO (OLHO TORTO)

E o indivíduo que tem os olhos virados, que parece que está olhando para um lado e está olhando para outro? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

113. COXO/RENGO

E a pessoa que tem defeito numa das pernas e anda com dificuldade? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

114. PERNETA

E a pessoa que só tem uma perna? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

115. CAMBOTA

... pessoa que tem as pernas arqueadas para dentro? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

116. ZAMBETA

E a que tem as pernas voltadas para fora, os dois pés tortos? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

117. SARACURA

... a mulher que tem as pernas muito finas e compridas? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

118. CORCUNDA

E a pessoa que tem um calombo nas costas e anda arqueado? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

119. NARIGUDO

E quem tem o nariz muito grande? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

120. GRISALHOS

Como ficam os cabelos quando a pessoa começa a envelhecer? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

121. FANHOSO

... a pessoa que fala pelo nariz? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

9 - CULTURA E CONVÍVIO

122. GRINGO

Como as pessoas costumam chamar os estrangeiros que vivem aqui? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

123. MAL-EDUCADA

... uma pessoa que tem maus modos, responde mal às pessoas? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

124. RANZINZA

E a pessoa que parece estar sempre irritada? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

125. ESPÍRITO-DE-PORCO

... a pessoa maldosa, que não deixa os outros em paz? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

126. BURRO

E aquele indivíduo que tem dificuldades para aprender as coisas e não entende nada? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

127. TRAQUINA

... uma criança que faz artes e mexe em tudo? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

128. FACEIRA

... a pessoa que gosta de se enfeitar e anda sempre bem vestida? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

129. CONVENCIDA

E aquela pessoa que se acha muito bonita e importante? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

130. PROSTITUTA

E a mulher de vida fácil, que vende o corpo? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

131. CHIFRUDO

E o homem casado que é enganado pela mulher? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

132. BÊBADO

Quando alguém toma muita bebida alcoólica, diz-se que está... Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

133. BENZEDEIRA

E a pessoa que cura as pessoas com orações, e normalmente usando um ramo de planta? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

134. CURANDEIRO

... a pessoa que cura as outras através de remédios caseiros, de garrafadas? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

135. SOVINA

Pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa necessidades para não gastá-lo? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

136. PARTEIRA

A mulher que ajuda as crianças a nascer? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

137. DISSIMULADA

Pessoa que na frente da gente age de um jeito e por trás age muito diferente? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

138. DESIGNAÇÕES PARA DINHEIRO

O que a gente precisa ter para fazer compras? Que outros nomes são dados ao dinheiro? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

139. POSSEIRO

... a pessoa que mora e trabalha em terras alheias, sem licença do dono? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

140. USUCAPIÃO

E quando uma pessoa ocupa terra de outra por muito tempo, e se torna dono dela, que nome se dá a isso? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

141. BRASIGUAIO

Que nome que se dá para o paraguaio que vem morar no Brasil ou para o brasileiro que mora no Paraguai? Existe diferença na forma de nomear essas pessoas?

10 - CICLOS DA VIDA**142. GRÁVIDA**

Quando a mulher está esperando filho diz-se que ela está... Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

143. DAR À LUZ

E quando a criança nasce diz-se que... Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

144. RESGUARDO

Que nome se dá àquele período após o parto em que a mulher fica de repouso? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

145. PLACENTA

Como se chama aquela bolsa que ao arrebentar a criança nasce? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

146. BEBÊ

Como se diz para a criança recém nascida ou com poucos meses? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

147. GUACHO

... a pessoa ou animal que se criou sem o leite materno? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

148. AMA DE LEITE

Quando a mãe não tem leite e outra pessoa amamenta a criança, como é chamada essa mulher? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

149. GÊMEOS

E duas crianças que nascem no mesmo parto? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

150. FILHO ADOTIVO

A criança que não é filha do casal, mas que é criada como se fosse? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

151. CAÇULA

... o filho que nasceu por último? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

152. MENINO/MENINA

O que é uma criança de 5 a 10 anos: a) do sexo masculino? b) do sexo feminino? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

153. NAMORADOS

Um rapaz e uma moça que se gostam e ainda não são noivos, são... Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

154. ACOMPANHANTE DOS NAMORADOS

A pessoa que sai junto com os namorados é o quê? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

155. AMASIADO

Quando um homem e uma mulher vivem juntos sem serem casados, eles são o quê? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

156. FILHO ILEGÍTIMO

... o filho de pais não casados? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

157. MORRER

O contrário de nascer é... Conhece outras denominações para morrer? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

158. VELÓRIO DA CRUZ

No sétimo dia da morte, o que as pessoas que perderam o ente querido costumam fazer aqui? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

159. ASSOMBRAÇÃO

Há pessoas que dizem ter visto os mortos aparecerem para eles. Quando isto acontece, como se chama isso? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

160. XARÁ

... a pessoa que tem o mesmo nome da gente? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

161. REJEITADA

... a criança que os pais não querem cuidar, que abandonam? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

11 - RELIGIÃO E CRENÇAS

162. DIABO

Deus está no céu, e no inferno está o... Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

163. DIABO (outras denominações)

Quais os outros nomes que se dá ao diabo? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

164. SACI-PERERÊ

Falam de um negrinho de uma perna só, que usa cachimbo na boca, que costuma visitar casas onde se tem crianças que ainda não foram batizadas. Que nome dão a ele? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

165. POMBEIRO (TIPO DE ASSOMBRAÇÃO; ESPÍRITO)

Falam de um tipo de espírito de bugre, semelhante ao saci, que costuma visitar casas tocando uma gaita feita de taquara. É um tipo de assombração, que nome dão a ele? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

166. ENTERRO(TIPO DE ASSOMBRAÇÃO; ENTERRO DE OURO)

Falam também de um tipo de espírito que aparece para pessoas pra lhes avisar de ouros escondidos debaixo da terra. É um tipo de assombração que tem a ver com a guerra do Paraguai, dizem que as pessoas ricas matavam os empregados que cavavam o lugar onde iria ficar o ouro e os seus cadáveres eram postos junto ao tesouro, como chama isso? Tem algum nome em Espanhol ou em Guarani?

167. AGOURENTAS

A presença de certas pessoas ou animais, é considerada como sinal de desgraça. Elas são... Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

168. DESTINO/SINA

Há pessoas que crêem que Deus escolheu para cada pessoa um caminho que deverá seguir em sua vida. Como se chama isso? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

169. FEITIÇO

... aquilo que se pode fazer com a ajuda dos maus espíritos para prejudicar alguém? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

170. AMULETO/BREVE

Como se chama aquilo que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar os males? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

171. TIPOS DE AMULETOS (explicar)

Quais os tipos de amuleto que conhece? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

172. SANTO ANTÔNIO

Qual o nome do santo casamenteiro? Conhece um nome para ele em Espanhol ou em Guarani?

173. SENHORA APARECIDA

Como se chama o padroeiro ou padroeira de Ponta Porã? Conhece um nome para ela em Espanhol ou em Guarani?

174. PERPETUO SOCORRO

Que santa se comemora nos dias dezoito e dezenove de junho aqui na fronteira? Conhece um nome para ela em Espanhol ou em Guarani?

175. SANTA DE CACUPÊ / NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

a) Como se chama a santa festejada no dia oito de dezembro que apareceu num pé de erva-mate, cuja capela fica perto de Assunção, no Paraguai? Qual o nome dessa santa no Brasil?

b) Qual a padroeira do Paraguai? Por quê?

176. GALOPEIRA

Como chama aquela dança que os adultos dançam com uma garrafa na cabeça, geralmente reúnem os vizinhos e amigos?

177. FESTA DEDICADA A UM SANTO EM QUE HÁ BRINCADEIRA, JOGOS E COMIDAS

Que nome recebe a festa que há brincadeiras, jogos, comidas e que, geralmente, é dedicada a um santo?

12 - ALIMENTAÇÃO E UTENSÍLIOS

178. REFEIÇÕES (NOMES DAS REFEIÇÕES)

Quantas refeições fazem por dia aqui, qual a hora e o nome de cada refeição?

Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

179. MILHO SABORÔ /CANJICA/ MILHO KACU

... o milho cultivado no Paraguai que é utilizado no preparo de comidas típicas aqui da fronteira? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

180. DESIGNAÇÕES PARA COMER

Na brincadeira, quais as outras maneiras de se dizer comer? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

181. COMIDAS DA PRIMEIRA REFEIÇÃO

O que se costuma comer pela manhã, na primeira refeição? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

182. COMIDAS DO ALMOÇO

E no almoço o que se costuma comer? Para essas comidas conhece nomes em Espanhol ou em Guarani?

183. COMIDAS DA NOITE

E à noite o que se come normalmente? Para essas comidas conhece nomes em Espanhol ou em Guarani?

184. COMIDAS DE FESTAS

E nas festas, quais os pratos típicos aqui da fronteira que as pessoas gostam de oferecer aos convidados? Por exemplo, aquele tipo de comida assada, acompanhada da mandioca; aquele outro prato que é feito com muito caldo, carne com ossos e legumes? Conhece algum tipo que tem o nome em Espanhol ou em Guarani?

185. MANDIOCA

... aquela raiz longa de casca marrom que se planta a rama e que se come aferventada, cozida ou frita? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

186. CARIBÉU

... aquela comida feita com carne e mandioca picadinhos e muito caldo? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

187. PAMONHA

... aquela comida que é feita de milho verde ralado e é cozida na própria palha? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

188. ARROZ CARRETEIRO

E aquela comida feita com carne seca, cortada em pedacinho e arroz? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

189. SOPA PARAGUAIA

E aquele bolo feito de fubá ou de um tipo de milho branco cultivado no Paraguai, com queijo ralado, cebola e óleo, que se costuma comer na Sexta-feira Santa?

190. PUCHEIRO

Há uma comida que é feita com bastante tempero, verduras, legumes, carne com ossos e bastante água. Leva-se ao fogo durante muito tempo e depois de bem cozido fica com um caldo bem grosso. Como se chama essa comida?

191. BORI-BORI

E aquela outra comida que é semelhante ao [v. q. 189], com o acréscimo de bolinhos feitos de milho branco, moído e amassado?

192. LOCRO

E aquela comida que se parece com [v. q. 189], se faz com carne guisada, batatas, cebola, com a diferença no preparo, pois há o acréscimo do milho branco (canjica), bem limpinho e socado, amolecido na água de um dia para outro?

193. PUCHERADA

Como se chama a comida que é só do caldo do [v. q. 189], tomado bem quente em canecas e que é acompanhado de vinho?

194. CHIPA

E o nome daquele tipo de bolinho assado, feito com polvilho, queijo ralado e gordura, enrolado como rosquinha, às vezes em forma de ferradura?

195. CHIPAGUAÇU

E o nome daquele tipo de bolo, feito com o milho branco, queijo ralado e ovos que parece com a sopa paraguaia?

196. CABURÉ

E o nome daquele tipo de bolinho assado em forno a lenha, feito com o sal, queijo e massa de mandioca crua ou cozida que lembra a chipa?

197. PINGA

Como se chama aquela bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar? Que outros nomes se dá a essa bebida? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

198. APERITIVO

Como se chama a bebida alcoólica que as pessoas costumam tomar antes das refeições? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

199. BOTEÇO/ BOLICHO

... o local onde as pessoas costumam tomar um traguinho de pinga e também podem comprar alguns tipos de alimento? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

200. TERERÉ

Como se chama aquela bebida refrescante, feita com erva-mate e água gelada que se toma com uma bombilha? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

201. MATE

E se a bebida for feita com erva-mate e água quente, e às vezes com ervas medicinais? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

202. MATE DOCE

E se essa bebida for feita com leite quente e coco?

203. MATULA

Como se chama aquela comida que as pessoas levam para comer durante a viagem, geralmente os vaqueiros? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

204. MORINGA

E aquela vasilha pequena de barro de três a quatro litros, onde se guarda água para beber? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

205. SESTA

Como se chama aquela hora, depois do almoço, em que as pessoas descansam e tiram uma soneca? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

206. CORADOURO

Lugar onde as mulheres põem a roupa para tomar sol, quando estão lavando? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

207. POTE

E o recipiente grande, de barro, usado para guardar água para beber? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

208. CUIA

E o recipiente feito de poronga ou de chifre de boi, usado para tomar mate, tereré? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

14 - HABITAÇÃO**209. RANCHO**

Como se chamam aquelas casas bem pobres, construídas de pau-a-pique, cobertas geralmente de capim? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

210. TAPERA

Que nome se dá ao rancho ou casa abandonada? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

211. GALPÃO

E a construção feita principalmente nas fazendas, para os peões morarem provisoriamente ou guardarem seus pertences? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

212. CASA SEDE

E a casa do fazendeiro, do patrão, como se chama? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

15 - TRABALHO E ATIVIDADES AGROPASTORIS**213. AGRICULTOR**

Como se chama a pessoa que planta e colhe produtos agrícolas? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

214. ARAR

Aquele instrumento puxado por boi ou cavalo, é usado para quê? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

215. GRADEAR

Para quebrar os torrões de terra e aplinar a terra o que é preciso se fazer? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

216. GRADE

... o instrumento usado para isso? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

217. ROÇAR

Como se diz quando se vai preparar a terra, derrubando o mato baixo? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

218. ROÇA

... o lugar onde se planta milho, arroz, soja? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

219. CARPIR

Quando se vai limpar o matinho com a enxada diz-se que vai se fazer o quê? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

220. CABELOS DO MILHO

... aqueles fios que ficam na ponta da espiga de milho? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

221. RESTOLHO

... aquela espiga que quase não tem grãos? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

222. BANDEIRA

... aqueles montes de milho colhido que o roceiro vai formando na própria lavoura? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

223. MÃO DE MILHO

Como se mede a quantia de espigas colhidas? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

224. VAGEM

Os grãos de feijão antes de colher do pé ficam dentro de quê? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

225. PAIOL

... o depósito onde se guarda a colheita? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

226. RODA D'ÁGUA

... e aquela armação bem alta, com uma roda de hélice na ponta, tocada pelo vento e que serve para tirar água de poço? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

227. CAPATAZ

... a pessoa que cuida da fazenda quando o dono não está? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

228. ARRENDATÁRIO

... a pessoa que aluga a terra para criar ou plantar? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

229. BOIADEIRO

E a pessoa que compra e vende gado? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

230. PEÃO CAMPEIRO

... a pessoa que é paga para realizar o trabalho de campo nas fazendas? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

231. PEÃO PRAIEIRO/CASEIRO

... a pessoa que é paga para realizar o trabalho em volta da sede de uma propriedade rural? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

232. CHANGUEIRO

E a pessoa que não tem trabalho fixo, realiza um serviço aqui, outro ali? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

233. APARTAÇÃO

Quando se reúne o gado no mangueiro para vaciná-lo, para separá-lo, diz-se que se vai fazer o quê? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

234. CARNEAR

Quando se vai matar a rês gorda para consumo da fazenda, diz-se que se vai fazer o quê? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

235. MATULA

Essa rês como é chamada? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

16 - BRINQUEDOS E DIVERSÕES

236. BOLITA

Que nome se dá àquelas coisinhas redondas de vidro com que as crianças gostam de brincar? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

237. BURQUINHO NO CHÃO QUE AS CRIANÇAS FAZEM PARA JOGAR A BOLITA

Como se chama o burquinho que as crianças fazem no chão com as [v. q. 236]? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

238. ESCONDE-ESCONDE

... a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

239. CABRA-CEGA

E aquela em que uma das crianças, com os olhos amarrados com um pano, procura as outras que estão na brincadeira? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

240. PANDORGA

Que nome se dá àquele brinquedo feito de papel e amarrado numa linha bem comprida, que as crianças, quando está ventando, soltam no ar e ficam segurando pela linha? Conhece outros nomes para esse brinquedo? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

241. AMARELINHA

E a brincadeira que as crianças fazem riscando uns quadradinhos no chão e pulando. Vão tentando acertar uma pedrinha em cada quadradinho até chegar ao "céu"? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

242. PETECA

E o brinquedo que é feito de couro, com penas espetadas, que se joga com a palma da mão? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

243. COLA-COLA

Brincadeira em que um dos participantes corre atrás dos outros para tocá-los. Aquele que se deixar encostar, deve ficar imóvel até outro descolá-lo? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

244. BALANÇO

... uma taboa, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? *Mímica*. Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

245. GANGORRA

E o brinquedo que as crianças fazem, colocando uma tábua sobre alguma coisa. Cada criança se senta numa ponta e ficam se balançando? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

246. QUEIMADA

E a brincadeira em que uma turma de crianças fica de um lado e outra fica de outro e tentam acertar umas às outras com uma bolinha? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

247. PASSA-ANEL

E uma brincadeira em que uma criança, com um pequeno objeto entre as mãos, passa de criança a criança, deixando o objeto com uma delas? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

248. CHICOTE QUEIMADO

E aquela em que as crianças ficam em círculo, com as mãos para trás, para receber um objeto. A que receber persegue o seu vizinho de roda, percorrendo todo o círculo? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

249. PEGADOR

E a brincadeira em que as crianças correm para que uma delas não as toque antes de chegar ao lugar combinado? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

250. PIQUE

Que nome dão ao lugar combinado? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

251. ARAPUCA

... a armadilha que os meninos fazem para pegar passarinhos? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

252. RINHA DE GALO

Quando se colocam dois galos numa roda para brigarem, como se chama isso? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

253. CARREIRADA

... o divertimento em que as pessoas colocam dois cavalos para correr numa pista reta e fazem apostas? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

254. ESTILINGUE

Como se chama aquele objeto feito pelos meninos, com uma forquilha de pau e duas tiras de borracha amarradas nas pontas, usado para atirar pedras em passarinhos? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

255. POLCA

... e aquela música e dança que é ritmada, se dança aos pares em compasso muito rápido, bastante tocada nos bailes e nas rádios aqui da fronteira? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

256. CHAMAMÉ

... aquela dança preferida nas festas da fronteira que lembra o forro, porém, é tocada com músicas típicas dessa região? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

III - SUPERSTIÇÕES, SIMPATIAS E LENDAS

257. SORTE E AZAR

As pessoas costumam acreditar em coisas que dão sorte e que dão azar. O que acha que dá sorte? E azar?

258. SIMPATIAS

Quais as simpatias que conhece?

259. LENDAS E MITOS

Quais as lendas, histórias que são contadas sobretudo pelas pessoas mais idosas, que conhece?

260. APARIÇÕES E "CAUSOS"

Fale sobre aparições e causos interessantes aqui da região.

IV - NARRATIVA

1. Há pessoas que dizem ter visto os mortos aparecerem para elas. Conte um caso de aparição ou de assombração que o senhor (a) viu ou ouviu dizer.

2. Conte um fato de sua infância de que nunca se esqueceu até hoje.

OBRIGADA!!!
